

Quando a EJA



nos Ensinou

Cartas Pedagógicas sobre Encontros, Memórias e
Formação Docente do Território Velho Chico

Isaura Francisco de Oliveira
(Organizadora)



ISAURA FRANCISCO DE OLIVEIRA
(ORGANIZADORA)

QUANDO A EJA NOS ENSINOU

CARTAS PEDAGÓGICAS SOBRE ENCONTROS,
MEMÓRIAS E FORMAÇÃO DOCENTE DO
TERRITÓRIO VELHO CHICO

Editora Metrics
Santo Ângelo – Brasil
2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Curadoria editorial: Isaura Francisco de Oliveira

Projeto pedagógico: Isaura Francisco de Oliveira

Textos introdutórios das margens: Isaura Francisco de Oliveira

Fotografias: Primeira Margem - Solange Balisa Costa; Segunda à Quinta Margens -
Isaura Francisco de Oliveira

Revisão dos textos: As autoras e o autor, sob orientação editorial da organizadora

Correção linguística: Regiane Alves Fernandes

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Q1 Quando a EJA nos ensinou : cartas pedagógicas sobre encontros, memórias e formação docente do Território Velho Chico / organizadora: Isaura Francisco de Oliveira. - Santo Ângelo : Ilustração, 2026.
206 p. : il. ; 21 cm

ISBN 978-65-5397-338-1

DOI 10.46550/978-65-5397-338-1

1. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 2. Formação docente. I. Oliveira, Isaura Francisco de (org.).

CDU: 374.7

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: editora.metrics@gmail.com

<https://editorametrics.com.br>

Conselho Editorial

Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Cláudia Taís Siqueira Cagliari	ATITUS Educação, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Cristina Rezende Eliezer	PUC Minas, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Douglas Verbicaro Soares	UFRR, Boa Vista, RR, Brasil
Dr. Eder John Scheid	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Fernando de Oliveira Leão	IFBA, Santo Antônio de Jesus, BA, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dra. Helena Maria Ferreira	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Henrique A. Rodrigues de Paula Lana	UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
Dr. Jenerton Arlan Schütz	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dr. Jorge Luis Ordelin Font	CIESS, Cidade do México, México
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dr. Manuel Becerra Ramirez	UNAM, Cidade do México, México
Dr. Marcio Doro	USJT, São Paulo, SP, Brasil
Dr. Marcio Flávio Ruaro	IFPR, Palmas, PR, Brasil
Dr. Marco Antônio Franco do Amaral	IFTM, Ituiutaba, MG, Brasil
Dra. Marta Carolina Gimenez Pereira	UFBA, Salvador, BA, Brasil
Dra. Mércia Cardoso de Souza	ESEMEC, Fortaleza, CE, Brasil
Dr. Milton César Gerhardt	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Muriel Figueredo Franco	UZH, Zurique, Suíça
Dr. Ramon de Freitas Santos	IFTO, Araguaína, TO, Brasil
Dr. Rafael J. Pérez Miranda	UAM, Cidade do México, México
Dr. Regilson Maciel Borges	UFLA, Lavras, MG, Brasil
Dr. Ricardo Luis dos Santos	IFRS, Vacaria, RS, Brasil
Dr. Rivetla Edipo Araujo Cruz	UFPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Salete Oro Boff	ATITUS Educação, Passo Fundo, RS, Brasil
Dra. Vanessa Rocha Ferreira	CESUPA, Belém, PA, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil
Dra. Waldimeiry Corrêa da Silva	ULOYOLA, Sevilha, Espanha

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

Sobre as imagens: As imagens que acompanham esta obra foram produzidas no Rio São Francisco, na comunidade da Barrinha (BA), e procuram dialogar com a metáfora da travessia que organiza a coletânea. As fotografias das Segunda, Terceira, Quarta e Quinta Margens são de autoria de Isaura Francisco de Oliveira, registradas em julho de 2025. A fotografia que abre a Primeira Margem – Chegar às águas é de autoria de Solange Balisa Costa, gentilmente cedida para compor esta obra.

Às estudantes e ao estudante do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII, que aceitaram fazer da Educação de Jovens e Adultos não apenas um objeto de estudo, mas uma experiência de formação.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	13
Odair Ledo Neves	
APRESENTAÇÃO	17
Isaura Francisco de Oliveira	
À ESTUDANTE QUE EU ERA ANTES DE CONHECER A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	23
Aline da Silva Rodrigues	
DESCOBRINDO A EJA: O QUE APRENDI COM QUEM DECIDIU RECOMEÇAR.....	29
Fabília Dourado Ribeiro	
MINHA PRIMEIRA LIÇÃO SOBRE A EJA.....	33
Joana Darc de Oliveira Vieira	
APRENDER A OLHAR: ENTRE PRECONCEITOS E DESCOBERTAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	37
Laíza Lima de Carvalho	
O TEMPO DE CADA UM.....	45
Tamiris Oliveira de Castro	
ENTRE MEMÓRIAS E SABERES: O REENCONTRO COM A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	53
Cícera Cláudia da Silva	
MÃE, NOS ROSTOS DA EJA, ENCONTREI A SENHORA.....	63
Gabriela Conceição de Oliveira	
PARA MINHA VOZINHA TERTULINA: A EDUCAÇÃO QUE A SENHORA TAMBÉM ME ENSINOU	69
Gennifher Leocádio Santos	

MUITO ANTES DOS LIVROS, EU APRENDI COM VOCE MÃE.....	79
Guilherme Cristiano Cruz Mendes	
ENTRE MEMÓRIAS E ENCONTROS: O QUE APRENDI COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	85
Luiza Rocha Silva	
HERANÇAS DE ESPERANÇA: ENTRE AMOR E CUIDADO	93
Milena Guimarães Barbosa	
AO MEU PAI, COM GRATIDÃO E APRENDIZADOS	103
Patrícia Nogueira dos Santos	
DAS VIVÊNCIAS QUE ME MARCARAM	107
Viviane Lima de Jesus	
EDUCAR TAMBÉM É ACOLHER	115
Daniele Santos da Silva Gonçalves	
FOME DE CONHECIMENTO: MEMÓRIAS DE UMA VIVÊNCIA NA EJA	123
Karen da Silva Nogueira	
ENQUANTO MINHA MÃE VOLTAVA PARA A ESCOLA	133
Marilene de Oliveira Silva	
ENTRE VIVÊNCIAS E ESPERANÇA: Carta pedagógica de uma futura pedagoga	141
Raiane dos Santos Souza	
ENTRE O OLHAR DE ESTUDANTE E O OLHAR DE FUTURA PEDAGOGA: O QUE A EJA ME ENSINOU	147
Ana Clara Fialho Cardoso	
À COORDENADORA PEDAGÓGICA QUE CONTINUA ACREDITANDO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)....	155
Marla Santana Magalhães	

APRENDER A OLHAR: UMA CARTA À PROFESSORA QUE SEREI...	159
Mislane Araújo Santana	
A ESCOLHA QUE EU NÃO SABIA QUE FARIA	167
Stefanny Nogueira da Silva	
O LEGADO QUE ME TROUXE ATÉ A EJA.....	177
Emerson Rocha Neves	
ENTRE VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS: QUANDO A TEORIA ENCONTROU AS HISTÓRIAS DA EJA.....	185
Gleiciene Moreira de Souza,	
À SOMBRA DA MANGUEIRA, ESCREVO AO SENHOR	193
Isabella Xavier Silva	
ENTRE ENCONTROS E ESCRIVIVÊNCIAS: O QUE APRENDI COM A EJA	197
Núbia Ferreira Gonçalves	
POSFÁCIO	203
Mônica Clementino de Menezes	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	205

PREFÁCIO

Quando as cartas se tornam conhecimento

Há livros que apresentam resultados de pesquisa. Outros sistematizam teorias, discutem políticas públicas ou analisam experiências educativas. Este livro realiza um movimento menos frequente e, justamente por isso, mais significativo: transforma a experiência pedagógica em produção de conhecimento.

À primeira vista, o leitor encontrará uma coletânea de cartas escritas por estudantes de Pedagogia após suas vivências na Educação de Jovens e Adultos. Contudo, reduzir esta obra a um conjunto de relatos seria ignorar sua maior contribuição. O que estas páginas apresentam é um exercício de formação docente fundamentado na observação, na escuta, na reflexão crítica e na escrita como prática investigativa. Cada carta ultrapassa a dimensão autobiográfica para constituir-se como narrativa pedagógica capaz de produzir conhecimento sobre a docência, sobre a Educação de Jovens e Adultos e sobre os próprios sujeitos que a constroem.

A opção pela carta pedagógica não representa apenas uma escolha literária ou metodológica. Ela recupera uma tradição profundamente vinculada ao pensamento freireano. Paulo Freire compreendia a carta como um gênero capaz de instaurar diálogo, provocar reflexão e criar vínculos entre sujeitos comprometidos com a transformação da realidade. Escrever uma carta é dirigir a palavra a alguém, mas é também assumir responsabilidade diante do mundo. É por isso que estas cartas não narram simplesmente acontecimentos: elas interrogam práticas, problematizam concepções e registram deslocamentos produzidos pelo encontro entre universidade, escola e comunidade.

Nesse sentido, esta obra reafirma um dos princípios mais importantes da pedagogia de Paulo Freire: ninguém aprende apenas pela transmissão de conteúdos. Aprende-se quando a experiência é interrogada, quando o vivido se converte em reflexão e quando a palavra se torna consciência. Cada carta aqui reunida constitui exatamente esse movimento. As estudantes observam, escutam, registram, analisam e reinterpretam a realidade da Educação de Jovens e Adultos, produzindo um conhecimento que nasce da experiência, mas não permanece preso a ela.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Jorge Larrosa, para quem experiência não corresponde simplesmente ao que acontece, mas ao que verdadeiramente nos acontece e nos transforma. As narrativas desta coletânea revelam exatamente esse processo. O que começou como uma atividade de observação converte-se em travessia formativa. As futuras pedagogas deixam de olhar apenas para a escola e passam a reconhecer, nos sujeitos da EJA, histórias que dialogam com suas próprias trajetórias familiares, afetivas e profissionais. Ao escrever sobre os outros, acabam escrevendo também sobre si mesmas.

É precisamente aí que reside a originalidade desta obra.

Ao invés de apresentar descrições escolares ou relatórios de estágio, o livro oferece um conjunto de narrativas produzidas a partir da experiência vivida, permitindo compreender dimensões da Educação de Jovens e Adultos que dificilmente seriam alcançadas por instrumentos tradicionais de investigação. As cartas revelam emoções, memórias, silêncios, deslocamentos de olhar, processos de construção da identidade docente e formas de compreender a educação que emergem apenas quando o pesquisador aceita ser igualmente afetado pelo campo que observa.

Outro aspecto singular desta coletânea é sua profunda vinculação ao território. Não se trata apenas de um conjunto de cartas produzidas sobre a EJA. São cartas escritas a partir do Território Velho Chico. O Rio São Francisco não aparece apenas como cenário, mas como princípio organizador da própria arquitetura da obra. As cinco margens que estruturam o livro representam diferentes momentos da experiência formativa: chegar, recordar, escutar, transformar-se e escrever. Assim como o rio conecta comunidades, as cartas conectam memórias, gerações, saberes e experiências educativas, conferindo unidade a uma obra construída pela diversidade de vozes.

Essa escolha revela outra dimensão importante: a formação docente é compreendida como travessia. Não há ponto de chegada definitivo. Cada encontro produz novos deslocamentos, novas perguntas e novas formas de compreender a docência. Ao longo das cartas, percebe-se que a Educação de Jovens e Adultos deixa de ser apenas objeto de estudo para tornar-se experiência constitutiva da identidade profissional das futuras pedagogas.

Também merece destaque a contribuição desta obra para os estudos sobre formação inicial de professores. Em tempos nos quais grande parte das licenciaturas enfrenta o desafio de aproximar teoria e prática, esta coletânea demonstra que a universidade pode construir experiências formativas

fundamentadas na observação, na escuta sensível e na produção reflexiva. A escrita das cartas converte-se em exercício de pesquisa, interpretação e elaboração pedagógica, permitindo que a formação docente aconteça pela experiência vivida e criticamente analisada.

Por essa razão, este livro ultrapassa os limites de uma coletânea de textos produzidos em uma disciplina universitária. Constitui uma contribuição relevante para o campo da Educação de Jovens e Adultos, da formação docente e das metodologias narrativas em educação. As cartas aqui reunidas demonstram que a escrita pode ser simultaneamente memória, formação, investigação e produção de conhecimento.

Ao concluir a leitura, o leitor provavelmente perceberá que estas páginas produzem um efeito semelhante ao experimentado por suas autoras. Não sairá delas apenas conhecendo melhor a Educação de Jovens e Adultos. Sairá compreendendo que a docência começa quando aprendemos a escutar, que ensinar implica reconhecer os saberes produzidos nas trajetórias de vida e que a universidade encontra sua maior potência quando permite que seus estudantes sejam transformados pelos sujeitos com quem aprendem.

Em um tempo em que a Educação de Jovens e Adultos ainda luta pelo reconhecimento como política pública e como campo de produção científica, esta obra reafirma sua potência pedagógica, ética e epistemológica. Mais do que registrar encontros, ela demonstra que as narrativas produzidas no cotidiano escolar podem constituir conhecimento rigoroso, socialmente comprometido e profundamente humano.

Que estas cartas encontrem muitos leitores. E que, ao atravessar cada margem deste livro, possamos redescobrir aquilo que Paulo Freire jamais deixou de nos ensinar: **a educação acontece sempre no encontro entre pessoas que, dialogando sobre o mundo, transformam-se mutuamente.**

Prof. Dr. Odair Ledo Neves

Serra do Ramalho – Bahia

Julho de 2026

APRESENTAÇÃO

Quando a EJA nos ensinou: notas sobre uma experiência formativa

Este livro nasceu de um convite feito a estudantes do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII, em Bom Jesus da Lapa. Ao longo da disciplina Educação de Jovens e Adultos, propusemos não apenas o estudo de conceitos, legislações e referenciais teóricos sobre a modalidade, mas, sobretudo, a realização de uma experiência de aproximação com os sujeitos que constroem, cotidianamente, a EJA em nosso território.

Como parte desse percurso formativo, as estudantes realizaram observações em turmas de Educação de Jovens e Adultos e foram convidadas a registrar suas experiências por meio da escrita de cartas pedagógicas. Inspirada na tradição freiriana da carta como prática de diálogo, reflexão e compromisso ético com o outro, a proposta buscou criar um espaço em que a escrita ultrapassasse o caráter meramente acadêmico para tornar-se exercício de escuta, memória, experiência e formação.

O resultado superou nossas expectativas. As cartas aqui reunidas não se limitam a descrever escolas, aulas ou estudantes. Elas narram encontros. Revelam deslocamentos de olhar. Registram descobertas que transformaram concepções anteriormente marcadas por estereótipos e desconhecimentos acerca da Educação de Jovens e Adultos. Ao escrever, as autoras revisitaram suas próprias histórias, lembraram mães, pais, avós, professores e professoras, reconheceram marcas de suas trajetórias e compreenderam que a EJA é muito mais do que uma modalidade de ensino: é um espaço de produção de saberes, de exercício de direitos, de reconstrução de projetos de vida e de produção de humanidade.

As leituras realizadas durante a disciplina contribuíram para esse movimento. As reflexões de Paulo Freire sobre diálogo, autonomia e humanização; os escritos de Jorge Larrosa sobre experiência; as contribuições de Miguel Arroyo acerca da EJA como campo de direitos; as discussões de Bernard Charlot sobre a relação com o saber; os ensinamentos de Walter Benjamin sobre a narrativa e, em muitos momentos, a inspiração da escrevivência de Conceição Evaristo atravessam as páginas desta obra.

No entanto, esses autores não aparecem aqui como referências distantes. Dialogam com as histórias vividas, com os encontros realizados e com os sentidos produzidos pelas próprias estudantes, tornando-se parte da experiência narrada.

Optamos por organizar esta coletânea em margens, e não em capítulos. A escolha não foi apenas editorial. O Rio São Francisco, conhecido carinhosamente como Velho Chico, constitui um elemento central na história, na cultura e na formação dos sujeitos que habitam os municípios de origem das autoras. Assim como o rio atravessa territórios, conecta comunidades e produz modos de viver, as cartas aqui reunidas também estabelecem pontes entre memórias, trajetórias de vida, processos formativos e encontros vividos na Educação de Jovens e Adultos.

Cada margem representa um movimento da experiência formativa vivida pelas autoras. Não se trata apenas de uma divisão temática, mas de um percurso construído ao longo dos encontros com a EJA. As margens organizam a própria travessia do leitor, conduzindo-o pelos diferentes movimentos que constituíram essa experiência: chegar, lembrar, escutar, tornar-se e escrever. Assim como o rio não separa territórios, mas os conecta, as margens desta obra aproximam memórias, sujeitos, práticas educativas e processos de formação docente.

Na primeira margem, acompanhamos o encontro inicial com a Educação de Jovens e Adultos e a descoberta de um universo até então pouco conhecido. Na segunda, emergem as memórias familiares, revelando que, muitas vezes, a EJA já habitava a história das autoras muito antes da universidade. A terceira margem reúne cartas em que a escuta sensível transforma o olhar sobre os sujeitos da educação. Na quarta, as experiências vividas passam a constituir a identidade das futuras pedagogas. Por fim, a quinta margem reúne escrevivências que ultrapassam o relato acadêmico e fazem da escrita um lugar de memória, pertencimento e produção de humanidade. Embora organizadas por afinidades temáticas, as cartas preservam a singularidade de suas autoras e a diversidade de experiências que as constituem.

Os municípios de Bom Jesus da Lapa, Riacho de Santana, Serra do Ramalho, Sítio do Mato e Paratinga aparecem ao longo destas páginas não apenas como referências geográficas, mas como territórios de vida, pertencimento e formação. São lugares onde homens e mulheres seguem reafirmando o direito à educação e onde futuras pedagogas aprendem, junto aos sujeitos da EJA, que ensinar e aprender são movimentos inseparáveis.

Quando propusemos esta atividade, imaginávamos que as estudantes escreveriam sobre a Educação de Jovens e Adultos. Ao final do percurso, percebemos que escreveram também sobre si mesmas. Ao narrar os encontros com os sujeitos da EJA, narraram igualmente os deslocamentos produzidos em suas próprias formas de compreender a educação, a docência e a si mesmas. As cartas revelam que a formação docente acontece nos encontros, nas escutas, nas inquietações e nas experiências que nos atravessam. Revelam, sobretudo, que a Educação de Jovens e Adultos continua sendo um espaço privilegiado de produção de humanidade, esperança e transformação.

Convidamos, portanto, cada leitor e cada leitora a percorrer as margens deste livro. Que as cartas aqui reunidas inspirem novas reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos, sobre a formação docente e sobre os múltiplos sentidos que a educação assume na vida daqueles que, apesar dos obstáculos, continuam acreditando na potência do aprender. E que, ao concluir esta travessia, cada leitor perceba que também foi atravessado pelas águas do Velho Chico e pelas histórias que nelas continuam correndo.

Profa. Dra. Isaura Francisco de Oliveira

(Organizadora)

Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII
Riacho de Santana, Julho de 2026.



PRIMEIRA MARGEM

Chegar às águas

*“Toda travessia começa
quando aceitamos olhar diferente.”*

Tamiris Oliveira de Castro

Há experiências que começam antes mesmo de sabermos que irão nos transformar.

As cartas que compõem esta primeira margem narram o instante em que as autoras se aproximam da Educação de Jovens e Adultos. Chegam movidas pela curiosidade, pelas expectativas e, muitas vezes, pelos imaginários construídos sobre uma modalidade ainda pouco conhecida. Aproximam-se para observar, mas logo descobrem que observar é muito mais do que olhar. É deixar-se afetar pelas pessoas, pelas histórias e pelos territórios.

Como quem chega pela primeira vez às águas do Velho Chico, elas ainda não conhecem a profundidade do rio. Dão os primeiros passos, aprendem a desacelerar o olhar e começam a perceber que cada estudante carrega consigo saberes produzidos na vida, no trabalho, na família e na comunidade. Pouco a pouco, compreendem que a Educação de Jovens e Adultos não pode ser entendida apenas pelos livros, porque ela acontece, sobretudo, no encontro entre pessoas.

**Esta é a margem das descobertas.
O lugar onde nasce a travessia.**

Fotografia: Solange Balisa Costa.

QUEM NAVEGA POR ESSAS ÁGUAS

Aline • Fabricia • Joana • Laiza • Tamiris

À ESTUDANTE QUE EU ERA ANTES DE CONHECER A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Aline da Silva Rodrigues

Querida Aline,

Se eu pudesse conversar com a Aline que entrou na universidade, diria para ela não ter medo das experiências que ainda viveria. Naquele momento, eu imaginava que a Educação de Jovens e Adultos seria apenas mais uma disciplina do curso de Pedagogia. Hoje compreendo que ela transformou não apenas a forma como vejo essa modalidade de ensino, mas também a maneira como compreendo a educação e as pessoas.

Escrevo esta carta para aquela estudante que ainda não conhecia a EJA de perto. Antes das vivências, eu acreditava que aprenderia apenas sobre uma modalidade de ensino. Depois de caminhar pelos corredores da escola, observar os estudantes e ouvir suas histórias, compreendi que a Educação de Jovens e Adultos nos ensina, antes de tudo, a olhar para as pessoas com mais sensibilidade, respeito e empatia.

Hoje sei que a EJA é muito mais do que um espaço de escolarização. É um lugar de recomeços, onde homens e mulheres encontram novas oportunidades para aprender, reconstruir sonhos e reafirmar o direito à educação.

Quando a professora apresentou a proposta da vivência, imaginei que nós, estudantes de Pedagogia, assumiríamos a sala de aula e desenvolveríamos atividades com os alunos da EJA. Confesso que fiquei apreensiva. Acreditava que ainda não estava preparada para ensinar e tinha medo de não conseguir interagir com a turma. Pouco depois, compreendi que nossa tarefa seria outra: observar o cotidiano da escola, conhecer os estudantes e aprender com aquela realidade.

Antes do início das observações, fui até a Escola Municipal Lúcia Marilaque Silva para entregar o ofício de apresentação. A diretora, professora Carmélia, que já conhecia a proposta da atividade, pediu que eu o entregasse à coordenadora Lélia, responsável pela Educação de Jovens e Adultos no turno da noite.

Realizei essa experiência ao lado da minha colega Cícera Cláudia. Durante cinco dias, compartilhamos a tarefa de observar a rotina da escola e da turma que nos foi destinada. Chegamos no primeiro dia, 11 de maio

de 2026, por volta das dezoito horas, entregamos o ofício e conversamos com a coordenadora, que nos explicou como aconteceria a vivência.

Enquanto aguardávamos a chegada dos estudantes, permanecemos na sala dos professores. A coordenadora nos informou sobre as turmas da EJA, a faixa etária dos estudantes e sugeriu que acompanhássemos a turma correspondente ao 4º e ao 5º ano, por reunir um número maior de alunos.

Foi nesse momento que percebi o quanto estava nervosa. Comentei isso com minha colega Cícera, que demonstrava muita tranquilidade por já possuir experiência em escola. Para mim, porém, tudo era novo. Era a primeira vez que participava de uma observação dessa natureza e eu não sabia exatamente o que encontraria.

Aos poucos, professores e estudantes começaram a chegar. Fomos recebidas com muito respeito e acolhimento. Logo depois, seguimos para a sala de aula, onde a coordenadora nos apresentou à turma e explicou que nossa participação consistiria principalmente em observar, mas que também poderíamos conversar e interagir com os estudantes sempre que fosse oportuno. A professora da turma nos acolheu com muita gentileza e colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida ao longo daqueles dias.

Foi naquele instante que comecei a compreender que aquela experiência seria muito diferente do que eu havia imaginado.

A primeira aula que acompanhei foi de Língua Portuguesa. A professora iniciou o encontro com uma revisão de gramática, pois na semana seguinte os estudantes fariam uma avaliação. Durante a aula, percebi que alguns deles apresentavam dificuldades para lembrar determinados conteúdos e responder às atividades propostas.

Naquele momento, confesso que apenas observei a situação. Ainda não conseguia compreender por que aquele conteúdo parecia tão distante da realidade daqueles estudantes.

Foi somente durante a apresentação do nosso seminário, ao ouvir as reflexões da professora Isaura, que passei a enxergar aquela aula de outra maneira. Ela nos convidou a pensar sobre a relevância dos conteúdos ensinados na EJA e sobre o sentido que eles precisam fazer para a vida dos estudantes.

Então compreendi algo que, durante a observação, havia passado despercebido por mim. Talvez a dificuldade daqueles alunos não estivesse apenas na memorização das regras gramaticais, mas também na pouca relação entre aquele conteúdo e as necessidades concretas de seu cotidiano.

Essa reflexão permaneceu comigo depois da vivência. Passei a pensar no papel do professor diante dessa realidade. Como ensinar conteúdos previstos no currículo sem perder de vista aquilo que realmente pode contribuir para a vida dos estudantes?

Percebi que é muito mais simples propor atividades com respostas prontas ou solicitar a leitura de um texto sem dialogar sobre seus significados. Mas comecei a me perguntar: qual conhecimento esses estudantes levarão para casa? O que realmente permanecerá depois da aula?

Foi nesse momento que compreendi que ensinar, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, exige mais do que cumprir um planejamento. Exige sensibilidade para aproximar o currículo das experiências de vida dos estudantes e construir aprendizagens que façam sentido para eles.

Nos dias seguintes, passei a observar a turma com mais atenção. Aos poucos, deixei de olhar apenas para as atividades realizadas em sala e comecei a enxergar as pessoas que estavam por trás de cada caderno, de cada resposta e de cada silêncio.

Percebi que muitos estudantes chegavam à escola depois de um longo dia de trabalho. Alguns demonstravam cansaço, mas, ainda assim, permaneciam atentos às explicações da professora e participavam das atividades sempre que podiam. Aquilo me fez compreender que estar ali, para eles, era muito mais do que frequentar uma sala de aula. Era a oportunidade de continuar aprendendo e de conquistar algo que lhes havia sido negado durante muitos anos.

Enquanto observava a turma, fui percebendo também o cuidado da professora com cada estudante. Ela procurava explicar o conteúdo quantas vezes fossem necessárias, caminhava entre as carteiras para acompanhar as atividades e incentivava aqueles que apresentavam mais dificuldades. Pequenos gestos como esses mostravam que ensinar também é acolher, respeitar o tempo de aprendizagem e acreditar que todos são capazes de aprender.

Essas vivências mudaram a forma como eu enxergava a Educação de Jovens e Adultos. Antes, eu conhecia essa modalidade apenas pelas leituras realizadas na universidade. Depois de entrar naquela sala, compreendi que a EJA é feita de pessoas, de histórias, de sonhos e de recomeços.

Foi nesse momento que percebi que aquela semana de observação também estava transformando a mim. A estudante que entrou na escola receosa e insegura já não era a mesma que saía ao final de cada noite. A cada encontro, eu aprendia um pouco mais sobre os estudantes, sobre a

escola e também sobre o tipo de professora que desejo me tornar.

Nos dias seguintes, outras experiências também me marcaram profundamente. Em uma das noites, acompanhei os ensaios da peça teatral preparada pelos estudantes da EJA. No início, imaginei que seria apenas uma atividade cultural. Entretanto, enquanto observava os ensaios, percebi o envolvimento de cada estudante. Eles se dedicavam à apresentação, ajudavam uns aos outros e comemoravam cada avanço. Naquele momento compreendi que a escola também é um espaço de convivência, de fortalecimento da autoestima e de construção de vínculos.

Outro momento que chamou minha atenção aconteceu no terceiro dia de observação. Naquela noite não houve aula porque os estudantes participaram de um atendimento odontológico promovido em parceria com outro serviço público. Até então, eu nunca havia pensado que cuidar da saúde também faz parte do direito à educação. Compreendi que permanecer na escola depende de muitos outros fatores além da sala de aula.

Entre as pessoas que conheci durante essa vivência, algumas permaneceram de forma muito especial na minha memória. Dona Conceição foi uma delas.

Enquanto conversávamos, compreendi algo que a professora Isaura sempre dizia durante as aulas: ao mesmo tempo em que observávamos a turma, também éramos observadas por ela. Os estudantes também nos liam, nos acolhiam e estabeleciam relações conosco.

Dona Conceição me reconheceu ainda criança, quando eu morava em Igaporá. Eu não me lembrava dela, mas ela se lembrava de mim. Começou a contar histórias da minha infância, de pessoas da minha família e de acontecimentos que fizeram parte da minha vida. Fiquei surpresa ao perceber que ela guardava lembranças que eu mesma já não conseguia recordar.

Naquele instante, compreendi que nossas histórias, muitas vezes, se cruzam sem que percebamos. Uma lembrança puxava outra, uma conversa despertava novas memórias, e eu já não me sentia apenas observando aquela turma. De alguma forma, também fazia parte dela.

Foi um dos momentos mais bonitos que vivi durante essa semana de observação. Percebi que a escola não é feita apenas de conteúdos e atividades. Ela também é um lugar onde as pessoas compartilham memórias, reconhecem umas às outras e constroem novos vínculos.

Depois dessa semana de observação, compreendi que a Educação de Jovens e Adultos é muito maior do que eu imaginava quando iniciei a disciplina. Antes, eu a via apenas como mais uma possibilidade de atuação

para o pedagogo. Hoje, compreendo que ela representa um espaço de acolhimento, de respeito às trajetórias de vida e de reconstrução de sonhos.

Essa vivência também transformou meu olhar sobre o papel do professor. Percebi que ensinar na EJA exige sensibilidade para compreender que cada estudante chega à escola trazendo uma história diferente. Alguns tiveram seus estudos interrompidos pelo trabalho, outros pelas dificuldades da vida, mas todos carregam consigo saberes que precisam ser valorizados.

Ao longo desses dias, aprendi que observar também é uma forma de aprender. Entrei naquela escola acreditando que iria apenas acompanhar algumas aulas. Saí levando comigo muito mais do que anotações. Levei histórias, memórias, reflexões e a certeza de que a educação acontece, antes de tudo, no encontro entre as pessoas.

Agradeço à equipe da Escola Municipal Lúcia Marilaque Silva pela acolhida e pela disponibilidade em compartilhar conosco um pouco do cotidiano da Educação de Jovens e Adultos. Agradeço à coordenadora, aos professores e, principalmente, aos estudantes, que me ensinaram muito mais do que imaginam.

Também agradeço à professora Isaura Francisco de Oliveira, que, durante toda a disciplina, nos incentivou a olhar para além dos conteúdos e a compreender a EJA como um espaço de direitos, de humanidade e de esperança. Muitas das reflexões que hoje faço nasceram das discussões realizadas em sala de aula e continuaram fazendo sentido enquanto vivenciava o cotidiano da escola.

Escrevendo esta carta, percebo que ela não foi dedicada apenas às lembranças da semana de observação. Ela também marca a transformação da estudante que iniciou a disciplina cheia de dúvidas e receios e que hoje enxerga a Educação de Jovens e Adultos com muito mais respeito, sensibilidade e admiração.

Talvez essa tenha sido a maior aprendizagem que levarei comigo: compreender que educar começa quando aprendemos a olhar o outro com humanidade.

Com carinho,

Aline da Silva Rodrigues

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

DESCOBRINDO A EJA: O QUE APRENDI COM QUEM DECIDIU RECOMEÇAR

Fabília Dourado Ribeiro

Querida Fabília,

Escrevo esta carta para a versão de mim que ainda não conhecia a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Naquele momento, eu ainda não compreendia a verdadeira importância dessa modalidade de ensino. Hoje, depois das leituras, das discussões em sala e das vivências realizadas durante a disciplina, percebo o quanto meu olhar se transformou.

Antes de conhecer a EJA, meu entendimento sobre a educação era mais limitado ao que normalmente imaginamos dentro de uma sala de aula: conteúdos, atividades, avaliações e aprendizagem. Eu reconhecia a importância da educação, mas ainda não havia refletido sobre como ela pode representar recomeços, resistência e esperança para tantas pessoas.

Conhecer a EJA ampliou significativamente minha maneira de compreender a educação. Passei a perceber que essa modalidade vai muito além da escolarização. Ela representa uma nova oportunidade para pessoas que, por diferentes motivos, precisaram interromper seus estudos, mas decidiram retornar à escola em busca de conhecimento, crescimento pessoal, novas possibilidades e da realização de sonhos que ficaram interrompidos ao longo da vida.

Durante as observações realizadas nas turmas da EJA, tive a oportunidade de conhecer essa realidade de perto. Encontrei estudantes participativos, interessados e sempre dispostos a compartilhar suas experiências de vida. Mesmo quando apresentavam dificuldades na leitura, na escrita ou na interpretação dos textos, permaneciam atentos às explicações e demonstravam vontade de aprender. Essa disposição me chamou profundamente a atenção.

Também percebi que algumas turmas possuíam poucos estudantes e que a evasão ainda representa um dos grandes desafios da modalidade. Ainda assim, aqueles que permaneciam frequentando as aulas demonstravam coragem, compromisso e esperança de construir novos caminhos por meio da educação.

Outro aspecto que me marcou foi observar o empenho dos professores em adaptar as atividades às necessidades de cada turma. Eles buscavam explicar os conteúdos de diferentes maneiras, respeitando o ritmo de aprendizagem dos estudantes e oferecendo o apoio necessário sempre que surgiam dificuldades. Ao acompanhar essas práticas, compreendi que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos; significa acolher, escutar e encontrar caminhos para que todos tenham condições de aprender.

Ao vivenciar esse contexto, compreendi que cada estudante carrega uma trajetória única, marcada por experiências, desafios e histórias de vida que precisam ser respeitadas. Passei a entender que a educação não se resume ao ensino de conteúdos escolares, mas constitui um processo profundamente humano, no qual professores e estudantes aprendem uns com os outros.

Foi nesse momento que as ideias de Paulo Freire (1996) passaram a fazer ainda mais sentido para mim. Compreendi que ninguém chega à escola sem saber nada. Cada educando traz consigo conhecimentos construídos ao longo da vida, e é justamente o diálogo entre esses saberes e os conhecimentos escolares que torna a aprendizagem mais significativa. A EJA me mostrou, de forma muito concreta, que aprender não tem idade. A aprendizagem acontece em diferentes momentos da vida e respeita o tempo, as experiências e as possibilidades de cada pessoa. Essa percepção fortaleceu em mim a compreensão de que o processo educativo precisa reconhecer as singularidades de cada estudante. Naquela sala de aula, não encontrei apenas alunos. Encontrei trabalhadores, pais, mães, avós e pessoas que enfrentaram inúmeras dificuldades ao longo da vida, mas que nunca desistiram do sonho de estudar.

Ao conhecer suas histórias, compreendi melhor as reflexões de Miguel Arroyo (2017), ao afirmar que os sujeitos da EJA carregam trajetórias marcadas por lutas, exclusões e resistências. Durante as observações, percebi que retornar à escola representava, para muitos deles, muito mais do que concluir os estudos. Significava recuperar um direito, fortalecer a autonomia e acreditar na possibilidade de construir novos caminhos por meio da educação.

Além disso, essa experiência ampliou minha compreensão sobre o papel do pedagogo. Passei a perceber que educar vai muito além de ensinar conteúdos. Significa acolher, escutar, incentivar e construir práticas pedagógicas que respeitem os diferentes contextos, ritmos e histórias de vida dos estudantes. Foi nesse processo que comecei a compreender, de

maneira mais profunda, a responsabilidade ética e humana que acompanha o exercício da docência.

A experiência vivida na Educação de Jovens e Adultos também reforçou em mim a importância de uma prática educativa fundamentada no respeito, na empatia e na valorização das experiências dos estudantes. Durante as observações, compreendi que ensinar e aprender são movimentos que acontecem de forma recíproca, por meio do diálogo, da escuta e da troca de saberes.

Hoje, ao olhar para trás, percebo que conhecer a EJA foi essencial para minha formação acadêmica e humana. Essa vivência contribuiu não apenas para ampliar meus conhecimentos sobre essa modalidade de ensino, mas também para transformar minha maneira de compreender a educação e o papel social do pedagogo.

Se eu pudesse dizer algo àquela Fabrícia que iniciava este semestre, diria para manter o coração e o olhar abertos para cada experiência vivida. Nem sempre compreendemos, de imediato, o significado dos caminhos que percorremos, mas cada encontro, cada leitura e cada vivência acrescentam algo importante à nossa formação e nos ajudam a construir a professora que desejamos ser.

Hoje compreendo que a Educação de Jovens e Adultos ensina muito mais do que conteúdos escolares. Ela nos mostra que aprender é um direito que acompanha o ser humano ao longo de toda a vida e que nunca é tarde para recomeçar. Os estudantes que conheci ensinaram-me que a esperança se fortalece quando encontra oportunidades, acolhimento e pessoas que acreditam no potencial de cada sujeito.

Saio desta experiência com a certeza de que também fui transformada. Levo comigo o compromisso de construir, no futuro, uma prática educativa que acolha as diferenças, valorize as histórias de vida e reconheça, em cada estudante, a possibilidade permanente de aprender, ensinar e recomeçar.

Hoje compreendo que ter vivido essa experiência na EJA já representa uma grande conquista na minha formação. Ninguém poderá tirar de mim tudo o que aprendi ao conhecer esses estudantes, ouvir suas histórias e acompanhar suas trajetórias. Essa vivência permanecerá como parte da professora que estou me tornando.

Sou grata por cada momento vivido, pelas aulas, pelas conversas e pelos aprendizados construídos ao lado dos estudantes. Agradeço à professora da turma, que me acolheu durante as observações e compartilhou, com dedicação, sua prática docente. Agradeço também à

professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, por conduzir esta disciplina de forma sensível e por nos proporcionar uma experiência que ultrapassou os limites da universidade, aproximando-nos da realidade da Educação de Jovens e Adultos.

Àquela Fabrícia que iniciava este semestre sem conhecer verdadeiramente a EJA, quero dizer que valeu a pena viver cada momento dessa caminhada. Hoje compreendo que educar é muito mais do que ensinar conteúdos; é acolher pessoas, reconhecer suas histórias e acreditar que sempre é possível aprender e recomeçar.

Com carinho e gratidão,

Fabrícia Dourado Ribeiro

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. *Petrópolis: Vozes, 2017*.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. *Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021*.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. *Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002*.

MINHA PRIMEIRA LIÇÃO SOBRE A EJA

Joana Darc de Oliveira Vieira

Querida Joana do início do terceiro semestre,

Se hoje eu pudesse voltar àquela primeira aula, diria para você não ter pressa em compreender a Educação de Jovens e Adultos. A EJA não cabe nas primeiras definições que encontramos nos livros. Ela se revela aos poucos, nas histórias, nos encontros e nas pessoas que atravessam nosso caminho.

Naquele início de semestre, você acreditava conhecer essa modalidade de ensino. Afinal, sua avó e alguns primos haviam estudado na EJA, e essa convivência fazia parecer que tudo já estava claro. Mas, na verdade, seu olhar ainda era superficial. Você enxergava a EJA apenas como uma oportunidade destinada às pessoas que não haviam concluído os estudos na idade considerada “adequada”. Ainda não compreendia sua dimensão humana, sua importância social e, sobretudo, seu poder de transformar vidas.

As primeiras aulas começaram a desconstruir essas certezas. Lembrome da dinâmica da dobradura, que nos convidava a revisitar memórias e compartilhar aquilo que entendíamos por Educação de Jovens e Adultos. Pode parecer uma atividade simples, mas foi ali que comecei a perceber que aprender também significa questionar aquilo que acreditávamos saber. Aos poucos, fui compreendendo que a EJA não se resume ao ensino de conteúdos escolares. Ela é um espaço onde histórias de vida se encontram, trajetórias interrompidas são acolhidas e diferentes formas de compreender o mundo passam a ser reconhecidas e valorizadas.

Essa compreensão ganhou ainda mais sentido quando iniciamos a vivência na escola.

No primeiro dia, entrei na sala quase em silêncio. Preferi observar antes de qualquer tentativa de compreender aquela realidade. A turma era pequena: duas mulheres e um homem. Durante a aula de Matemática, percebi certa insegurança quando respondiam às atividades. No entanto, à medida que o professor os incentivava, a timidez dava lugar à participação. Aos poucos, eles sorriam, arriscavam respostas e demonstravam o desejo de aprender.

Foi nesse momento que comecei a entender que a EJA não representa apenas uma modalidade de ensino. Para muitas pessoas, ela representa a possibilidade de recomeçar.

Com o início das vivências, aquilo que até então fazia parte das leituras e das discussões em sala de aula começou a ganhar forma diante dos meus olhos. Percebi que muitas das ideias que eu construía sobre a EJA eram insuficientes para compreender a realidade que encontraria na escola. Foi naquele primeiro contato que comecei a entender que cada estudante carregava uma trajetória marcada por desafios, resistência e pelo desejo de aprender.

No segundo dia, cheguei mais cedo à escola e encontrei algumas estudantes sentadas na quadra. Sentei-me ao lado delas e permaneci apenas ouvindo a conversa. Falavam da rotina de casa, do trabalho, dos filhos e das inúmeras responsabilidades que preenchiam seus dias. Mesmo assim, sorriam, conversavam com entusiasmo e aguardavam o início da aula com alegria. Naquele instante, compreendi que, para muitas delas, a escola representava também um tempo dedicado a si mesmas, um espaço de convivência, de escuta e de cuidado.

Ao longo das aulas, observei outras mulheres chegarem visivelmente cansadas, mas, ainda assim, permaneciam atentas às explicações, participavam das atividades e demonstravam uma enorme vontade de aprender. Foi impossível não admirar a determinação presente em cada uma daquelas histórias.

Aos poucos, fui compreendendo que a Educação de Jovens e Adultos vai muito além da alfabetização ou da conclusão da escolaridade. Ela representa a possibilidade de recomeçar, reconstruir sonhos e reafirmar o direito à educação, mesmo quando a vida impôs tantos obstáculos.

Essa compreensão dialoga diretamente com Paulo Freire, que defende uma educação comprometida com a valorização dos sujeitos e de suas histórias de vida. Na EJA, essa perspectiva torna-se concreta, pois cada estudante chega à escola trazendo saberes construídos no trabalho, na família, na comunidade e nas experiências acumuladas ao longo da vida.

A cada dia em que estive naquela escola, voltava para casa diferente da pessoa que havia chegado. Aprendia sobre educação, mas, sobretudo, aprendia sobre as pessoas. Hoje compreendo que essa vivência contribuiu não apenas para minha formação acadêmica, mas também para minha formação humana.

Um aspecto tornou essa experiência ainda mais significativa. A vivência aconteceu na mesma escola em que cursei parte do ensino fundamental. Voltar àquele espaço despertou em mim um profundo sentimento de pertencimento. Caminhar pelos corredores, entrar novamente nas salas de aula e reconhecer aquele ambiente fez com que eu revisitasse parte da minha própria história. A diferença é que, dessa vez, eu não retornava como estudante, mas como futura pedagoga em formação.

O contato com os estudantes da EJA foi, sem dúvida, o que mais marcou essa experiência. Aos poucos, fui percebendo que cada pessoa carregava consigo uma história única, construída entre desafios, interrupções e superações. Muitos trabalhavam durante todo o dia e, mesmo assim, chegavam à escola à noite movidos pelo desejo de aprender. Naquele espaço, compreendi que a educação também é uma forma de resistência.

Uma das histórias que mais me atravessou foi a de um senhor que, após sofrer um infarto e passar por um cateterismo, recebeu do médico a notícia de que teria poucos anos de vida. Diante dessa realidade, decidiu realizar um sonho antigo: voltar à escola e concluir os estudos. Enquanto o ouvia, compreendi que, para algumas pessoas, estudar significa muito mais do que obter um certificado. Significa reafirmar a própria vida e não abrir mão dos sonhos, mesmo quando o tempo parece dizer o contrário.

Durante os dias de observação, acompanhei turmas correspondentes às etapas finais do Ensino Fundamental. A maioria dos estudantes era formada por mulheres, muitas delas mães e também idosas. Observei o enorme esforço que faziam para conciliar os estudos com o trabalho, os cuidados com a casa e a maternidade. Em alguns momentos, vi mães levarem os filhos para a sala de aula, revelando que, muitas vezes, permanecer na escola exige enfrentar desafios que vão muito além da aprendizagem dos conteúdos.

Essas experiências me fizeram compreender que ensinar na Educação de Jovens e Adultos exige muito mais do que domínio dos conteúdos escolares. Exige escuta, sensibilidade e respeito pelas trajetórias de vida de cada estudante. Foi ali que percebi, na prática, o sentido de uma educação construída no diálogo e na valorização dos saberes produzidos ao longo da vida.

A EJA revelou-se, para mim, como um espaço de acolhimento, de escuta e de transformação. Um lugar onde as pessoas não são definidas pelas oportunidades que lhes faltaram, mas pelas possibilidades que continuam construindo.

Hoje, ao recordar aqueles dias, percebo que a maior transformação não aconteceu apenas com os estudantes que encontrei naquela escola. Ela aconteceu também comigo. A jovem que iniciou o semestre acreditando conhecer a Educação de Jovens e Adultos descobriu, ao longo dessa caminhada, que a EJA é feita, antes de tudo, de pessoas, histórias e encontros.

Essa vivência também me fez refletir sobre a professora que desejo me tornar. Quero ser uma educadora capaz de acolher, escutar e reconhecer a singularidade de cada estudante. Quero contribuir para uma educação mais humana, mais inclusiva e mais comprometida com a transformação da vida das pessoas.

Por isso, encerro esta carta com profunda gratidão. Agradeço aos estudantes da EJA, que me ensinaram muito mais do que eu imaginava; à professora da turma, que me acolheu com generosidade; à escola, que abriu suas portas para nossa formação; e à professora Isaura, que nos conduziu a olhar para a Educação de Jovens e Adultos para além dos livros.

Hoje compreendo que aquela estudante do início do semestre já não é a mesma. E talvez essa tenha sido a maior aprendizagem que a Educação de Jovens e Adultos poderia me oferecer.

Com carinho e gratidão,

Joana Darc de Oliveira Vieira

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

Referências

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão:** instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

APRENDER A OLHAR: ENTRE PRECONCEITOS E DESCOBERTAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Laíza Lima de Carvalho

Querida eu do início do semestre,

Escrevo esta carta para lhe contar algo que você ainda não sabe. Hoje, depois das leituras, das discussões em sala de aula e das vivências na Educação de Jovens e Adultos, percebo o quanto meu olhar se transformou.

Lembro-me de que, quando iniciamos esta disciplina, eu carregava muitas ideias equivocadas sobre a EJA. Acreditava que muitas pessoas frequentavam essa modalidade apenas para ocupar o tempo ou que desistiam facilmente das aulas. Não conhecia suas histórias, seus desafios e muito menos os motivos que as levaram a interromper os estudos. Era uma visão construída sem realmente conhecer essa realidade. Percebo, hoje, que muitas dessas ideias também faziam parte do contexto em que fui criada e circulavam entre pessoas da minha própria família.

Se eu pudesse voltar no tempo e conversar com você naquele primeiro dia de aula, diria para chegar de coração aberto. Diria para escutar mais, observar com mais atenção e não tirar conclusões sobre aquilo que ainda não conhecia. Foi justamente ao encontrar os estudantes da EJA e conhecer suas trajetórias que comecei a compreender que essa modalidade vai muito além do que eu imaginava. Cada história que ouvi foi desconstruindo os preconceitos que eu trazia e me ensinando a olhar para a EJA com mais respeito e sensibilidade.

Talvez, naquele momento, você ainda não percebesse, mas a nossa transformação começou bem perto de nós. Quando a vó Ida decidiu se matricular na turma da EJA que foi criada na comunidade, tanto eu quanto alguns familiares imaginávamos que ela frequentaria as aulas apenas por alguns dias e depois desistiria. Achávamos que aquele seria apenas um momento para conversar com os amigos e se distrair.

Com o passar do tempo, porém, percebemos que estávamos enganados. A vó Ida realmente queria estudar, aprender e ampliar seus conhecimentos. Aos poucos, fui compreendendo que sua decisão era muito mais do que um passatempo; era a realização de um sonho que

havia permanecido adormecido por muitos anos. Sem perceber, aquela experiência já começava a transformar a maneira como eu enxergava a Educação de Jovens e Adultos.

Escrevo esta carta para o meu eu do início do semestre porque hoje reconheço o quanto essa experiência transformou minha forma de pensar. As vivências realizadas na Escola Marcos Freire, em Serra do Ramalho, permitiram-me conhecer uma realidade que, até então, eu não compreendia verdadeiramente.

Mais do que conhecer uma modalidade de ensino, conheci pessoas, histórias e sonhos. Em vários momentos das visitas, perguntava-me o que diria para aquela Laiza do início do semestre. Certamente diria para não tirar conclusões antes de conhecer a realidade das pessoas. Se, no começo, eu enxergava a EJA de maneira limitada, hoje compreendo que ela é um espaço de oportunidades, de recomeços e de valorização das histórias de vida dos estudantes.

No primeiro dia de visita, confesso que me senti um pouco envergonhada. Era um ambiente novo, cercado por pessoas que eu ainda não conhecia, e tive a impressão de que todos estavam me observando. Aos poucos, porém, fui me sentindo mais à vontade. A vergonha inicial deu lugar à curiosidade e, depois, à admiração por tudo o que eu estava vivenciando.

A turma não era muito grande. Embora vários estudantes estivessem matriculados, alguns não frequentavam as aulas regularmente. Ainda assim, aqueles que estavam presentes demonstravam muito interesse em aprender. Participavam das atividades, envolviam-se nas discussões e realizavam as propostas com dedicação. O que mais me chamou a atenção foi a alegria que demonstravam por estarem na escola. Aquela satisfação em aprender fez-me perceber o quanto aquele espaço era significativo para suas vidas.

Durante as aulas, alguns estudantes compartilharam que precisaram deixar a escola ainda muito jovens para trabalhar e ajudar no sustento da família. Com o passar dos anos, vieram o casamento, os filhos e tantas outras responsabilidades, adiando ainda mais o retorno aos estudos. Ao ouvir essas histórias, compreendi algo que você, no início do semestre, ainda não conseguia enxergar: muitos deles não abandonaram a escola por falta de interesse, mas porque as circunstâncias da vida lhes negaram a oportunidade de continuar estudando.

Uma das histórias que mais me marcou foi a de Dona Isa. Ela contou que estudou apenas até a quarta série, porque, na comunidade onde morava,

não havia continuidade dos estudos. Sem outra escola para frequentar, precisou interromper sua trajetória escolar. Ao escutar seu relato, percebi que, para muitas pessoas, a interrupção dos estudos não foi uma escolha, mas a consequência das condições em que viveram.

Na turma que tive a oportunidade de acompanhar, a maioria dos estudantes era formada por pessoas idosas, pais, mães, avós e avôs, que já carregavam uma longa trajetória de vida e muitas responsabilidades. Muitos trabalhavam durante o dia, cuidavam da casa e da família e, mesmo após uma rotina cansativa, chegavam à escola com entusiasmo e disposição para aprender. Ver aquele compromisso com os estudos, mesmo depois de tantos desafios, foi uma das experiências que mais me marcou durante a vivência.

A alegria com que chegavam à escola também chamava minha atenção. Enquanto, para muitas pessoas, estudar pode parecer apenas uma obrigação, para aqueles estudantes a escola representava uma oportunidade que não queriam mais perder. Eles participavam das aulas, realizavam as atividades com dedicação e demonstravam o desejo de continuar aprendendo.

Ao observá-los, compreendi o quanto, muitas vezes, deixamos de valorizar oportunidades que, para outras pessoas, representam a realização de um sonho. A permanência daqueles estudantes na EJA não era fruto do acaso, mas da esperança de construir novas possibilidades para suas vidas por meio da educação.

Os estudantes da EJA que encontrei carregavam muito mais do que cadernos e livros. Carregavam histórias de vida, experiências de trabalho, memórias e saberes construídos ao longo dos anos. Durante as aulas, compartilhavam suas vivências com naturalidade, e cada relato reforçava em mim a compreensão de que a aprendizagem não acontece apenas nos espaços escolares. Cada pessoa presente naquela sala tinha algo a ensinar.

Essas narrativas também me fizeram refletir sobre as desigualdades que atravessam a sociedade. Muitos daqueles estudantes não tiveram a oportunidade de estudar quando eram mais jovens, porque precisaram trabalhar cedo, cuidar da família ou enfrentar outras dificuldades impostas pelas condições de vida. Compreendi, então, que a interrupção dos estudos não foi consequência da falta de interesse, mas das oportunidades que lhes foram negadas.

Ao escutar essas histórias, lembrei-me das reflexões de Miguel Arroyo (2005), que nos convida a compreender os sujeitos da EJA como homens e

mulheres cujas trajetórias foram marcadas por processos de exclusão, mas também por resistência e esperança. Naquela sala de aula, percebi que essas ideias deixavam de ser apenas um conceito estudado na universidade para ganhar rostos, vozes e histórias reais. Foi nesse momento que compreendi, de forma concreta, que a educação pode representar a possibilidade de reconstruir caminhos interrompidos pela vida.

Também me chamou a atenção a relação de respeito e companheirismo construída entre os estudantes. Era bonito observar como um ajudava o outro sempre que surgia alguma dificuldade. Havia incentivo, acolhimento e uma constante troca de experiências. Aos poucos, fui compreendendo que a sala de aula da EJA é muito mais do que um espaço destinado à aprendizagem de conteúdos; é também um lugar onde se constroem vínculos, se compartilham histórias e se aprende por meio do encontro com o outro.

A professora da turma foi outra pessoa que me marcou profundamente. Sempre atenciosa, paciente e dedicada, procurava acompanhar cada estudante de acordo com suas necessidades, esclarecendo dúvidas e explicando o conteúdo quantas vezes fosse necessário. Caminhava pela sala, aproximava-se das carteiras, conversava individualmente com os alunos e fazia com que todos se sentissem acolhidos.

Ao observar sua prática, compreendi que ensinar vai muito além da transmissão de conhecimentos. Ensinar também é cuidar, escutar, incentivar e acreditar no potencial de cada estudante. Foi naquele cotidiano simples, construído por pequenos gestos de atenção e respeito, que comecei a entender o verdadeiro sentido da docência na Educação de Jovens e Adultos.

Ao longo das visitas, fui percebendo que a EJA é, acima de tudo, um espaço de recomeços. Ali encontrei pessoas que, por diferentes motivos, tiveram seus estudos interrompidos, mas que nunca deixaram de acreditar na possibilidade de aprender. Foi justamente essa coragem de recomeçar que mais me marcou. Cada estudante que retornava à escola carregava uma história de vida, marcada por desafios e dificuldades, mas também por esperança e pelo desejo de construir um futuro diferente.

As reflexões de Jane Paiva (2009) também me ajudaram a compreender que a Educação de Jovens e Adultos não é um favor concedido àqueles que não estudaram na idade considerada adequada. Ela é um direito, conquistado por meio de muitas lutas, e precisa ser reconhecida como tal. Ao observar aqueles estudantes, compreendi que retornar à escola significa

muito mais do que concluir uma etapa de ensino. Significa recuperar um direito que lhes foi negado e reafirmar que a educação deve acompanhar as pessoas ao longo de toda a vida.

Hoje percebo que a EJA não devolve apenas o acesso à escola. Ela devolve possibilidades, fortalece a autonomia e reacende sonhos que, por muito tempo, pareceram impossíveis de realizar.

As experiências vividas na EJA me ensinaram muito mais do que conteúdos escolares. Com elas, compreendi que nunca é tarde para aprender e que o desejo de adquirir novos conhecimentos pode ser maior do que qualquer dificuldade. Também percebi que ser professora vai muito além do exercício de uma profissão; significa assumir um compromisso com as pessoas, com suas histórias e com a transformação da sociedade.

Nesse percurso, as reflexões de Paulo Freire (1996) passaram a fazer ainda mais sentido para mim. O autor nos ensina que a educação se constrói por meio do diálogo e do respeito aos saberes dos educandos. Durante as vivências, percebi essa ideia concretamente. Os estudantes da EJA não chegam à escola sem conhecimentos. Pelo contrário, carregam consigo experiências, aprendizagens e saberes construídos ao longo da vida, que precisam ser reconhecidos e valorizados pela prática educativa.

Hoje compreendo que ensinar também significa aprender com aqueles que chegam à escola trazendo suas histórias. Foi convivendo com esses estudantes que comecei a entender que a aprendizagem acontece quando o conhecimento científico dialoga com os saberes produzidos na vida cotidiana.

Quando olho para trás, percebo o quanto meu olhar se transformou em relação às ideias que tinha no início deste semestre. Entrei nessa experiência carregando alguns preconceitos e saio dela com um profundo respeito e admiração pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Aprendi sobre perseverança, esperança e, principalmente, sobre a coragem de recomeçar.

Ao longo desse percurso, percebi que não fui apenas observadora das aulas. Também fui transformada por tudo o que vivi, ouvi e senti. Como afirma Jorge Larrosa (2002), a experiência é aquilo que nos acontece e nos transforma. Posso dizer que as vivências na EJA transformaram profundamente minha maneira de compreender a educação e a profissão docente.

Durante as observações, percebi que aqueles estudantes não estavam apenas em busca de concluir uma etapa de escolarização. Eram pais, mães,

avós, trabalhadores e trabalhadoras que carregavam consigo histórias de vida, saberes, memórias e sonhos. Com eles aprendi que ensinar na EJA exige sensibilidade para reconhecer que cada sujeito possui uma trajetória única e que essas trajetórias também educam quem se dispõe a escutá-las.

Finalizo esta carta com um profundo sentimento de gratidão. Agradeço à Escola Marcos Freire pela oportunidade de viver uma experiência tão significativa; à professora da turma, pelo acolhimento, pela dedicação e pelo exemplo de compromisso com seus estudantes; e, principalmente, aos educandos da EJA, que me ensinaram muito mais do que imaginam.

Agradeço também à professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, por conduzir esta disciplina com sensibilidade e por nos proporcionar uma experiência que ultrapassou os limites da sala de aula e contribuiu profundamente para nossa formação humana e profissional.

Àquela Laiza que iniciou este semestre acreditando conhecer a EJA, quero apenas dizer: continue observando antes de julgar, escutando antes de concluir e aprendendo com as histórias das pessoas. Foi assim que você descobriu que educar é, antes de tudo, reconhecer a humanidade presente em cada estudante.

Levo comigo cada aprendizagem vivida ao longo desse percurso e o compromisso de, no futuro, ser uma professora humana, sensível e comprometida com uma educação que acolha, respeite e transforme vidas.

Com carinho e gratidão,

Laiza Lima de Carvalho

Serra do Ramalho (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PAIVA, Jane. Educação de jovens e adultos: questões atuais em cenário

de mudanças. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (org.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

O TEMPO DE CADA UM

Tamiris Oliveira de Castro

Prezada Tamiris do 3º semestre,

Demorei para compreender que cada pessoa possui o seu próprio tempo. Talvez você ainda não consiga entender isso agora, mas um dia descobrirá que adiar essa disciplina não foi um atraso na sua formação. Foi apenas o seu tempo de chegar até ela.

Escrevo esta carta para você, estudante do terceiro semestre de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XVII. Escrevo como a Tamiris que hoje cursa o sétimo semestre e que, ao longo dessa caminhada, aprendeu muito mais do que imaginava sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, sobretudo, sobre si mesma.

Quero lhe contar algo que talvez você ainda não consiga compreender. Sei que você não fez a matrícula na disciplina de Educação de Jovens e Adultos no início do curso porque tinha receio da professora. Fique tranquila... eu também tive.

Lembro-me dos medos, das ideias que construí antes mesmo de conhecê-la e das inseguranças que me impediram de aproveitar uma oportunidade de aprendizagem. Hoje, olhando para trás, percebo que aquele receio dizia muito mais sobre mim do que sobre ela.

Foi somente depois da disciplina de Antropologia, em 2025, que comecei a enxergar aquela professora por outro olhar. Aos poucos, compreendi que, por trás da exigência que tantos comentavam, existia uma profissional profundamente comprometida com a formação dos seus estudantes, capaz de unir responsabilidade, sensibilidade e afeto.

Confesso, com alegria, que sinto orgulho em dizer que sou aluna da professora Isaura. Talvez você ainda não consiga imaginar isso agora, mas chegará o tempo em que faltarão palavras para descrever a gratidão que sentirá por essa experiência.

Depois de cursar a disciplina de Educação de Jovens e Adultos e de viver uma semana de observação nessa modalidade, posso lhe dizer que valeu a pena enfrentar os receios. Foi nesse percurso que compreendi que algumas aprendizagens só acontecem quando respeitamos o tempo das coisas e, principalmente, o nosso próprio tempo.

A vivência na EJA significou muito mais do que aprender conteúdos. Ao chegar à Escola Municipalizada, no município de Riacho de Santana, procurei observar atentamente cada detalhe, buscando desenvolver um olhar mais sensível sobre aquela realidade. Encontrei uma turma formada por estudantes de diferentes idades, histórias de vida e experiências. Havia trabalhadores rurais, mulheres e homens que dedicaram grande parte da vida ao cuidado da família e ao sustento da casa. Apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da vida, todos mantinham vivo o desejo de aprender.

Foi então que compreendi que cada estudante da EJA carrega consigo uma história que merece ser escutada. Uma das narrativas que mais me marcou foi a de uma estudante que chamarei de Sol. Com serenidade, ela me disse: “com a idade que estou, não aprendemos mais nada. Mas alguma coisa a gente aprende, e eu quero aprender. No meu tempo, não tive oportunidade. Trabalhava na roça desde pequena”.

Enquanto a escutava, percebi que aquela fala dizia muito mais do que aparentava. Ela falava sobre uma infância atravessada pelo trabalho, sobre oportunidades negadas e, ao mesmo tempo, sobre a coragem de recomeçar. Naquele instante, compreendi que respeitar o tempo de cada pessoa também significa acreditar que nunca é tarde para aprender.

Somente depois dessa experiência entendi que algumas vivências permanecem conosco muito tempo depois de terminarem. Elas continuam produzindo perguntas, despertando sensibilidades e transformando nossa maneira de olhar para o outro. A semana de observação deixou de ser apenas uma atividade da universidade e tornou-se uma experiência que levarei comigo ao longo da minha formação. A EJA deixou de ser apenas uma modalidade de ensino. Tornou-se um espaço onde histórias, sonhos e esperanças continuam encontrando novos começos.

Então, Tamiris, lembro-me de uma manhã de aula no Campus XVII em que estudamos Paulo Freire. Naquele momento, suas ideias ainda pareciam muito ligadas aos livros. Somente durante a vivência na escola compreendi o que elas realmente significavam. Passei a entender que educar não consiste apenas em transmitir conteúdos, mas em reconhecer as histórias, os saberes e as experiências que cada estudante constrói ao longo da vida. Foi ali que compreendi, na prática, que não existe uma educação neutra e que toda aprendizagem precisa partir da realidade dos educandos.

As experiências que vivi durante aquela semana confirmaram isso. A sala de aula da EJA era um espaço de acolhimento, diálogo e formação humana. Os estudantes participavam das atividades, faziam perguntas,

compartilhavam suas histórias e construíam coletivamente o conhecimento. Era possível perceber o respeito mútuo presente nas relações estabelecidas entre a educadora e a turma.

Uma das práticas que mais me chamou a atenção foi a forma como a professora conduzia o processo de alfabetização. Utilizando o método fonético, ela auxiliava os estudantes na construção da leitura e da escrita, orientando-os pacientemente sobre a formação das sílabas, a organização das palavras e os pequenos avanços conquistados a cada aula. Mais do que ensinar letras, ela demonstrava respeito pelo tempo de aprendizagem de cada educando. Naquele momento, compreendi que ensinar também significa acreditar que todos são capazes de aprender.

Entre tantas lembranças, uma permanece viva em minha memória. Todos os dias, um senhor aproximava-se de mim e dizia com um sorriso: “Vou ficar aqui com minha estagiária.”

Depois começava a conversar. Contava sobre a filha, que havia realizado sua matrícula e lhe comprado uma bolsa para que pudesse voltar à escola. Eram histórias simples, mas carregadas de afeto.

Hoje percebo que aquele senhor talvez nunca imagine o quanto suas palavras marcaram minha formação. Sempre que me chamava de “minha estagiária”, fazia com que eu me sentisse, pela primeira vez, reconhecida como futura professora.

Carrego comigo essa lembrança com muito carinho. Porque compreendi que a escola é muito mais do que um espaço destinado ao ensino de conteúdos. Ela é um lugar onde pessoas se encontram, compartilham histórias, constroem vínculos e continuam sonhando. Talvez seja justamente isso que faz da Educação de Jovens e Adultos um espaço tão profundamente humano.

Ao longo dessa vivência, compreendi que a Educação de Jovens e Adultos representa muito mais do que uma oportunidade de concluir os estudos. Ela é um espaço onde homens e mulheres reencontram a possibilidade de aprender, de fortalecer sua autonomia e de reafirmar seu lugar no mundo. Como nos lembra Jane Paiva (2006), a EJA continua sendo uma oportunidade para aqueles que, por diferentes razões, não puderam estudar na infância.

Confesso que, antes da disciplina e da vivência, eu enxergava essa modalidade de forma muito limitada. Cheguei a pensar que retornar à escola depois de certa idade talvez não fizesse mais sentido. Agora percebo o quanto esse pensamento era injusto.

Depois de conhecer a EJA mais de perto, passei a olhar essas histórias com outros olhos. Em uma oportunidade, vi senhoras entrando pelo portão de uma escola sorrindo, conversando e demonstrando uma alegria que dificilmente esquecerei. Naquele instante, compreendi que elas não estavam apenas voltando para a sala de aula. Estavam retomando sonhos que haviam permanecido interrompidos durante muitos anos.

Por isso, Tamiris do terceiro semestre, quero lhe agradecer.

Obrigada por não desistir, mesmo quando o medo parecia maior do que a coragem. Se eu pudesse voltar no tempo, diria apenas uma coisa: confie no seu processo. Cada disciplina, cada leitura, cada dificuldade e cada encontro aconteceram no momento em que você estava preparada para vivê-los.

Hoje entendo que o tempo também educa.

E talvez tenha sido essa a maior aprendizagem que a Educação de Jovens e Adultos me proporcionou: compreender que cada pessoa possui o seu próprio tempo para aprender, para recomeçar e para realizar seus sonhos.

Encerro esta carta com profunda gratidão.

À escola que me acolheu durante a vivência, às educadoras da turma, aos estudantes da EJA, que jamais esquecerei, à professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, por todos os ensinamentos compartilhados ao longo desse percurso, e, de maneira muito especial, à Stéfanny, minha dupla na universidade e na vida. Obrigada por caminhar ao meu lado. Com você, os desafios se tornaram mais leves e as conquistas ainda mais significativas.

Levarei comigo cada palavra, cada abraço e cada história que encontrei nessa travessia.

Com carinho,

Tamiris Oliveira de Castro

Riacho de Santana (BA), junho de 2026.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 76. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

PAIVA, Jane. Direito à educação de jovens e adultos: concepções e sentidos. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 29., 2006, Caxambu. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPEd, 2006.



SEGUNDA MARGEM

As memórias chamam pelo nome

*“Antes de entrar na universidade,
a EJA já fazia parte da minha história.”*

Luiza Rocha Silva

As memórias são como águas que guardam caminhos. Nesta margem, elas vêm à tona para contar histórias que antecedem a universidade e revelam a presença da EJA na vida das autoras muito antes do ingresso no curso de Pedagogia. São lembranças de família, de trabalho, de vizinhos, de comunidades e de experiências que ensinaram, desde cedo, o valor do saber compartilhado.

As cartas desta margem nos convidam a reconhecer que a Educação de Jovens e Adultos não é apenas um campo de estudo, mas um território de vida, de pertencimento e de afetos. Aqui, a memória se mistura à caminhada, e cada história revela que a EJA sempre esteve presente, mesmo quando ainda não tinha esse nome.

**Toda memória encontra
um lugar para permanecer.**

QUEM NAVEGA POR ESSAS ÁGUAS

Cicera • Gabriela • Gennifher • Guilherme
Luiza • Milena • Patricia • Viviane

ENTRE MEMÓRIAS E SABERES: O REENCONTRO COM A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Cícera Cláudia da Silva

Queridos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, querida professora da turma e querida professora Isaura,

Escrevo esta carta movida pela gratidão e pelas aprendizagens construídas ao longo da minha vivência na Educação de Jovens e Adultos. Enquanto organizava minhas memórias para escrever estas palavras, percebi que minha relação com a educação começou muito antes de ingressar no curso de Pedagogia.

Voltei no tempo e me lembrei da minha mãe. Eu tinha apenas oito anos quando a acompanhava em suas atividades como professora do MOBRAL. Naquela época, eu não compreendia a dimensão do trabalho que ela realizava. Via uma mulher profundamente dedicada aos seus estudantes, preparando atividades e acreditando que a educação poderia transformar vidas.

Hoje, aos 51 anos, cursando o sétimo semestre de Pedagogia na UNEB, compreendo o verdadeiro significado daquela experiência e percebo que, de alguma forma, minha história com a Educação de Jovens e Adultos começou ali. Hoje percebo que, muito antes de me tornar estudante de Pedagogia, a EJA já fazia parte da minha própria história.

Minha mãe havia concluído apenas a quarta série, por meio do Instituto Universal Brasileiro. Ainda assim, carregava consigo algo que nenhuma certificação poderia medir: o compromisso com aqueles que buscavam aprender. Anos depois, ao estudar a trajetória da EJA no Brasil e conhecer as reflexões de pesquisadoras como Paiva (1987), compreendi que histórias como a dela fazem parte de um movimento maior de luta pelo direito à educação de jovens e adultos em nosso país.

Talvez seja por isso que esta vivência tenha me tocado tão profundamente. Ao entrar na sala de aula da EJA, não encontrei apenas estudantes. Encontrei histórias, sonhos interrompidos, recomeços e, de certa forma, também encontrei partes da minha própria trajetória.

Já se passaram mais de trinta anos desde que deixei a escola, e esse longo período longe da sala de aula representa, hoje, um dos maiores desafios da minha formação. Voltar a estudar depois de tanto tempo não é simples. Precisei reaprender a organizar minha rotina, compreender os textos acadêmicos, acompanhar o ritmo da universidade e, muitas vezes, enfrentar a insegurança de não possuir a mesma facilidade de quando era mais jovem. Ainda assim, sigo firme, porque compreendi que esse percurso também me ensina o significado da perseverança e da coragem de não desistir de um sonho. Talvez seja por isso que eu tenha me identificado tanto com os estudantes da EJA: cada um de nós, à sua maneira, estava vivendo um processo de recomeço.

Escrevo esta carta também porque vivi uma experiência que transformou profundamente minha forma de compreender a educação. Antes de estudar a Educação de Jovens e Adultos, eu tinha uma visão bastante limitada dessa modalidade. Imaginava que sua principal função era oferecer uma segunda oportunidade para que as pessoas concluíssem os estudos interrompidos. Pensava que encontraria apenas dificuldades, cansaço e pouca participação dos estudantes. Também carregava muitas dúvidas: será que conseguiria compreender suas necessidades? Será que minha presença faria alguma diferença naquele espaço?

Hoje, depois de tudo o que vivi na Escola Professora Lúcia Marilac, compreendo que a EJA é muito mais do que um lugar onde se ensinam conteúdos escolares. É um espaço de garantia de direitos, de valorização das experiências de vida, de construção de vínculos e de fortalecimento da comunidade. Aprendi que os estudantes da EJA não chegam à escola desprovidos de conhecimentos. Ao contrário, trazem consigo histórias, experiências de trabalho, saberes construídos ao longo da vida e uma enorme vontade de continuar aprendendo.

A escola está localizada no bairro São João e mantém uma relação muito próxima com a comunidade. Essa proximidade podia ser percebida na forma como o trabalho era organizado e na maneira como a realidade dos estudantes era acolhida no cotidiano escolar.

A turma que acompanhei era formada por adultos com idades entre 40 e 75 anos. Cada um carregava uma trajetória de vida singular, marcada por desafios, perdas e conquistas. Apesar das diferenças, todos compartilhavam o mesmo desejo: voltar a estudar. As carteiras permaneciam organizadas em fileiras, mas isso não impedia a convivência. Durante as atividades, conversavam, trocavam experiências, ajudavam uns aos outros

e demonstravam que, naquela sala, aprender era também um exercício coletivo.

A relação entre a professora e os estudantes era construída por meio do diálogo, da escuta e do respeito. Em nenhum momento ela assumia a postura de quem detinha todo o conhecimento. Pelo contrário, reconhecia que também aprendia com as experiências e os saberes trazidos por seus estudantes.

Aos poucos, fui conhecendo as histórias de vida daquelas pessoas. Descobri que muitos interromperam os estudos não por escolha, mas porque precisaram trabalhar ainda na infância, ajudar no sustento da família, cuidar dos irmãos, enfrentar a ausência de escolas próximas ou conviver com as dificuldades de acesso à educação.

Entre tantas histórias, algumas permanecerão para sempre em minha memória. Conheci Maria da Penha, que estuda ao lado do esposo, o senhor Manuel. Os dois frequentam a escola com entusiasmo e demonstram, diariamente, que nunca é tarde para aprender. Conheci também Madalena, que, mesmo depois de um longo dia de trabalho, chegava à escola sempre sorrindo e disposta a participar das aulas. Joana, funcionária do Hospital Carmélia Dutra, organiza sua rotina de trabalho para frequentar a escola sempre que sua escala permite, porque sonha em aperfeiçoar a leitura e a escrita para ajudar os netos nos estudos. E Dona Conceição, cuja frase permanece ecoando em minha memória: “Não importa a idade, aprender é sempre bom.”

Cada uma dessas histórias me ensinou que ensinar pessoas jovens, adultas e idosas exige muito mais do que domínio dos conteúdos escolares. Exige sensibilidade para compreender suas trajetórias, reconhecer seus saberes e respeitar os caminhos que percorreram até chegar novamente à escola.

Naquela sala de aula, compreendi que o tempo da EJA é diferente. As necessidades são outras, as experiências são outras e, por isso, o ensino também precisa dialogar com a vida, com o trabalho, com a família e com os sonhos de cada estudante.

Foi nesse momento que compreendi melhor as reflexões de Miguel Arroyo (2017), ao defender que os sujeitos da EJA são portadores de direitos e de saberes construídos ao longo da vida. A escola, portanto, não deve ignorar essas experiências, mas reconhecê-las como parte fundamental do processo educativo.

Talvez essa tenha sido a maior aprendizagem que vivi durante essa experiência: compreender a EJA não pelos livros, mas pelas pessoas que conheci. Como afirma Jorge Larrosa (2002), a experiência só acontece quando nos abrimos para ela. E foi justamente ao me abrir para a escuta, para o diálogo e para a convivência que comecei, de fato, a compreender o significado da Educação de Jovens e Adultos.

Há uma cena que permanece viva em minha memória. Durante uma aula de Língua Portuguesa, a professora explicava a diferença entre substantivos próprios e comuns e pediu que os estudantes apresentassem exemplos relacionados ao seu cotidiano. Foi então que Dona Conceição levantou a mão e perguntou:

— O meu nome é próprio, professora?

A simplicidade daquela pergunta me emocionou profundamente. Naquele instante compreendi que, para aqueles estudantes, o conhecimento escolar não era algo distante de suas vidas. Pelo contrário, fazia sentido porque dialogava diretamente com suas experiências, suas dúvidas e sua vontade de compreender melhor o mundo.

Outra situação que me marcou aconteceu durante uma aula de Geografia. Em homenagem ao Dia das Mães, os estudantes receberam a proposta de pintar um buquê de flores. Pode parecer uma atividade simples, mas, para muitos deles, aquele momento carregava um significado muito maior. Maria da Penha me contou que nunca havia realizado uma atividade como aquela na escola. Com um sorriso tímido, disse:

— Na minha época, a gente quase não estudava. Tinha mesmo era que ajudar em casa e na roça.

Enquanto coloria cuidadosamente o desenho, percebi o entusiasmo com que realizava cada detalhe. Naquele instante compreendi que aprender também significa viver experiências que, por muito tempo, lhes foram negadas.

Em outra aula, desta vez de História, a professora abordou o processo de colonização do Brasil, discutindo a presença dos povos indígenas antes da chegada dos portugueses, a atuação dos jesuítas e a importância da primeira carta escrita em nosso território. No decorrer da aula, os estudantes relacionavam aqueles conteúdos às próprias histórias de vida. Ouvi relatos de pessoas que interromperam os estudos porque precisaram trabalhar desde muito cedo, porque não havia transporte escolar ou porque acreditavam que já era tarde para voltar à escola.

Mas ouvi, sobretudo, histórias de esperança. Sonhos de aprender a ler um livro, escrever uma carta, compreender uma notícia de jornal, conquistar um trabalho melhor ou ajudar os filhos e os netos nos estudos. Foi impossível não perceber que, na EJA, cada estudante carrega consigo um projeto de vida que encontra, na educação, uma possibilidade concreta de realização.

Foi convivendo com essas pessoas que compreendi melhor o pensamento de Paulo Freire. Aprendi que educar é também um ato de amor, de respeito e de liberdade, porque devolve às pessoas a confiança em sua própria capacidade de aprender.

Essa compreensão aparecia claramente nas aulas de Língua Portuguesa. A professora explicava conteúdos como substantivos, divisão silábica e produção de palavras, mas sempre partindo da realidade dos estudantes. Utilizava exemplos relacionados ao trabalho, à família, ao bairro e às experiências do cotidiano. As correções eram realizadas coletivamente e cada avanço era valorizado. Percebi que aprender deixava de ser uma obrigação para tornar-se uma experiência significativa, porque os conteúdos dialogavam com a vida de quem estava ali.

Ao longo das observações, percebi que cada atividade proposta possuía uma intencionalidade pedagógica. Nas aulas de Geografia, por exemplo, as atividades artísticas em homenagem ao Dia das Mães iam muito além de um simples momento de pintura. Eram oportunidades para que os estudantes expressassem sentimentos, valorizassem suas histórias familiares e compartilhassem memórias que faziam parte de suas vidas.

Nas aulas de História, a professora recorria a cartazes, imagens e textos para facilitar a compreensão dos conteúdos. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi sua preocupação em relacionar cada tema à realidade vivida pelos estudantes. Dessa forma, a História deixava de ser um conteúdo distante e passava a dialogar com as experiências da comunidade e com as trajetórias daqueles sujeitos.

Outro momento muito significativo foi a preparação de uma peça teatral e das apresentações de poesia. Todas as atividades foram construídas coletivamente. A professora escutava as sugestões dos estudantes, acolhia suas ideias e os incentivava a participar de cada etapa da organização. Era bonito observar o entusiasmo com que todos colaboravam, ajudavam uns aos outros e comemoravam cada avanço.

Naquele cotidiano, compreendi que a professora não ensinava apenas conteúdos escolares. Ela ensinava convivência, respeito, cooperação

e pertencimento. Foi justamente isso que vi acontecer naquela sala de aula: uma prática educativa que reconhecia cada estudante como sujeito da aprendizagem e valorizava aquilo que cada um trazia de sua própria história.

Foi somente depois de viver essa experiência que compreendi, de fato, o sentido das leituras realizadas durante a disciplina. Os autores que estudamos deixaram de ser apenas referências nos livros e passaram a fazer parte daquilo que eu observava diariamente na escola. A teoria ganhou rostos, vozes e histórias.

Ao acompanhar as aulas e escutar os estudantes, compreendi melhor o pensamento de Paulo Freire. Percebi que valorizar os saberes construídos ao longo da vida, estabelecer o diálogo como fundamento da prática educativa e acreditar na capacidade de aprender de cada sujeito não são apenas princípios teóricos. São atitudes que transformam a escola em um espaço de acolhimento, respeito e liberdade. Quando ouvi os estudantes relatarem a alegria de voltar a estudar, compreendi que a educação também devolve dignidade, autonomia e esperança.

As reflexões de Jorge Larrosa (2002) também ganharam um novo significado para mim. Entendi que a experiência não acontece apenas porque vivemos uma situação, mas porque nos deixamos tocar por ela. E foi exatamente isso que aconteceu comigo. Aprendi porque observei com atenção, escutei com sensibilidade e permiti que aquelas histórias transformassem meu modo de compreender a educação.

Da mesma forma, as leituras de Jane Paiva (2009) ajudaram-me a perceber que a Educação de Jovens e Adultos não forma apenas estudantes, mas cidadãos. Foi por isso que compreendi a importância das atividades artísticas, das apresentações, dos momentos de convivência e das ações coletivas que acompanhei durante a observação. Naquela escola, a educação não estava voltada apenas para a aprendizagem dos conteúdos escolares, mas para a formação humana, para o fortalecimento da cidadania e para a construção de vínculos entre as pessoas.

As reflexões de Bernard Charlot (2000) também passaram a fazer muito mais sentido depois dessa vivência. Compreendi que aprender é construir uma relação com o saber e que essa aprendizagem acontece quando o conhecimento dialoga com a vida de quem aprende. Foi exatamente isso que observei na EJA. Os estudantes participavam com muito mais entusiasmo quando os conteúdos se aproximavam do seu cotidiano, do trabalho, da família e das experiências que carregavam consigo.

Essa experiência também me fez compreender que teoria e prática não caminham separadas. Tudo aquilo que estudei na universidade ganhou sentido quando pude observar a realidade da escola. Da mesma forma, aquilo que vivi durante a observação encontrou explicação nas leituras realizadas ao longo da disciplina.

Foi nesse percurso que comecei a compreender, de maneira mais profunda, o tipo de professora que desejo ser. Talvez esse desejo tenha começado ainda na infância, quando acompanhava minha mãe em seu trabalho no MOBRAL. Hoje percebo que aquele exemplo permaneceu vivo dentro de mim e voltou a fazer sentido durante esta vivência na Educação de Jovens e Adultos.

Também aprendi, com Madalena Freire (1996), que observar é muito mais do que olhar. É educar o olhar para compreender o outro com sensibilidade, respeito e disponibilidade para aprender com aquilo que ele revela. Durante toda a semana de observação, procurei viver exatamente esse exercício: escutar antes de falar, compreender antes de julgar e reconhecer que cada estudante carregava uma história que merecia ser ouvida.

Hoje compreendo que ouvir é uma das maiores responsabilidades de quem educa. É por meio da escuta que conhecemos nossos estudantes, seus saberes, seus sonhos, suas dificuldades e suas expectativas. Talvez essa tenha sido uma das maiores aprendizagens que levarei desta experiência: antes de ensinar qualquer conteúdo, precisamos aprender a conhecer as pessoas que estão diante de nós.

Hoje percebo que meu olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos mudou completamente. Antes, eu a compreendia como uma modalidade destinada apenas a oferecer uma nova oportunidade de escolarização. Agora, entendo que ela representa muito mais do que isso. A EJA é um espaço de reconhecimento de direitos, de valorização das trajetórias de vida e de fortalecimento da dignidade humana. Compreendi que seus estudantes não chegam à escola marcados pela falta, mas pela riqueza dos saberes construídos ao longo de suas experiências de vida.

Depois de tudo o que vivi, também passei a refletir sobre a professora que desejo ser. Quero construir uma prática docente baseada na escuta, no respeito, no acolhimento e na valorização de cada história. Quero reconhecer que cada estudante possui seu próprio tempo de aprender, suas experiências, seus medos e suas potencialidades — assim como eu mesma, ao retornar aos estudos depois de tantos anos, também precisei respeitar meu ritmo e reaprender muitas coisas.

Essa vivência também me fez compreender que defender a Educação de Jovens e Adultos significa defender o direito de todas as pessoas à educação ao longo da vida. Ainda existem muitos desafios: fortalecer as políticas públicas, ampliar os investimentos, garantir melhores condições de trabalho aos professores e oferecer escolas cada vez mais acolhedoras e comprometidas com a permanência dos estudantes.

Saio desta experiência convicta de que a EJA precisa continuar sendo reconhecida como um espaço de transformação social e humana. E levo comigo o compromisso de contribuir, como futura pedagoga, para que esse direito continue sendo assegurado com respeito, sensibilidade e compromisso ético.

Ao concluir esta carta, levo comigo algumas certezas que esta experiência me proporcionou. A primeira delas é que a Educação de Jovens e Adultos é um espaço de direitos, de memória, de recomeços e de transformação. Também compreendi que educar vai muito além de ensinar conteúdos: significa contribuir para que as pessoas construam novos caminhos, fortaleçam sua autonomia e continuem acreditando em seus sonhos.

Levarei para toda a minha trajetória profissional o compromisso de olhar para cada estudante como sujeito de direitos, de valorizar suas histórias de vida e de construir práticas educativas que dialoguem com a realidade de quem aprende. Também sigo carregando inquietações que desejo continuar pesquisando e compreendendo: como tornar todas as escolas espaços verdadeiramente acolhedores? Como fortalecer a Educação de Jovens e Adultos para que seja cada vez mais reconhecida como um direito e uma política pública essencial?

Meus agradecimentos vão, em primeiro lugar, aos estudantes da Escola Professora Lúcia Marilac, especialmente à Dona Conceição, Maria da Penha, Madalena, Joana e ao senhor Manuel. Vocês me ensinaram que aprender é um exercício permanente de coragem, esperança e perseverança. Cada história compartilhada permanecerá comigo e continuará inspirando minha caminhada como futura pedagoga.

Agradeço à professora da turma, que me mostrou, por meio de sua prática, que ensinar também é acolher, escutar e acreditar no potencial de cada estudante. Agradeço à direção e aos funcionários da escola pela acolhida generosa durante nossa permanência. E agradeço, de modo especial, à professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, por conduzir esta disciplina com sensibilidade, rigor acadêmico e compromisso com a

formação humana, proporcionando-nos uma experiência que ultrapassou os limites da universidade e transformou nossa maneira de compreender a Educação de Jovens e Adultos.

Ao iniciar esta carta, recordei minha mãe alfabetizando jovens e adultos no MOBRAL. Hoje a encerro compreendendo que aquele exemplo permaneceu vivo em minha história e, de certa forma, ajudou a conduzir meus próprios passos até este momento. Talvez seja por isso que esta vivência tenha me tocado tão profundamente: porque nela reencontrei minhas memórias, reafirmei meu sonho de ser professora e descobri, na Educação de Jovens e Adultos, um espaço onde a educação transforma vidas, inclusive a minha.

Como nos ensina Paulo Freire (1979, p. 84), “A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo”. Hoje, saio desta experiência transformada e convicta de que desejo contribuir para uma educação cada vez mais humana, democrática e comprometida com a dignidade de todas as pessoas

Com gratidão,

Cícera Cláudia da Silva

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

Referencias

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo:

Loyola, 1987.

WEFFORT, Madalena Freire. **Educando o olhar da observação**. In: FREIRE, Madalena (org.). *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

MÃE, NOS ROSTOS DA EJA, ENCONTREI A SENHORA

Gabriela Conceição de Oliveira

Querida mãe,

Hoje escrevo para a senhora porque, durante a disciplina Educação de Jovens e Adultos, compreendi algo que antes eu não conseguia enxergar. Durante muito tempo, pensei que a EJA fosse apenas uma oportunidade para pessoas que não tiveram a chance de estudar na idade considerada “certa”. Imaginava uma modalidade destinada apenas a oferecer um certificado ou recuperar o tempo perdido. Hoje percebo o quanto essa visão era limitada.

Quando iniciei a disciplina, senti um frio na barriga diante da vivência que realizaríamos na escola. Eu não sabia exatamente o que encontraria, mas carregava muitas expectativas e também alguns preconceitos construídos ao longo da vida. Pensava que encontraria alunos desmotivados e aulas simples, distantes da realidade. No entanto, bastaram os primeiros encontros para compreender que a Educação de Jovens e Adultos é muito mais do que eu imaginava.

Ao observar os estudantes, percebi que aquele não era apenas um espaço de aprendizagem escolar. Era um lugar onde histórias de vida, lutas, sonhos e saberes se encontravam todos os dias. Foi impossível permanecer a mesma depois daquela experiência.

E foi justamente nesse momento que a senhora voltou à minha memória.

Enquanto observava aqueles homens e mulheres retornando à escola todas as noites, comecei a recordar a sua própria trajetória. Lembrei-me das dificuldades que a senhora enfrentou para concluir os estudos, dos sonhos que precisaram ser adiados e da coragem necessária para voltar à sala de aula depois de tantos anos. Foi impossível olhar para aqueles estudantes sem encontrar, em muitos deles, um pouco da sua história.

Sempre tive curiosidade de conhecer mais de perto a realidade dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Antes da vivência, imaginava que encontraria uma sala de aula marcada por dificuldades, estudantes desmotivados e aulas repetitivas, distantes da realidade de quem ali estava.

Hoje percebo que essas ideias revelavam muito mais os preconceitos que eu carregava do que a verdadeira essência da EJA.

Ao longo daqueles dias, conheci homens e mulheres que, apesar das interrupções em seus percursos escolares, nunca desistiram de aprender. Cada estudante carregava consigo uma história de vida, de trabalho, de luta e de resistência. Foi impossível não compreender, naquele momento, o que Miguel Arroyo (2017) nos ensina ao afirmar que os sujeitos da EJA são sujeitos de direitos, marcados por desigualdades, mas também por experiências, saberes e formas de resistência construídas ao longo da vida.

Na sala de aula, encontrei trabalhadores, mulheres, homens, pessoas do campo e da cidade, todos trazendo consigo conhecimentos produzidos muito antes de retornarem à escola. Percebi que a aprendizagem acontecia porque as professoras reconheciam esses saberes e os transformavam em ponto de partida para novos conhecimentos.

Foi então que compreendi, de forma concreta, aquilo que Paulo Freire (1996) tantas vezes defendeu: ninguém chega à escola vazio. Todos carregam saberes construídos na experiência. A verdadeira aprendizagem nasce quando esses conhecimentos são acolhidos, respeitados e colocados em diálogo com os novos saberes produzidos no espaço escolar.

Naquele momento, compreendi que ensinar na Educação de Jovens e Adultos não significa transmitir conteúdos prontos. Significa, antes de tudo, escutar, dialogar e reconhecer a riqueza das histórias que cada estudante leva consigo.

Os estudantes da EJA me ensinaram que não importa a idade, o tempo que passou ou os desafios enfrentados: sempre é possível recomeçar. Muitos interromperam os estudos ainda na infância ou na juventude para trabalhar, ajudar a família ou porque a escola lhes foi negada. Ainda assim, retornaram movidos pelo desejo de aprender, mostrando que estudar é muito mais do que cumprir uma obrigação; é conquistar um direito e transformar a própria história.

Enquanto observava aqueles homens e mulheres chegando à escola todas as noites, enfrentando o cansaço sem desistir, lembrei-me imediatamente da senhora. Sua trajetória passou diante dos meus olhos. A senhora também precisou interromper os estudos muito cedo para trabalhar e ajudar a família. Durante anos, guardou seus sonhos, mas nunca abandonou o desejo de aprender. Somente depois dos quarenta anos encontrou a oportunidade de voltar à sala de aula e abraçou essa nova etapa com coragem e determinação.

Foi então que compreendi que a história da senhora não era única. Ela também estava presente em muitos daqueles estudantes. Cada um carregava consigo um universo de saberes construídos no trabalho, na família, na comunidade e nas inúmeras experiências vividas ao longo do tempo. Naquele instante, as reflexões de Paulo Freire (1996) passaram a fazer ainda mais sentido para mim: ninguém chega à escola vazio; todos levam consigo conhecimentos produzidos na vida e que merecem ser acolhidos e valorizados.

Ao viver essa experiência, compreendi também o que Miguel Arroyo (2017) nos ensina ao afirmar que os estudantes da EJA são sujeitos de direitos, portadores de histórias, saberes e resistências. Mais do que aprender sobre a Educação de Jovens e Adultos, aprendi a olhar para esses homens e mulheres com respeito, admiração e esperança.

Anteriormente, eu acreditava que a EJA era simplesmente uma escola para aqueles que não tiveram a chance de estudar na idade apropriada, um lugar para “recuperar o tempo perdido”, aprender o básico, ler, escrever e conquistar um diploma. No entanto, ao estudar Paulo Freire e relacionar os conceitos com minha vivência pessoal, minha perspectiva mudou radicalmente: deixei de enxergar a EJA como um “ensino atrasado” e passei a perceber o valor intrínseco dessa modalidade. Antes, pensava que a EJA era uma versão simplificada ou inferior do ensino regular. Agora, compreendo que a EJA possui uma identidade própria, voltada para pessoas que têm histórias, trabalhos, lutas e conhecimentos adquiridos fora da escola. Ela não “atrasa” nem “adianta”: ela respeita quem eu sou, minha idade, minha vida e o que já aprendi. Não se trata de uma educação para “completar o que faltou”, mas de uma educação que inicia a partir do meu contexto e das experiências que carrego.

Quero ser uma professora que entende os conceitos que discute com os alunos, considerando a vivência com a EJA. A professora que desejo ser é aquela que acolhe, reconhece e valoriza cada estudante como sujeito de saberes, histórias e experiências. Sei que muitos alunos da EJA interromperam seus estudos por dificuldades na vida, trabalho, necessidade de ajudar a família ou ausência de oportunidades. Desejo ser alguém que os recebe com respeito, que escuta suas histórias, que compreende suas lutas e cansaços, e que transforma a sala de aula em um espaço seguro, onde se sintam bem-vindos e relevantes.

No caminho da Educação de Jovens e Adultos (EJA), os desafios e compromissos éticos estão relacionados às características específicas dos

alunos, indivíduos que interromperam os estudos, que trazem histórias de vida, trabalho, desigualdades e saberes singulares, e à intenção da modalidade: garantir o direito à educação, promover reparação histórica e inclusão. Existe uma cultura que vê o aluno da EJA como “atrasado”, “incapaz” ou “menos preparado”, além de considerar sua trajetória de vida como algo que deve ser “corrigido” ou “esquecido”. O desafio consiste em não reproduzir esses estigmas, evitar subestimar seu potencial e não reduzir sua identidade apenas à condição de estudante que não finalizou os estudos na idade convencional.

Ao relacionar as leituras realizadas durante o semestre com a experiência vivida na escola, compreendi, de forma concreta, muitos dos ensinamentos de Paulo Freire. A Educação de Jovens e Adultos deixou de ser, para mim, uma modalidade destinada apenas a recuperar o tempo de quem não estudou na idade considerada “certa”. Passei a compreendê-la como um espaço de acolhimento, de reconhecimento dos saberes construídos ao longo da vida e de afirmação do direito à educação.

Essa experiência também transformou a professora que desejo me tornar. Quero acolher cada estudante com respeito, reconhecer suas histórias, escutar suas experiências e compreender que ninguém chega à escola sem conhecimentos. Quero construir uma sala de aula em que cada pessoa se sinta pertencente, valorizada e capaz de aprender, independentemente da idade ou das interrupções que marcaram seu percurso escolar.

Mãe, hoje compreendo que, ao conhecer a Educação de Jovens e Adultos, encontrei muito mais do que uma modalidade de ensino. Encontrei a sua história refletida nos rostos de tantas mulheres e homens que continuam acreditando na educação. E foi por isso que decidi lhe escrever esta carta.

Com amor,

Gabriela Conceição de Oliveira

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio (org.). Educação de jovens e adultos: direitos, concepções e práticas. Belo

Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-39.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

PARA MINHA VOZINHA TERTULINA: A EDUCAÇÃO QUE A SENHORA TAMBÉM ME ENSINOU

Gennifher Leocádio Santos

Querida Vozinha Tertulina,

Enquanto observava os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, era impossível não pensar na senhora. Cada história que eu escutava parecia conversar, de algum modo, com a sua própria história.

Escrevo esta carta com profundo carinho. Ao organizar minhas anotações e os registros produzidos durante a disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebi que a senhora esteve presente em cada lembrança. Por isso decidi escrever-lhe para compartilhar uma experiência que marcou profundamente minha formação como futura pedagoga.

Neste semestre, realizei uma semana de observação na Escola Municipal Paulo Freire, como parte das atividades do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEB. Durante essa vivência, encontrei histórias, desafios e aprendizagens que me fizeram refletir profundamente sobre a educação e sobre aqueles que retornam à escola depois de longos anos afastados.

Antes mesmo de iniciar as observações, eu estava tomada por um misto de alegria, expectativa e receio. A Educação de Jovens e Adultos sempre despertou em mim um interesse especial, e conhecer esse universo era um antigo desejo. Ao mesmo tempo, perguntava-me se os conhecimentos construídos na universidade seriam suficientes para compreender a realidade daqueles estudantes e a complexidade de suas trajetórias.

Apesar das incertezas, eu trazia comigo uma importante referência: minha mãe. Acompanhar seu percurso na EJA fez com que eu compreendesse, muito antes da vivência, que essa modalidade ultrapassa os limites da sala de aula. Por isso, cheguei à escola já esperando encontrar pessoas cujas histórias fossem marcadas por desafios, mas também por coragem, esperança e desejo de aprender.

A escola em que realizei as observações foi a Escola Municipal Paulo Freire. Logo nos primeiros dias, percebi que a dinâmica do período noturno

possui características muito próprias, diferentes daquelas que costumamos observar nas escolas durante o dia.

A escola também buscava criar estratégias para favorecer a permanência dos estudantes. O lanche era servido na própria sala de aula, o transporte escolar era disponibilizado pelo município e as matrículas permaneciam abertas durante todo o ano. Ao observar essas iniciativas, compreendi que a permanência na EJA não acontece por acaso. Ela exige escolhas, organização e ações concretas por parte da escola. Como nos ensina Certeau (1998), são práticas construídas no cotidiano para enfrentar os desafios que atravessam a realidade dos sujeitos.

Quando passei a observar mais atentamente a turma, percebi que ela era formada, em sua maioria, por trabalhadores e trabalhadoras que carregavam trajetórias marcadas por muito esforço. Havia pedreiros, costureiras, donas de casa, trabalhadores autônomos e pessoas que, por diferentes razões, permaneceram durante muitos anos afastadas da escola. Cada estudante possuía sua própria história, mas todos compartilhavam o mesmo desejo: aprender.

Durante as observações, também percebi os inúmeros desafios enfrentados por aqueles estudantes. Muitos viviam limitações financeiras que interferiam diretamente em sua permanência na escola. Outros enfrentavam dificuldades no processo de alfabetização, na leitura, na escrita ou nos cálculos matemáticos. Havia ainda aqueles que conviviam com problemas de visão, tornando a realização das atividades ainda mais desafiadora.

Apesar de tudo isso, o que mais me chamou a atenção não foram as dificuldades, mas a persistência. A cada noite, aqueles estudantes reafirmavam, com sua presença, que aprender continuava sendo um projeto de vida.

Nesses momentos, as reflexões de Charlot (2000) sobre a relação com o saber vinham constantemente à minha mente. Aqueles estudantes acumulavam conhecimentos construídos ao longo da vida: dominavam seus ofícios, cuidavam de suas famílias, enfrentavam os desafios do cotidiano e encontravam soluções para problemas que a vida lhes impunha. No entanto, por razões sociais e históricas, muitos tiveram o acesso ao saber escolar interrompido. Ainda assim, o que mais me impressionava era a disposição com que retornavam à escola. Depois de um longo dia de trabalho, chegavam cansados, mas demonstravam um interesse genuíno pelas aulas e valorizavam profundamente a oportunidade de aprender.

Em seus rostos era possível perceber esperança, perseverança e o desejo de transformar suas vidas por meio da educação.

A observação cuidadosa foi um dos maiores aprendizados que essa experiência me proporcionou. Para compreender melhor aquilo que via, recorri às reflexões de Madalena Freire (2008), que nos ensina a olhar para além do que está imediatamente visível, exercitando a escuta, o registro e a reflexão sobre aquilo que, muitas vezes, permanece oculto aos nossos olhos. Foi esse exercício que procurei realizar durante toda a vivência.

Também me recordei das palavras de Jorge Larrosa (2002, p. 21), para quem a experiência é aquilo que “nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. E foi exatamente isso que vivi durante as noites em que permaneci com aquela turma da EJA.

Os estudantes conviviam de forma serena e acolhedora. Antes do início das aulas, conversavam, compartilhavam histórias e fortaleciam vínculos construídos no cotidiano da escola. Durante as atividades, mantinham-se atentos, participavam das discussões e demonstravam grande respeito pelo momento da aprendizagem.

Entre todas as histórias que ouvi, uma permanece especialmente viva em minha memória. A estudante Rosimeire, costureira, compartilhou parte de sua trajetória e contou que decidiu retornar à escola ao perceber o quanto a leitura fazia falta em seu cotidiano. Disse também que estudar era uma forma de manter a mente ativa e continuar aprendendo.

Rosimeire recordou que, aos quatorze anos, mudou-se para Brasília em busca de trabalho. Naquele período, enfrentou inúmeras dificuldades por não saber ler nem se orientar na cidade. Falou também, com carinho, da experiência vivida no MOBRAL e da professora que a acompanhava, oferecendo apoio não apenas na aprendizagem, mas também em diferentes situações da vida cotidiana.

Hoje, Rosimeire afirma sentir-se mais segura, autônoma e confiante, atribuindo essas mudanças às aprendizagens construídas na escola. Escutar sua história foi profundamente comovente e me levou a refletir sobre o verdadeiro significado da educação na vida das pessoas.

Narrativas como a de Rosimeire revelam que a Educação de Jovens e Adultos é um espaço de transformação. Ao retornarem à escola, muitos estudantes não buscam apenas aprender a ler e escrever. Buscam fortalecer a autoestima, conquistar autonomia e ampliar suas possibilidades de participação na sociedade.

Durante as observações, também passei a refletir sobre o papel do professor na EJA. A relação estabelecida entre docentes e estudantes era marcada pelo respeito, pela proximidade e pelo cuidado. Em diversos momentos, percebi que os professores conheciam as histórias de vida de seus alunos e procuravam compreender suas dificuldades para acompanhá-los de forma mais sensível em seus processos de aprendizagem.

Era comum vê-los circulando pela sala, conversando individualmente com os estudantes, esclarecendo dúvidas e incentivando cada pequeno avanço. Essa postura contribuía para a construção de um ambiente acolhedor, no qual os alunos se sentiam seguros para perguntar, participar e aprender.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi a preocupação dos professores em adaptar suas práticas às necessidades da turma. Durante as avaliações, por exemplo, muitas questões eram lidas em voz alta para que as dificuldades de leitura não impedissem os estudantes de demonstrar aquilo que haviam aprendido. Esse cuidado revelava uma prática pedagógica comprometida com a inclusão e com o respeito às trajetórias de cada educando.

As atividades propostas envolviam recursos visuais, exercícios de alfabetização, formação de sílabas e construção de palavras. Em alguns momentos, utilizavam-se fichas com letras para auxiliar aqueles que ainda estavam iniciando o processo de leitura e escrita. Também era comum a resolução coletiva de atividades no quadro, permitindo que todos acompanhassem o raciocínio e participassem das discussões.

Durante uma conversa com minha colega Viviane Lima, refletimos sobre essas práticas. Em um primeiro momento, questionamos se algumas atividades não poderiam parecer excessivamente infantis para um grupo de adultos. Entretanto, ao observarmos a turma com mais atenção, compreendemos que aquelas estratégias respondiam às necessidades concretas dos estudantes. Muitos ainda estavam nas primeiras etapas da alfabetização, e propor atividades incompatíveis com esse momento poderia gerar insegurança e desmotivação.

Essa experiência me fez compreender um dos grandes desafios da Educação de Jovens e Adultos: construir práticas que respeitem, ao mesmo tempo, a condição adulta dos estudantes e seus diferentes níveis de aprendizagem. Ensinar na EJA exige reconhecer que esses sujeitos chegam à escola trazendo uma história de vida, saberes acumulados e uma identidade que precisam ser valorizados durante todo o processo educativo.

Aqui, vozinha, compreendi que o trabalho do professor vai muito além de ensinar conteúdos. Ele envolve acolhimento, diálogo, organização das atividades e um compromisso permanente com a aprendizagem dos estudantes. Naquela sala, era possível perceber o esforço dos educadores para construir um ambiente marcado pelo respeito, pela escuta e pela participação.

Foi justamente nessa convivência que compreendi que a educação não se limita aos conteúdos escolares. Ela também envolve dimensões sociais, culturais e humanas que se entrelaçam no cotidiano da sala de aula. Na turma que acompanhei, essas dimensões estavam presentes o tempo todo, tornando a aprendizagem muito mais significativa.

Ao observar aquela realidade, lembrei-me das leituras que realizamos durante a disciplina, especialmente das reflexões de Paulo Freire. Passei a compreender, na prática, aquilo que seus livros nos ensinam: ensinar exige diálogo, respeito e reconhecimento dos saberes que os estudantes constroem ao longo da vida. Em diversos momentos, percebi os professores escutando atentamente seus alunos, valorizando suas experiências e construindo o conhecimento de forma compartilhada.

Essas vivências também me fizeram recordar Miguel Arroyo (2005), quando afirma que os estudantes da EJA são sujeitos de direitos, portadores de histórias, culturas e experiências que a escola precisa reconhecer. Foi exatamente isso que encontrei naquela turma. Mais do que ensinar conteúdos, os professores procuravam compreender quem eram aquelas pessoas e quais caminhos haviam percorrido até chegarem novamente à escola. Foi nesse convívio que compreendi, na prática, o sentido das reflexões de Arroyo e a importância de reconhecer cada estudante para além de sua trajetória escolar.

Durante as observações, ficou evidente como questões relacionadas à classe social, à idade, ao gênero e à deficiência atravessavam a realidade daqueles estudantes. A turma reunia trabalhadores, pessoas idosas, estudantes trans, alunos com deficiência e pessoas que retornavam aos estudos após décadas de afastamento. Cada um enfrentava desafios muito particulares, mas todos compartilhavam o mesmo desejo: aprender.

Nesse contexto, a escola revelava-se um espaço fundamental de acolhimento e valorização das diferenças. Embora ainda existam muitos desafios, era possível perceber o esforço da equipe em construir um ambiente onde todos se sentissem pertencentes e respeitados.

Vozinha, tudo isso marcou profundamente a minha formação. Quando cheguei àquela escola, levava comigo expectativas, dúvidas e muitas perguntas. Quando saí, levava muito mais do que respostas. Saí com novos conhecimentos, novas inquietações e uma compreensão muito mais profunda sobre o verdadeiro significado da educação.

Compreendi que ser professora vai muito além de ensinar conteúdos. É criar vínculos, escutar histórias, compreender dificuldades e reconhecer que cada estudante possui seu próprio tempo de aprender. É entender que, por trás de cada caderno, existe uma história de vida que merece respeito.

Conviver com os estudantes da EJA também me ensinou o valor da escuta. Muitas vezes, antes mesmo de ensinar, é preciso ouvir. Ouvir os medos, os sonhos, as dificuldades, as conquistas e os silêncios daqueles que chegam à escola trazendo consigo uma vida inteira de experiências.

Percebi, ainda, que a educação não pode ser compreendida separadamente da realidade social. Os desafios enfrentados pelos estudantes não começam nem terminam na sala de aula. Trabalho, renda, transporte, alimentação, saúde e tantas outras condições interferem diretamente em seus percursos escolares.

Essa experiência fortaleceu ainda mais minha admiração pela Educação de Jovens e Adultos. O que antes era um interesse acadêmico tornou-se um compromisso ético e humano. Passei a compreender a EJA como um espaço onde direitos são reafirmados, histórias de vida são valorizadas e sonhos interrompidos encontram novas possibilidades de recomeço.

Esse compromisso tornava-se visível em diferentes momentos do cotidiano escolar. As aulas abordavam temas como o Dia Internacional da Mulher, ética, convivência e respeito às diferenças, ampliando a formação dos estudantes para além dos conteúdos escolares e fortalecendo o exercício da cidadania.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi a maneira como os estudantes vivenciavam as avaliações. Ao contrário do que eu imaginava, muitos não demonstravam ansiedade diante das provas. Talvez porque a vida já lhes tivesse apresentado desafios muito maiores do que qualquer atividade escolares. Havia neles uma serenidade que só o tempo e a experiência parecem ensinar.

Essas observações também me fizeram refletir sobre a professora que desejo me tornar. Quero ser uma educadora que acolhe, escuta e respeita as diferenças. Quero construir práticas que dialoguem com a realidade

dos estudantes e valorizem os saberes que cada um traz consigo. Mais do que ensinar, desejo continuar aprendendo com as pessoas que encontrarei ao longo da minha caminhada. Afinal, como nos lembra Paulo Freire (1996, p. 12), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Neste momento, quero expressar minha gratidão a todos que fizeram parte dessa experiência. À direção e aos profissionais da Escola Municipal Paulo Freire, pela acolhida; aos professores da turma, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos; aos estudantes da EJA, que me ensinaram lições que nenhum livro seria capaz de ensinar sozinho; e à professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, que conduziu nossas reflexões com sensibilidade, rigor e compromisso, contribuindo para a construção de um olhar mais crítico e humano sobre a Educação de Jovens e Adultos.

Minha querida vizinha Tertulina,

Quando cheguei a esta parte da carta, percebi que escrever sobre a Educação de Jovens e Adultos também era uma maneira de escrever sobre a senhora.

Enquanto escutava os estudantes compartilhando suas histórias de vida, era impossível não recordar das suas histórias, das suas palavras e dos ensinamentos que sempre fizeram parte da minha vida.

Ao ouvir os relatos daqueles que não tiveram acesso à escola durante a infância, pensei imediatamente na senhora. Lembrei-me da sua força, da sua sabedoria e de tudo o que aprendeu ao longo da vida, mesmo sem ter tido as oportunidades que tantas outras pessoas tiveram.

Enquanto escrevia minhas anotações de campo e organizava esta carta, tive a sensação de que a senhora caminhava comigo. Sua presença aparecia nas lembranças, nos gestos e nos valores que continuam vivos dentro de mim.

Foi então que compreendi algo muito importante.

Os autores que estudamos ao longo da disciplina falam sobre memória, identidade, experiência e valorização dos saberes construídos na vida. Ao reler Walter Benjamin (1994), percebi que preservar essas histórias significa também reconhecer aqueles que, tantas vezes, permaneceram invisíveis nos registros oficiais.

Naquele instante, compreendi que esta carta também era uma forma de preservar a sua história.

A senhora sempre carregou consigo saberes que nenhum diploma seria capaz de medir. Sabia cuidar das pessoas, aconselhar, acolher, trabalhar e enfrentar as dificuldades da vida com uma coragem admirável. Sua sabedoria nasceu da experiência, da convivência e dos aprendizados construídos no cotidiano.

Há, porém, algo que ainda me entristece quando penso na sua história: a senhora partiu sem ter a oportunidade de se alfabetizar. Não houve tempo para frequentar a escola, aprender a ler e escrever seu próprio nome com segurança ou exercer um direito que deveria pertencer a todas as pessoas.

Talvez tenha sido por isso que, ao conhecer os estudantes da EJA, eu tenha sentido tanta proximidade com suas histórias. Em muitos deles encontrei um pouco da senhora. Pessoas que também enfrentaram o trabalho precoce, a falta de oportunidades e tantos outros obstáculos que interromperam seus percursos escolares.

Ao mesmo tempo, encontrei na EJA a confirmação de que a educação continua sendo um caminho de transformação. Cada palavra aprendida, cada texto lido e cada conquista alcançada naquela sala de aula representavam muito mais do que conteúdos escolares. Representavam dignidade, autonomia e o reconhecimento de um direito que jamais deveria ter sido negado.

Hoje compreendo que, mesmo sem ter frequentado uma escola por muitos anos, a senhora foi uma das maiores educadoras da minha vida. Foi com a senhora que aprendi o valor da solidariedade, ao vê-la dividir o pouco que possuía; o respeito, na forma como tratava cada pessoa; o amor, presente em seus gestos cotidianos; e a coragem, demonstrada em cada dificuldade que enfrentou sem desistir.

Quando penso na professora que desejo ser, encontro muito da senhora nesse caminho. Talvez a senhora nunca tenha se reconhecido como educadora, mas eu sempre a reconhecerei como uma das pessoas que mais me ensinaram.

Cada conselho, cada história compartilhada, cada sorriso e cada gesto de carinho fizeram parte da minha formação muito antes de eu ingressar na universidade.

Agora, ao concluir esta carta, percebo que ela não fala apenas sobre uma disciplina, uma vivência ou um estágio. Ela fala sobre encontros. Sobre memórias. Sobre trajetórias de vida. Sobre direitos. Sobre resistência. E, acima de tudo, sobre pessoas.

Quero que a senhora saiba que continua presente em tudo o que faço. Está viva nas minhas lembranças, nas escolhas que faço e no caminho que percorro para me tornar professora.

Prometo levar comigo todos os ensinamentos dessa experiência e lutar pela construção de uma educação mais humana, inclusiva e transformadora. Uma educação que reconheça a história de cada sujeito e garanta oportunidades àqueles que, por diferentes razões, tiveram seus direitos negados ao longo da vida.

De alguma forma, cada estudante que eu ajudar a aprender a ler e escrever, seja jovem, adulto ou idoso, também será uma homenagem à sua história.

Será uma forma de dizer que a senhora nunca foi esquecida.

Será uma maneira de manter vivo o seu nome na minha memória, no meu coração e na professora que estou me tornando.

Obrigada por tudo, minha querida vozinha.

Obrigada pelos ensinamentos, pelo amor, pelas histórias e pela presença que continua viva, mesmo na saudade.

Com todo o meu amor, respeito e eterna gratidão,

Sua neta, Ge.

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel G. Educandos e educadores: seus direitos e o currículo. In: SOARES, Leôncio (org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. 1).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo.** 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 76. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 84. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MUITO ANTES DOS LIVROS, EU APRENDI COM VOCE MÃE

Guilherme Cristiano Cruz Mendes

Querida mãe,

Escrevo esta carta movido pelo carinho, pela admiração e pela gratidão. Ao longo da disciplina Educação de Jovens e Adultos, no curso de Pedagogia, percebi que estudar a EJA é, antes de tudo, estudar histórias de vida como a sua. Histórias marcadas por interrupções, desafios, trabalho, responsabilidades familiares e, acima de tudo, resistência.

Logo no primeiro encontro da disciplina, senti que aquela experiência seria diferente de todas as outras. Havia algo naquele início que eu ainda não conseguia explicar. Hoje compreendo que, sem perceber, eu estava prestes a estudar histórias que dialogavam profundamente com a sua.

Aos poucos, descobri que a EJA não se resumiria às leis, aos conceitos ou às metodologias de ensino, embora tudo isso seja importante. Ela me convidaria a olhar para as pessoas, para suas trajetórias, suas marcas e seus sonhos. E, a cada leitura, a cada aula e a cada experiência vivida, eu me aproximava um pouco mais de você.

Sei que a senhora carregou durante muitos anos o sonho de concluir o Ensino Médio. Mas a vida nem sempre permitiu que esse desejo fosse realizado. O trabalho, as responsabilidades com a família e tantas outras dificuldades fizeram com que permanecer na escola se tornasse um caminho interrompido.

Hoje compreendo que essas interrupções nunca significaram falta de esforço ou de vontade. Pelo contrário. Elas revelam as desigualdades que atravessam a vida de tantas mulheres e homens que precisaram escolher entre estudar e sobreviver. Foi durante a disciplina que percebi, com mais clareza, aquilo que Oliveira (2025) afirma ao compreender a permanência na EJA como um ato de resistência e como a reafirmação da educação enquanto direito e possibilidade de transformação.

Então estudar a Educação de Jovens e Adultos foi, antes de tudo, aprender a olhar.

Não um olhar apressado ou carregado de julgamentos.

Mas um olhar sensível, capaz de reconhecer a humanidade presente em cada trajetória.

As palavras de Madalena Freire acompanharam esse processo ao me ensinar que olhar e escutar significam sair de si para compreender o outro a partir de sua própria história.

Foi justamente nesse movimento que passei a compreender ainda mais profundamente a sua.

Sempre admirei a mulher forte e perseverante que a senhora é. Mas, ao estudar a EJA, percebi que sua história não é apenas uma história de dificuldades. É uma história de coragem, de trabalho, de cuidado com a família e de uma esperança que nunca deixou de existir, mesmo quando os sonhos precisaram esperar.

Ao longo da disciplina, também descobri que muitas vezes fomos ensinados a olhar apenas para aquilo que falta às pessoas, e não para aquilo que elas já construíram ao longo da vida. As palavras de Madalena Freire me ajudaram a perceber que aprender a olhar é também aprender a romper com os estereótipos que nos impedem de enxergar o outro em sua inteireza.

Foi então que percebi algo que mudou profundamente meu modo de pensar a educação: os saberes construídos na vida, no trabalho, na família e nas relações humanas também são conhecimentos. Eles carregam experiências, valores e aprendizagens que nenhuma escola pode ignorar.

Ao conhecer a história da Educação de Jovens e Adultos, percebi que ela nasceu da luta pelo direito à educação e pelo reconhecimento daqueles que, durante muito tempo, foram excluídos da escola. Também compreendi que interromper os estudos nunca significou interromper a construção de saberes.

E foi impossível não pensar novamente em você.

Durante muitos anos, talvez muitas pessoas tenham enxergado apenas o fato de a senhora não ter concluído os estudos. Eu mesmo nunca havia parado para pensar nisso com tanta profundidade. Hoje compreendo que sua trajetória nunca foi marcada pela ausência de conhecimento, mas pela presença de inúmeros saberes construídos no trabalho, na família e na vida.

Foi com Paulo Freire que encontrei palavras para compreender aquilo que você sempre me ensinou sem precisar dizer. Ninguém chega à escola

vazio de saberes. A educação começa exatamente quando reconhecemos aquilo que cada pessoa já sabe e traz consigo.

Então compreendi outra coisa muito importante.

Os meus primeiros educadores não foram apenas os professores que encontrei na escola.

Muito antes de conhecer qualquer autor ou teórico, foi com você que aprendi os primeiros significados de responsabilidade, honestidade, solidariedade e amor. Foi através do seu exemplo que aprendi a respeitar as pessoas, a valorizar o trabalho e a compreender que a dignidade humana não se mede por certificados, mas pelas marcas que deixamos na vida daqueles que amamos.

Talvez por isso as palavras de Carlos Rodrigues Brandão tenham feito tanto sentido para mim ao afirmar que a educação acontece em muitos lugares e que a escola é apenas um deles. Ao ler esse trecho, percebi que alguns dos ensinamentos mais importantes da minha vida nasceram dentro da nossa própria casa, nas conversas, no exemplo e na forma como a senhora sempre escolheu viver.

As reflexões sobre os círculos de cultura e as palavras geradoras fizeram-me pensar muitas vezes em você. Percebi que a educação só faz sentido quando dialoga com a vida concreta das pessoas. E, quando penso na sua história, palavras como trabalho, esperança, luta, família, perseverança, fé e amor parecem traduzir boa parte dos saberes que a senhora construiu ao longo da vida.

Foi durante os cinco dias de vivência na Educação de Jovens e Adultos que essas reflexões ganharam rosto, nome e história. Os textos deixaram de ser apenas páginas lidas na universidade e passaram a caminhar diante de mim.

Ao entrar na sala de aula, encontrei homens e mulheres de diferentes idades. Mães que conciliavam o cuidado com os filhos e os estudos. Idosos que carregavam sonhos antigos e continuavam acreditando que nunca é tarde para aprender.

Entre tantas histórias, duas permaneceram comigo: a primeira foi a de Evelina. Ao decidir voltar para a escola, ela contou à família que havia retornado aos estudos. Nem todos compreenderam sua decisão. Mesmo assim, ela permaneceu. Os dias transformaram-se em semanas, as semanas em meses, e Evelina continuou ocupando seu lugar na sala de aula. Ao observá-la, entendi que permanecer também é uma forma de resistência.

A segunda foi a de Josué. Durante muitos anos, o trabalho noturno tornou impossível sua permanência na escola. A vida sempre exigia que estudar ficasse para depois. Agora, em outro tempo da sua trajetória, ele havia retornado. Ao vê-lo em sala de aula, compreendi que os percursos interrompidos nem sempre revelam falta de interesse. Muitas vezes revelam apenas a dureza das condições de vida.

Enquanto escutava aquelas histórias, era impossível não pensar novamente em você.

Via, em cada um daqueles estudantes, a mesma perseverança que sempre admirei na senhora. A mesma coragem diante das dificuldades. A mesma esperança silenciosa de quem nunca deixa de acreditar que a vida pode recomeçar.

Naqueles cinco dias aprendi que observar é muito mais do que olhar. É permanecer atento às pessoas, às suas histórias e aos sentidos que elas atribuem à própria caminhada. Aprendi também que o diálogo transforma a sala de aula em um espaço onde todos ensinam e todos aprendem.

Foi essa a maior aprendizagem que a Educação de Jovens e Adultos me proporcionou.

Enquanto aprendia sobre a EJA, aprendia também mais sobre você.

Aprendia a reconhecer a grandeza da sua história.

Aprendia a valorizar os saberes construídos no cotidiano.

Aprendia que a educação acontece nos encontros, nas escutas e nas relações humanas.

Aprendia, sobretudo, sobre humanidade.

Por isso, mãe, termino esta carta com um sentimento de profunda gratidão.

Obrigado pelos ensinamentos que recebi muito antes de conhecer qualquer autor.

Foi com você que aprendi os primeiros significados de dignidade, amor, solidariedade e esperança.

Hoje compreendo que os maiores ensinamentos que carrego não vieram apenas dos livros.

Vieram também da mulher que, com amor, coragem e generosidade, ajudou a formar quem eu sou.

Com amor, gratidão e profunda admiração,

Seu filho,

Guilherme Cristiano Cruz Mendes

Serra do Ramalho(BA), junho de 2026.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 49. reimp. da 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Isaura Francisco de. Quando permanecer é resistir: narrativas e projetos de vida na Educação de Pessoas Jovens e Adultas. Diálogos e Perspectivas Interventivas, Serrinha, v. 6, n. 2, e25916, 2025. DOI: 10.52579/diapi.v6i2.25916.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena (org.). Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

ENTRE MEMÓRIAS E ENCONTROS: O QUE APRENDI COM A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Luiza Rocha Silva

Querida Luíza do início da graduação,

Antes de falar sobre a disciplina de Educação de Jovens e Adultos, preciso lhe lembrar de algumas histórias que você já carregava consigo, mesmo sem perceber. Você cresceu ouvindo seus pais contarem sobre os estudos que precisaram interromper ainda muito jovens. O trabalho chegou cedo demais e a escola precisou ficar para depois. Mas esse “depois” nunca chegou. Durante muito tempo, essas histórias fizeram parte da vida da nossa família e ensinaram, ainda que silenciosamente, o valor das oportunidades que você recebeu.

Também me recordo dos meus tios José, Eunice e Terezinha. Desde criança, escutava suas conversas e os relatos sobre aquilo que não puderam viver. A cegueira os acompanhou desde o nascimento e, em uma época em que as oportunidades eram ainda mais escassas, a escola permaneceu distante de suas realidades. No entanto, nunca lhes faltaram inteligência, sabedoria ou sensibilidade para compreender o mundo. Pelo contrário. Muitas vezes aprendi mais ouvindo suas histórias do que em muitos espaços formais de ensino.

Ainda hoje guardo na memória algumas frases que me atravessavam profundamente: “Seria tão bom se eu tivesse estudado.” “Como eu gostaria de aprender a ler e escrever.” Naquele tempo, talvez eu não compreendesse a dimensão dessas palavras. Hoje compreendo. Talvez tenha sido ali, muito antes de entrar na universidade, que a Educação de Jovens e Adultos começou, silenciosamente, a fazer parte da minha própria história.

Sabe, Luíza, hoje percebo que meu encontro com a Educação de Jovens e Adultos não começou na universidade. Ele começou muito antes, nas histórias que escutei dentro da minha própria família, nos sonhos interrompidos dos meus pais, nos desejos nunca realizados das minhas tias e do meu tio e nas marcas que a negação do direito à educação deixou em tantas pessoas que fizeram parte da minha vida.

Por isso, quando cheguei ao curso de Pedagogia e comecei a estudar a EJA, não encontrei apenas uma modalidade de ensino. Encontrei memórias, rostos e trajetórias que já habitavam em mim. Cada leitura, cada debate e cada vivência pareciam dar nome a inquietações que eu carregava há muito tempo.

Talvez seja isso que Conceição Evaristo (2007) chama de *escrevivência*: quando a vida invade a escrita e a escrita passa a carregar as marcas daquilo que vivemos. Ao conhecer mais profundamente a EJA, fui também revisitando minha própria história e compreendendo que o direito à educação, embora garantido em lei, ainda não se tornou uma realidade para todos. Muitas pessoas próximas a mim tiveram esse direito interrompido ou negado.

Enquanto escrevo esta carta, faço a mim mesma algumas perguntas: como não admirar uma modalidade que acolhe aqueles que precisaram interromper seus estudos? Como não me emocionar diante de homens e mulheres que retornam à escola carregando sonhos, medos, esperanças e a coragem de recomeçar? A EJA me ensinou que a educação não acontece apenas nos livros ou nas salas de aula. Ela também vive nas trajetórias de vida, nas memórias e nos saberes construídos ao longo do tempo.

Foi assim que meu olhar se transformou. Compreendi que a Educação de Jovens e Adultos não representa apenas uma oportunidade de escolarização. Ela é, sobretudo, um espaço de dignidade, pertencimento, cidadania e reconstrução de sonhos.

Você ainda não sabia, mas, no primeiro semestre de 2024, viveria uma experiência que também atravessaria sua trajetória. Entre as descobertas da graduação, surgiu a oportunidade de participar de um grupo que apresentaria, no Seminário Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão (SIPEX), um relato de experiência sobre a curricularização da extensão na Educação de Jovens e Adultos.

Naquele momento, o tema ainda parecia distante. No entanto, durante a realização de uma oficina com estudantes da EJA, em uma escola de Riacho de Santana, compreendi que a extensão universitária também acontece quando a universidade se coloca em diálogo com a vida das pessoas, escutando suas histórias, seus saberes e suas necessidades.

Quando recordo aquela experiência, lembro-me de todos sentados em círculo, envolvidos por memórias, sentimentos e narrativas de vida. Cada fala parecia devolver voz a trajetórias marcadas pelo trabalho, pelas interrupções escolares e pelo desejo de aprender. Ali, ouvi a coragem

de quem sonhava escrever o próprio nome; a força de quem enfrentava limitações e, ainda assim, permanecia tentando; e a esperança de quem retornava à escola incentivado pelos filhos.

Duas falas permaneceram comigo de modo especial. Uma estudante, a quem chamarei de Sol, disse: “Porque tem essa história: papagaio velho não aprende mais a conversar. E eu falei: pois é, papagaio velho não aprende mais a conversar, mas ao menos eu vou gaguejar e aprender a escrever meu nome” (Relato de Sol, 2024).

Outra estudante, a quem chamarei de Mar, afirmou: “O que me trouxe até aqui na escola é ser uma pessoa mais... entendeu? Civilizada. Ser uma pessoa que possa saber entrar e sair em qualquer lugar. Porque a gente, sem a leitura, não sabe nada nessa vida” (Relato de Mar, 2024).

Se eu pudesse conversar com você naquele momento, diria: escute com atenção cada fala. Preste atenção nos detalhes. Ali não havia apenas relatos de estudantes da EJA; havia desejos profundos de autonomia, reconhecimento e pertencimento. Ao ouvir aquelas mulheres, compreendi que aprender a ler e escrever não significava apenas dominar letras e palavras. Significava conquistar independência, ampliar a própria presença no mundo e reconstruir a relação com a própria vida.

Para que eu pudesse construir esse olhar sensível e humanizado sobre a Educação de Jovens e Adultos, antes precisava viver algumas experiências. Foi por isso que, quando a disciplina foi ofertada, no primeiro semestre de 2026, senti um desejo genuíno de cursá-la. Eu intuía que ali encontraria respostas para inquietações que já me acompanhavam desde o início da graduação.

Ao longo do curso, Paulo Freire esteve presente em muitas leituras e discussões. Inicialmente, eu o conhecia apenas como o Patrono da Educação Brasileira. Aos poucos, porém, compreendi a profundidade de suas contribuições para a Educação de Jovens e Adultos. Estudar seu pensamento foi entender que alfabetizar adultos nunca significou apenas ensinar letras e palavras, mas reconhecer sujeitos capazes de ler criticamente o mundo e transformar sua própria realidade.

Hoje, olhando para trás, percebo que você ainda não compreendia toda a dimensão desse legado. Freire rompeu com uma educação que tratava os estudantes como simples receptores de conteúdos e mostrou que ensinar exige diálogo, respeito aos saberes construídos ao longo da vida e compromisso com a emancipação humana. Foi essa compreensão que começou a transformar também o meu modo de olhar para a EJA.

Depois das leituras, chegou o momento da experiência. Durante uma semana de observação, entrei pela primeira vez em uma escola da EJA como estagiária da UNEB. Levei comigo muitas expectativas, algumas inseguranças e uma bagagem construída ao longo da universidade. Naquele momento, compreendi que representar a universidade também significava assumir um compromisso ético com os sujeitos que me acolhiam naquele espaço.

As contribuições de Madalena Freire passaram, então, a fazer ainda mais sentido. Observar não significava apenas olhar o que acontecia na sala de aula, mas aprender a escutar, interpretar e compreender os sujeitos em suas histórias, em seus silêncios e em suas formas de aprender.

Confesso que, antes dessa experiência, quando alguém falava em Educação de Jovens e Adultos, eu imaginava, quase automaticamente, uma sala composta apenas por pessoas idosas. Bastaram os primeiros dias de observação para que essa imagem fosse completamente desconstruída. Encontrei jovens, adultos e idosos compartilhando o mesmo espaço educativo, cada qual trazendo consigo trajetórias muito distintas.

Por isso, se eu pudesse lhe dar um conselho, diria: não tenha medo das dúvidas que surgirem durante a observação. Elas serão importantes. Você descobrirá que a EJA é um espaço profundamente diverso, onde diferentes gerações, histórias de vida, culturas e experiências se encontram diariamente. Encontrará jovens que precisaram interromper os estudos para trabalhar, mulheres que conciliam a escola com o cuidado da casa e da família, trabalhadores que chegam cansados ao final do dia, mas que continuam acreditando na educação como possibilidade de transformação.

Foi nesse contexto que compreendi a riqueza das particularidades da Educação de Jovens e Adultos. À noite, quando muitos já haviam enfrentado longas jornadas de trabalho, chegavam à escola trazendo consigo não apenas o cansaço, mas também a esperança de reconstruir projetos de vida interrompidos.

Você aprenderá que cada estudante possui seu próprio ritmo e sua própria forma de aprender. Naquela sala encontrei juventudes interrompidas, velhices que insistiam em recomeçar, mulheres que conciliavam o trabalho com os cuidados da família e trabalhadores que carregavam, em seus corpos, as marcas das desigualdades sociais e raciais que atravessam a história da EJA.

Na semana em que realizei a observação, a cidade vivia intensamente suas manifestações culturais. Alguns estudantes precisaram se ausentar

para participar das festividades. Longe de interpretar essas ausências apenas como faltas, compreendi que aqueles espaços também produziam cultura, memória e aprendizagem.

Outro aspecto que me chamou atenção foi a relação construída entre educadores, equipe gestora e estudantes. Nos intervalos, conversavam, sorriam e compartilhavam histórias. Percebi que aqueles pequenos gestos fortaleciam os vínculos e contribuíam para que a escola fosse também um espaço de pertencimento e acolhimento.

Com o dia letivo organizado em quatro aulas de aproximadamente trinta minutos cada, percebi que a dinâmica da escola buscava respeitar as especificidades dos estudantes da EJA. À primeira vista, esse tempo poderia parecer reduzido. No entanto, compreendi que essa organização pedagógica considerava o cansaço físico e mental de quem chegava à escola depois de uma longa jornada de trabalho. Mais do que distribuir conteúdo, tratava-se de organizar o tempo de forma mais humana.

Naquele momento, lembrei-me das reflexões de Miguel Arroyo (2017), ao afirmar que a organização dos tempos, dos espaços e das práticas na EJA precisa dialogar com a realidade dos sujeitos trabalhadores. Compreendi que adaptar horários e metodologias não significa diminuir a qualidade do ensino, mas criar condições para garantir o direito de aprender e permanecer na escola.

Entre tantos momentos vividos durante a observação, um deles permanece muito vivo em minha memória. Durante uma conversa com a turma, a professora perguntou, individualmente, a cada estudante:

“Você tem fome de quê?” As respostas foram diferentes, mas igualmente marcantes. Um estudante respondeu: “Fome de Deus.” Outro disse: “Fome de conhecimento.”

Enquanto escutava aquelas palavras, compreendi que a fome ali ultrapassava o sentido biológico. Era também fome de dignidade, de reconhecimento, de autonomia e de esperança. Percebi que, para muitos daqueles estudantes, aprender representava a possibilidade de ocupar novos lugares na sociedade e de reconstruir a própria história.

Outra característica que me chamou atenção foi a forma como a professora conduzia suas aulas. Antes de apresentar qualquer atividade, fazia perguntas, escutava atentamente os estudantes e valorizava suas opiniões. Aos poucos, compreendi que planejar uma aula na EJA exige muito mais do que organizar conteúdo. Exige conhecer quem são os estudantes,

reconhecer suas trajetórias e considerar os saberes que construíram ao longo da vida.

Foi impossível não recordar Paulo Freire (1996), quando afirma que não é possível respeitar a dignidade dos educandos sem reconhecer os conhecimentos de experiência feitos com que chegam à escola. Durante toda a observação, percebi que esses saberes não eram ignorados; ao contrário, constituíam o ponto de partida para novas aprendizagens.

Hoje compreendo que uma prática educativa comprometida com a Educação de Jovens e Adultos precisa estimular a participação, o diálogo e a reflexão crítica. Foi justamente isso que encontrei naquela sala de aula: uma prática que se distanciava da educação bancária criticada por Paulo Freire e reconhecia os estudantes como sujeitos ativos na construção do conhecimento.

A partir dessa vivência, compreendi a Educação de Jovens e Adultos como um horizonte de possibilidades, esperanças e recomeços. Aprendi que a vida não é uma corrida, que o conhecimento não possui idade e que o tempo não pode ser medido apenas pela sucessão dos dias ou dos anos. Na EJA, cada retorno à escola representa uma história de retomada. Descobri que nunca é tarde para aprender quando existe o desejo de transformar a própria realidade.

Cada experiência fortaleceu meu compromisso com a docência. Compreendi que cada pessoa aprende em seu próprio ritmo e que nós, futuros pedagogos, precisamos acolher as diferenças, respeitar as singularidades e reconhecer que cada estudante chega à escola carregando histórias de vida, desafios cotidianos e inúmeros saberes construídos ao longo de sua trajetória.

Nesse sentido, as palavras de Jorge Larrosa fizeram ainda mais sentido para mim: “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente e pessoal” (LARROSA, 2002, p. 27). Percebi, então, que ensinar na EJA também significa estabelecer pontes entre os saberes da experiência e os conhecimentos sistematizados pela escola.

Ouvir cada história, participar das conversas e compartilhar tantos encontros tornou essa vivência profundamente significativa. Tenho certeza de que a Luíza que iniciava a graduação jamais imaginaria que encontraria, na EJA, tantas aprendizagens sobre educação e sobre si mesma.

Hoje compreendo que a disciplina não foi apenas um componente curricular. As discussões realizadas em sala de aula, sustentadas pelas leituras, pelos diálogos e pelas reflexões coletivas, prepararam-nos para olhar

a realidade com mais sensibilidade e compromisso. Foi nesse movimento entre teoria e prática que comecei, verdadeiramente, a compreender o sentido da formação docente.

Ao concluir esta carta, reafirmo minha convicção de que a educação é um caminho para a construção de uma sociedade mais justa, humana e igualitária. Uma educação que reconhece as diferenças, respeita os percursos de vida e compreende a aprendizagem como um processo que acompanha toda a existência.

Expresso minha sincera gratidão à professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, pela condução sensível da disciplina e pelas reflexões que ampliaram meu olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos. Agradeço também à equipe gestora e aos professores da Escola Municipal Arnaldo Cardoso, em Riacho de Santana, e da Escola São José, em Bom Jesus da Lapa, por abrirem suas portas e possibilitarem uma experiência tão significativa. Aos estudantes da EJA, minha gratidão pelos diálogos, pelo acolhimento e pelas lições de vida que generosamente compartilharam comigo.

Aos meus pais, agradeço por terem acreditado que a educação poderia transformar minha trajetória, mesmo quando essa oportunidade lhes foi negada. Aos meus tios, agradeço pelo incentivo constante e por me ensinarem, desde muito cedo, que a sabedoria não depende apenas da escolarização, mas também das experiências vividas e da forma como escolhemos enfrentar a vida.

E, por fim, à Luíza do início da graduação, quero dizer que as dúvidas, as inseguranças e as curiosidades fazem parte do caminho. Um dia você compreenderá que a Educação de Jovens e Adultos transformará não apenas sua forma de compreender a escola, mas também sua maneira de compreender as pessoas. Ela ensinará que a verdadeira prática educativa nasce do encontro entre o conhecimento acadêmico, os saberes da experiência e o profundo respeito pela humanidade de cada estudante.

Espero que esta tenha sido apenas a primeira de muitas experiências com a EJA. Se hoje encerro esta carta, é porque sei que essa caminhada, na verdade, está apenas começando.

Com carinho e gratidão,

Luiza Rocha Silva

Riacho de Santana (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena (org.). **Observação, registro e reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

HERANÇAS DE ESPERANÇA: ENTRE AMOR E CUIDADO

Milena Guimarães Barbosa

Minha querida mãe,

Antes de compartilhar com a senhora as experiências vividas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), preciso começar por nós duas. Quando penso na minha trajetória até aqui, uma das primeiras imagens que me vem à memória é a sua presença constante ao meu lado. A senhora esteve presente em momentos muito importantes da minha vida escolar. Ainda me recordo do meu primeiro dia de aula, quando eu era bem pequena. Mas existe outra lembrança que guardo com um carinho especial: o dia em que a senhora me acompanhou para realizar a matrícula no curso de Pedagogia.

Lembro-me do seu olhar atento, da sua alegria e do orgulho que demonstrava enquanto eu iniciava um caminho que, durante muitos anos, existiu apenas como um sonho. Naquele momento, talvez eu ainda não compreendesse plenamente o significado daquele gesto. Hoje compreendo. A senhora não estava apenas me acompanhando para fazer uma matrícula. Estava celebrando uma conquista que também carregava um pouco da sua própria história, das dificuldades que enfrentou, dos caminhos que percorreu e da importância que sempre atribuiu à educação.

Foi por isso que escolhi escrever esta carta para a senhora. Ao longo das vivências proporcionadas pela disciplina de Educação de Jovens e Adultos, encontrei histórias que me fizeram lembrar de você inúmeras vezes. Cada experiência vivida fortaleceu minha compreensão sobre a importância da EJA e, ao mesmo tempo, fez com que eu enxergasse ainda mais profundamente o valor da sua própria trajetória.

Mãe, logo no primeiro encontro da disciplina, eu e meus colegas fomos convidados a refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos. Naquele momento, eu compreendia a EJA principalmente como uma oportunidade de recomeço para pessoas que tiveram seus estudos interrompidos por diferentes circunstâncias que afetaram seu acesso, sua permanência e sua trajetória escolar. Via seus estudantes como pessoas batalhadoras, dedicadas e portadoras de inúmeros saberes construídos ao longo da vida. Até então, minha compreensão sobre essa modalidade se limitava a esses aspectos.

À medida que avançávamos nas leituras e discussões realizadas durante a disciplina, comecei a conhecer outras dimensões da história da EJA. Foi nesse momento que compreendi que sua trajetória é marcada por profundas desigualdades, o que despertou em mim sentimentos de indignação e tristeza.

Um dos textos que mais me impactou foi o de Strelhow (2010). Ao estudar a história da Educação de Jovens e Adultos, descobri que pessoas jovens, adultas e idosas que não sabiam ler e escrever eram frequentemente consideradas inúteis, ignorantes e até mesmo um obstáculo ao desenvolvimento do país. As primeiras iniciativas de alfabetização eram concebidas muito mais como atos de caridade ou estratégias voltadas ao crescimento econômico do que como o reconhecimento de um direito humano fundamental. Além disso, essas pessoas eram responsabilizadas pela própria condição de analfabetismo.

Compreender essa realidade fez-me perceber que a história da EJA foi construída sob marcas de negligência, exclusão e preconceito. Foi impossível conhecer esse percurso sem me sentir profundamente inconformada.

Ao longo das leituras realizadas na disciplina, fui compreendendo que a educação de pessoas jovens, adultas e idosas percorreu um longo caminho até ser reconhecida como um direito. Os textos estudados mostraram que a EJA deixou de ser vista apenas como uma ação assistencial ou compensatória para afirmar-se como uma política educacional comprometida com a garantia do direito à educação ao longo da vida. Como defendem Arroyo (2005) e Paiva (2009), a Educação de Jovens e Adultos constitui um campo de direitos e uma responsabilidade do Estado, construída a partir das lutas históricas de sujeitos que tiveram seu acesso à escolarização negado ou interrompido.

Mas, mãe, confesso que nenhuma leitura me tocou tanto quanto a experiência de observar uma turma da EJA em uma escola de Riacho de Santana. Talvez porque aquela não fosse apenas mais uma escola. Era a mesma escola onde a senhora, por meio da Educação de Jovens e Adultos, teve a oportunidade de retomar os estudos e construir novos caminhos para a sua vida.

Embora a senhora tenha permanecido apenas um ano, concluindo a antiga terceira série antes de precisar retornar para a zona rural, sempre percebo um brilho diferente em seu olhar quando relembra esse período.

É impossível não notar a alegria com que fala das memórias construídas naquele espaço.

E existe um detalhe que torna essa história ainda mais especial para mim. Sempre me emociono quando a senhora recorda que, de alguma forma, eu também fazia parte dessa caminhada. Enquanto a senhora aprendia a ler e a escrever com mais segurança, eu crescia em seu ventre. Pensar nisso faz com que eu compreenda que, muito antes de ingressar na universidade, a Educação de Jovens e Adultos já fazia parte da minha própria história.

Enquanto caminhava pelos corredores da escola, observava as aulas e escutava as histórias dos estudantes, lembrei-me várias vezes da sua trajetória. Voltei, em pensamento, às lembranças que tantas vezes a senhora compartilhou comigo: da professora de quem sempre fala com tanto carinho, pelo apoio constante e pela atenção dedicada a cada estudante; da presença dos estagiários, que colaboravam com o trabalho pedagógico; e da colega com quem dividia o caminho até a escola e as experiências vividas na EJA.

Também recordei o orgulho com que a senhora sempre conta que gostava das aulas de Língua Portuguesa e tinha facilidade para aprender os conteúdos dessa disciplina. Ao mesmo tempo, lembrei-me das histórias sobre as dificuldades que enfrentava para realizar cálculos no papel, embora, até hoje, resolva mentalmente as contas do cotidiano com admirável rapidez. Ao ouvir relatos semelhantes durante a observação, compreendi que muitos estudantes da EJA carregam saberes construídos ao longo da vida que, nem sempre, são reconhecidos pela escola.

Durante os cinco dias em que permaneci naquela escola, foi impossível não pensar em quantas vidas são transformadas quando o direito à educação finalmente encontra espaço para acontecer. Naquele momento, a EJA deixou de ser apenas um tema estudado nos livros e passou a ganhar rostos, histórias e significados muito próximos da nossa própria família.

Viver essa experiência exigiu de mim aquilo que Jorge Larrosa (2002, p. 24) nos convida a fazer: “parar para olhar, escutar e pensar”. Compreendi que somente por meio de uma observação atenta e sensível a experiência adquire sentido. Foi esse exercício que me permitiu enxergar, para além dos conteúdos ensinados, as histórias de vida, os sonhos e as trajetórias que constituem os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos.

Antes de compartilhar com a senhora o que vivi durante as observações, preciso explicar um pouco sobre essa experiência. A atividade

foi proposta na disciplina de Educação de Jovens e Adultos como parte da nossa formação em Pedagogia. O objetivo era aproximar nós, futuros pedagogos, da realidade da EJA, incentivando-nos a observar esse espaço com sensibilidade, espírito crítico e respeito pelos sujeitos que dele fazem parte.

Para orientar esse processo, nossa professora apresentou as contribuições de Madalena Freire (2008), que nos convidou a educar o olhar. Aprendi que observar vai muito além de simplesmente ver o que acontece em sala de aula. Exige disposição para escutar, dialogar, questionar nossas próprias certezas e compreender o outro para além das primeiras impressões. Foi com esse olhar mais atento e sensível que procurei viver cada momento da experiência.

Mãe, durante essa experiência também me lembrei de outro componente muito importante da minha formação: Antropologia e Educação, cursado no segundo semestre. Foi nessa disciplina que aprendi a olhar para as pessoas considerando suas histórias, culturas e modos de viver, compreendendo que ninguém pode ser entendido fora da realidade em que está inserido.

Naquele período, também conheci os princípios da observação etnográfica, que nos ensinam a olhar para os sujeitos com respeito, procurando compreender seus modos de vida antes de fazer qualquer julgamento. Embora a vivência na EJA não tenha sido uma pesquisa etnográfica, percebi que muitos desses aprendizados acompanharam meu olhar durante toda a observação.

Passei a registrar aquilo que via procurando compreender quem eram aqueles estudantes, quais histórias carregavam e de que maneira suas trajetórias influenciavam sua relação com a escola. Esse exercício fez com que eu percebesse que, por trás de cada educando, existiam marcas produzidas pelas condições de trabalho, pela classe social, pelo gênero, pela geração e por tantas outras experiências vividas ao longo da vida.

Hoje percebo que os ensinamentos de Madalena Freire, aliados às contribuições da Antropologia, fortaleceram valores que a senhora sempre procurou cultivar em nossa família: olhar para as pessoas com respeito, escutá-las antes de julgá-las e reconhecer que cada ser humano carrega saberes e experiências que merecem ser valorizados.

Orientada pelos princípios discutidos ao longo da disciplina, iniciei as observações na terceira semana de maio, acompanhada por um colega de turma. Logo no primeiro dia, fui tomada por um misto de sentimentos. Ao

mesmo tempo em que me sentia feliz por viver meu primeiro contato com a realidade escolar como futura pedagoga, também carregava inseguranças e receios de não corresponder às expectativas ou de, sem perceber, interferir naquele espaço que tão gentilmente nos acolhia.

Apesar dessas inquietações, eu sabia que aquela experiência representava um momento muito importante da minha formação. Pela primeira vez, deixava de olhar a escola apenas como estudante para começar a observá-la com o olhar de quem aprende a ser professora. Sentia que um novo modo de compreender os processos educativos começava, pouco a pouco, a se formar em mim.

Quando cheguei à escola, vários estudantes perguntaram se eu era estagiária ou uma nova colega da turma. Confesso que essas perguntas não me causaram nenhum constrangimento. Pelo contrário, foram recebidas por mim como uma demonstração de acolhimento. A maneira como falavam transmitia tranquilidade e fazia com que eu me sentisse bem-vinda naquele espaço.

Durante toda a semana de observação, tive a oportunidade de acompanhar uma turma correspondente ao 2º e ao 3º ano da EJA. Encontrei pessoas alegres, respeitosas e muito comprometidas com sua formação. Os estudantes participavam ativamente das aulas, realizavam as atividades propostas, expressavam suas opiniões e demonstravam um pensamento crítico que me chamou bastante a atenção.

As atividades desenvolvidas em sala de aula dialogavam diretamente com a realidade dos estudantes, despertando seu interesse e favorecendo sua participação. Ao observá-las, lembrei-me das discussões sobre Paulo Freire (2023), que critica a educação bancária, centrada na simples transmissão de conteúdos, e defende uma prática pedagógica fundamentada no diálogo, na participação e na valorização dos saberes construídos ao longo da vida. Naquela turma, percebi que os conteúdos faziam sentido porque estavam relacionados às experiências cotidianas dos educandos.

Um dos momentos que mais me chamou a atenção foi uma atividade de leitura e escrita em que os estudantes construíam frases a partir de alimentos presentes em seu cotidiano. Uma das educandas escreveu: “A carne está cara.” Aquela frase, aparentemente simples, revelou muito mais do que um exercício de alfabetização. Ela expressava uma leitura da realidade vivida por aquela estudante e demonstrava que aprender a escrever também significa aprender a dizer o mundo, como nos ensina Paulo Freire. Fiquei encantada ao perceber a criatividade dos estudantes e

a satisfação que demonstravam ao escrever sobre situações que faziam parte de suas próprias vidas.

Outra atividade que me marcou, mãe, foi a leitura da poesia *A corrida da vida*, de Bráulio Bessa. Além de estimular a leitura, o texto provocou uma reflexão sobre os desafios enfrentados diariamente por aqueles trabalhadores e trabalhadoras. Durante a conversa, uma estudante comentou: “Eu levanto, faço o café, arrumo a casa e, quando olho as horas, já está na hora de fazer o almoço.” Ao ouvir esse relato, compreendi que a escola precisava dialogar com essa realidade. Foi impossível não admirar o esforço daqueles estudantes para permanecerem na EJA, mesmo diante de uma rotina tão intensa. Naquele momento, percebi o quanto acreditavam no poder transformador da educação.

Também não poderia deixar de compartilhar com a senhora a relação construída entre as professoras e os estudantes. O ambiente era marcado pelo respeito, pelo diálogo e pelo carinho. Ficava evidente o compromisso das docentes em reconhecer as singularidades de cada educando, valorizando seus conhecimentos e criando diferentes possibilidades para que todos participassem do processo de aprendizagem.

Contudo, mãe, ao longo das observações fui compreendendo que a permanência dos estudantes na EJA não depende apenas da sala de aula. Passei a perceber como as práticas educativas, as práticas pedagógicas e as práticas docentes se entrelaçam no cotidiano escolar. Como discute Oliveira (2025), essas três dimensões são fundamentais para fortalecer a permanência, o protagonismo e o sentimento de pertencimento dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. As práticas pedagógicas somente fazem sentido quando dialogam com os saberes construídos ao longo da vida, e a prática docente é quem concretiza esse encontro por meio de uma atuação comprometida com a aprendizagem, com a escuta e com o respeito às trajetórias dos educandos.

Entre todos os dias de observação, o quarto foi o que mais me sensibilizou. A professora organizou uma roda de conversa em que os estudantes compartilharam os motivos que os levaram a interromper os estudos e, também, as razões que os fizeram retornar à escola. À medida que cada um falava, histórias de vida iam se entrelaçando.

Ouvi relatos como: “Não consegui estudar porque precisei trabalhar muito cedo.” Outro estudante contou: “Eu precisava ajudar meus pais na roça. Só depois podia ir para a escola, mas, quando chegava lá, a aula já tinha acabado.” Naquele momento, compreendi que o trabalho

precoce e a necessidade de contribuir com o sustento da família marcaram profundamente as trajetórias escolares daqueles homens e mulheres.

Era impossível escutar essas histórias sem lembrar da senhora. Recordei-me das vezes em que me contou que, durante a infância e a adolescência, também não conseguia frequentar a escola regularmente porque precisava ajudar meus avós no trabalho da roça. Muitas vezes, conseguia ir apenas uma vez por semana ou até uma vez por mês. Enquanto ouvia aqueles estudantes, sentia como se estivesse escutando, mais uma vez, parte da nossa própria história. E foi emocionante perceber que, tanto para a senhora quanto para eles, a Educação de Jovens e Adultos representou a possibilidade de retomar um sonho que parecia perdido.

Durante aquela roda de conversa, outras falas também permaneceram comigo. Alguns estudantes diziam: “Meu sonho aqui na EJA é aprender a ler e escrever porque viajo muito.” Outro afirmava: “Quando cheguei aqui não sabia quase nada, mas sei que não vou sair sem aprender.” Ao ouvir essas palavras, compreendi que o desejo de voltar à escola ultrapassa a obtenção de um certificado. O que aqueles estudantes buscavam era autonomia, dignidade e o exercício de um direito que lhes havia sido negado por tantos anos.

Ao final da atividade, a professora propôs a construção de uma nuvem de palavras para representar o significado da escola. Entre as palavras escolhidas pelos estudantes estavam avanço, oportunidade e melhoria. Ao observar aquela produção coletiva, compreendi que, para eles, a escola era muito mais do que um espaço de aprendizagem. Representava um lugar de acolhimento, pertencimento, encontros e esperança porque, pela primeira vez, consegui enxergar a escola pelos olhos dos próprios estudantes. Naquele instante, entendi que a EJA não transforma apenas trajetórias escolares; ela também transforma a maneira como homens e mulheres passam a enxergar a si mesmos e o próprio futuro.

Como afirma Jorge Larrosa (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.” E viver a Educação de Jovens e Adultos foi, sem dúvida, uma experiência que me tocou profundamente.

Antes de tudo, preciso dizer à senhora que minha admiração pelos estudantes da EJA tornou-se ainda maior. Encontrei pessoas trabalhadoras, dedicadas, alegres e, acima de tudo, sonhadoras. Escutar atentamente suas histórias permitiu-me compreender que suas trajetórias de vida não são apenas parte de quem eles são, mas também parte essencial do processo

educativo. Aprendi que conhecer essas histórias é também uma forma de aprender a ensinar.

Outro aspecto que me marcou foi o compromisso daqueles estudantes com a própria formação. Mesmo depois de um dia inteiro de trabalho e de tantas responsabilidades, chegavam à escola dispostos a aprender, participavam das aulas e celebravam cada nova conquista. Essa postura fez-me refletir sobre minha própria caminhada acadêmica. Compreendi que cursar Pedagogia é um grande privilégio e, ao mesmo tempo, uma responsabilidade que precisa ser assumida com dedicação, compromisso e gratidão.

Também percebi que os estudantes observam atentamente a atuação de seus professores. Em diferentes momentos, destacavam a importância de encontrar docentes que, além de ensinar, soubessem acolher, escutar e compreender suas necessidades. Essas falas reforçaram em mim a convicção de que a prática docente na EJA exige sensibilidade, respeito às singularidades e compromisso com a construção de vínculos que fortaleçam a aprendizagem e a permanência escolar.

Por fim, mãe, viver essa experiência fortaleceu em mim a esperança de uma educação verdadeiramente transformadora. Presenciar aulas marcadas pelo diálogo, pela troca de saberes e pelo respeito às histórias de vida dos estudantes fez-me compreender que ensinar é também acreditar nas pessoas. Ver a alegria estampada no rosto de cada educando diante de uma nova aprendizagem reafirmou minha certeza de que nunca é tarde para aprender, recomeçar e realizar sonhos.

Hoje compreendo que, muito antes de estudar a Educação de Jovens e Adultos na universidade, eu já aprendia com a senhora que a educação é capaz de transformar vidas. Obrigada por ter me ensinado isso, mesmo sem perceber.

Portanto, como afirma Arroyo (2005), a Educação de Jovens e Adultos constitui um importante instrumento de justiça social, ao assegurar a jovens, adultos e idosos o direito à educação que lhes foi historicamente negado. Mais do que possibilitar a continuidade dos estudos, a EJA representa um espaço de recomeços, de resistência às desigualdades e de reafirmação do direito de aprender ao longo da vida.

Ao encerrar esta carta, quero expressar minha profunda gratidão. Agradeço, primeiramente, à senhora, mãe, por sempre acreditar na educação e por incentivar minha permanência nessa caminhada formativa.

Seu apoio, seu exemplo e sua confiança foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Também agradeço à professora Dra. Isaura Francisco de Oliveira, pela sensibilidade com que conduziu esta disciplina e por nos proporcionar uma experiência tão significativa de aproximação com a Educação de Jovens e Adultos. Sou igualmente grata ao curso de Pedagogia, por contemplar um componente curricular que ampliou minha compreensão sobre esse campo educacional e contribuiu de forma tão importante para minha formação acadêmica e humana.

Meu agradecimento estende-se ainda à comunidade escolar que nos acolheu com tanta generosidade, especialmente aos estudantes do 2º e 3º ano da EJA. Foram suas histórias, seus sonhos e sua receptividade que transformaram esta vivência em uma verdadeira experiência formativa, daquelas que permanecem conosco muito além da universidade.

Hoje compreendo que, quando a senhora segurou minha mão para realizar minha matrícula na universidade, também me conduzia, sem saber, ao encontro de histórias que hoje fazem parte da minha própria formação. Obrigada por acreditar na educação e por me ensinar, muito antes da universidade, que aprender também é uma forma de transformar a vida.

Com todo o meu carinho, gratidão e admiração,
Sua filha,

Milena Guimarães Barbosa

Riacho de Santana (BA), 15 de junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio (org.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BESSA, Bráulio. A corrida da vida. Disponível em: <https://www.brauliobessa.com/post/a-corrida-da-vida>. Acesso em: 19 jun. 2026.

FREIRE, Madalena. Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

OLIVEIRA, Isaura Francisco de. Quando permanecer é resistir: narrativas e projetos de vida na educação de pessoas jovens e adultas. *Diálogos e Perspectivas Interventivas, Serrinha*, v. 6, n. 2, e25916, 2025.

PAIVA, Jane. *Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos*. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2010.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena (org.). *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

AO MEU PAI, COM GRATIDÃO E APRENDIZADOS

Patrícia Nogueira dos Santos

Querido pai,

Durante muito tempo pensei que os maiores ensinamentos da minha vida haviam acontecido dentro da escola. Hoje percebo que estava enganada. Antes mesmo de entrar em uma sala de aula, eu já havia conhecido um grande educador. Esse educador era o senhor.

Escrevo esta carta para agradecer pelos ensinamentos que me transmitiu ao longo da vida. Muito do que aprendi sobre educação não veio apenas da escola, mas também das experiências vividas ao seu lado, no campo.

Desde criança, observava sua dedicação ao trabalho, seu respeito pela terra e o compromisso que sempre teve com nossa família. Foi com o senhor que aprendi que os resultados exigem esforço, paciência e perseverança. Cada dia de trabalho na roça também era uma lição de vida, embora, naquela época, eu ainda não compreendesse isso.

O senhor sempre acreditou que eu deveria construir meu próprio caminho. Quando precisei sair de casa para trabalhar e estudar, sei que seu coração ficou apertado. Mesmo assim, nunca deixou de me apoiar. A coragem que encontrei para enfrentar os desafios da cidade e da universidade nasceu dos valores que aprendi com o senhor.

Foi somente mais tarde, já na universidade, que percebi o quanto esses ensinamentos dialogavam com o pensamento de Paulo Freire. Quando ele afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 21), compreendo que o senhor já vivia esse princípio muito antes de eu conhecer esse livro.

Hoje compreendo que educar vai muito além de ensinar conteúdos. Educar é acolher, orientar, incentivar e acreditar no potencial das pessoas. Foi exatamente isso que o senhor fez comigo durante toda a minha vida. Mesmo sem ter tido muitas oportunidades de estudo, ensinou-me lições que nenhum livro seria capaz de ensinar.

Ao ingressar na universidade, passei a enxergar a educação de forma mais ampla. Compreendi que cada estudante carrega uma história, uma cultura e saberes construídos ao longo da vida. Essa compreensão me faz lembrar constantemente das minhas origens e da riqueza dos ensinamentos que aprendi ao seu lado, no campo.

Pai, quero que saiba que sua história faz parte da minha formação como pessoa e como futura educadora. Carrego comigo seus ensinamentos e espero utilizá-los para contribuir com a transformação da vida de outras pessoas, assim como o senhor transformou a minha.

Durante minha vivência na Escola Paulo Freire, tive a oportunidade de acompanhar uma turma dos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos. Logo nos primeiros dias percebi que cada estudante carregava uma história única, marcada por experiências que influenciavam diretamente sua forma de aprender.

No primeiro dia, observei atentamente o ambiente e a dinâmica da sala de aula. Já no segundo, comecei a me aproximar dos estudantes. Eles faziam perguntas, conversavam comigo e, em alguns momentos, pediam ajuda para realizar as atividades propostas. Aos poucos, fui percebendo que aquela experiência seria muito mais do que uma simples observação.

Um dos estudantes compartilhou comigo parte de sua trajetória de vida. Contou que teve uma infância muito difícil, sem oportunidade de estudar na idade considerada adequada, porque precisou começar a trabalhar muito cedo. Durante muitos anos morou em Brasília, onde conseguiu frequentar algumas séries da escola. Depois retornou para Bom Jesus da Lapa e decidiu matricular-se na EJA para dar continuidade aos estudos.

Ele também me contou que permanecer na escola não é uma tarefa fácil. Trabalha durante todo o dia como servente de pedreiro, chega em casa muito cansado e, muitas vezes, perde o horário do transporte escolar. Mesmo diante dessas dificuldades, faz todo o esforço possível para continuar estudando. Ao ouvir sua história, compreendi o quanto o desejo de aprender pode ser maior que os obstáculos encontrados pelo caminho.

Ao escutar aquela história, pensei no quanto permanecer na escola exige coragem. Muitas vezes imaginamos que estudar depende apenas de vontade, mas compreendi que existem muitos obstáculos invisíveis: o trabalho, o cansaço, o transporte e as responsabilidades do dia a dia. Mesmo assim, aquele estudante continuava acreditando que aprender ainda valia a pena. Foi impossível não admirar sua perseverança.

Outra história que me marcou foi a de uma estudante que se casou muito jovem e, por isso, também não teve a oportunidade de concluir os estudos na infância. Hoje, ela retomou sua trajetória escolar e, muitas vezes, leva a netinha para a sala de aula. Com um sorriso, contou que a presença da criança lhe dá força para continuar aprendendo e torna aquele momento ainda mais especial.

Enquanto observava aquela cena, percebi que a escola também pode ser um espaço onde diferentes gerações aprendem juntas. A presença da neta mostrava que a educação ultrapassa os muros da escola e fortalece os vínculos familiares. Aquele momento me emocionou porque revelou que ninguém aprende completamente sozinho.

Essas histórias me fizeram compreender que, na Educação de Jovens e Adultos, estudar significa muito mais do que aprender a ler e escrever. Significa recomeçar, recuperar oportunidades que ficaram para trás e reafirmar o direito de continuar aprendendo em qualquer etapa da vida.

Ao ouvir essas histórias, compreendi que aprender não significa apenas adquirir conteúdos escolares. Como afirma Bernard Charlot (2000), a relação com o saber está ligada aos sentidos que cada pessoa atribui ao conhecimento. Na EJA, esses sentidos nascem das experiências de vida, do trabalho, da família e do desejo de transformar a própria realidade.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, percebi que estava iniciando muito mais do que uma etapa acadêmica. Na verdade, eu estava dando continuidade a uma caminhada de aprendizagem que havia começado muito antes, ao lado do meu pai, no campo. Ao entrar na universidade, levei comigo os saberes construídos ao longo da vida, a compreensão de que aprender exige esforço e a certeza de que educar também é uma forma de cuidar e transformar.

Depois dessa vivência, passei a olhar a Educação de Jovens e Adultos com mais respeito e admiração. Hoje compreendo que cada estudante chega à escola trazendo sonhos, dificuldades e uma enorme vontade de aprender. Essa experiência também fortaleceu minha escolha pela Pedagogia e confirmou o desejo de construir uma prática educativa baseada no acolhimento, no respeito e na escuta.

Conhecer o pensamento de Paulo Freire foi um marco importante na minha formação. Ao ler *Pedagogia da autonomia*, especialmente quando afirma que “**ensinar** exige respeito aos saberes dos educandos” (Freire, 1996, p. 21), imediatamente lembrei-me das lições que aprendi em casa.

Com meu pai, aprendi que ninguém sabe tudo, mas também ninguém ignora tudo. Todos temos algo a ensinar e algo a aprender.

Hoje carrego comigo a certeza de que minha formação como pessoa e como futura educadora não se limita às salas de aula nem aos livros da universidade. Ela continua sendo construída no diálogo entre os conhecimentos acadêmicos, os saberes aprendidos no

Com amor,

Patrícia Nogueira dos Santos

Bom Jesus da Lapa -BA, Junho de 2026

Referências

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Vozes, 1996.

DAS VIVÊNCIAS QUE ME MARCARAM

Viviane Lima de Jesus

Pai,

Enquanto escutava os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, era impossível não pensar no senhor. Em cada história que ouvia, encontrava um pouco da sua própria trajetória. Foi por isso que decidi escrever esta carta.

Quando ingressei no curso de Pedagogia, em 2022, vivi muitos atravessamentos, entre eles a dúvida se aquele era realmente o caminho que eu desejava seguir. Permaneci dois anos afastada da universidade, até que, em 2025, fui aprovada novamente e decidi recomençar. Hoje compreendo que esse novo tempo da minha vida também foi impulsionado pelo senhor. A universidade tem ampliado meus conhecimentos e transformado a forma como compreendo a educação. Tenho certeza de que tudo o que aprendo renderá muitas conversas entre nós, especialmente sobre a Educação de Jovens e Adultos.

Durante a semana de vivências realizada na Escola Municipal Paulo Freire, em Bom Jesus da Lapa, conheci histórias que transformaram profundamente o meu olhar sobre o verdadeiro significado da educação.

Uma delas foi a de um estudante que decidiu voltar a estudar depois de perder um direito trabalhista por não conseguir compreender a leitura de documentos importantes. Enquanto o escutava, pensei imediatamente no senhor. Quantas situações da vida poderiam ter sido diferentes se tantas pessoas tivessem tido acesso à escola no tempo certo?

Naquele momento, lembrei-me de Paulo Freire (1989, p. 9), quando afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Compreendi que os estudantes da EJA chegam à escola carregando muito mais do que dificuldades de leitura e escrita. Chegam trazendo saberes construídos ao longo da vida, mas também sonhos, marcas, esperanças e o desejo de conquistar direitos que lhes foram negados durante muitos anos.

Grande parte da turma com a qual vivi essa experiência era formada por pessoas idosas. Ao observá-las, percebi o esforço diário para permanecer na escola depois de uma vida inteira dedicada ao trabalho, à família e a tantas responsabilidades. Cada estudante presente naquela sala carregava uma história de resistência. Muitos tiveram seus estudos interrompidos

pelas circunstâncias da vida, mas encontraram na EJA uma oportunidade de recomeçar.

Pai, foi impossível não pensar no senhor durante aqueles dias. Em cada estudante eu encontrava um pouco da sua trajetória. Compreendi que retornar à escola exige coragem, determinação e esperança. Essas vivências me fizeram entender, de maneira ainda mais profunda, o caminho que o senhor percorre ao retomar um sonho que durante tanto tempo pareceu distante.

Fiquei profundamente feliz quando a Educação de Jovens e Adultos chegou à nossa comunidade. Ver essa modalidade alcançar pessoas como o senhor significou perceber que o direito à educação pode, enfim, chegar àqueles que durante tantos anos foram privados dele.

Ao longo dessa experiência, muitas lembranças da nossa história vieram à minha memória. Recordei-me de quando o senhor participou do Programa TOPA. Eu ainda era criança, mas fazia questão de acompanhá-lo, porque gostava de vê-lo aprendendo a ler e a escrever o próprio nome. Mesmo sem compreender plenamente a dimensão daquele momento, eu já percebia como era injusto que o senhor tivesse sido privado do direito à educação durante a infância, a adolescência e boa parte da vida adulta.

Também me lembrei da conversa em que o senhor me contou o que o motivou a voltar a estudar neste ano de 2026. O senhor disse que já não suportava depender de outras pessoas em situações que exigiam leitura e escrita. Contou-me que, certa vez, precisou registrar um documento da associação e pediu a assinatura de um senhor que também não sabia ler nem escrever. Como ele não conseguia assinar o próprio nome, foi necessário utilizar a impressão digital do polegar para validar o documento.

Aquele episódio marcou profundamente o senhor. Mais do que a dificuldade para assinar um documento, ele revelava o quanto a falta da alfabetização limitava sua autonomia. Foi ali que o desejo de voltar à escola ganhou ainda mais força.

Pai, sei que, em alguns momentos, o senhor pode se comparar a outras pessoas e sentir que está atrasado. Depois de tudo o que aprendi durante essa vivência, posso lhe dizer com convicção: nunca é tarde para aprender. Cada palavra que o senhor consegue ler, cada atividade que realiza e cada dia em que permanece na escola representam uma grande conquista. O senhor não está atrasado. Está escrevendo uma história de coragem, mostrando que a educação pode transformar vidas em qualquer fase da existência.

Foi justamente convivendo com os estudantes da EJA que compreendi o sentido das reflexões de Madalena Freire (2008) sobre educar o olhar da observação. Observar não significa apenas acompanhar o que acontece em sala de aula; significa procurar compreender os sujeitos em sua totalidade, reconhecendo suas histórias, seus silêncios, seus desafios e também suas conquistas.

Foi esse olhar que procurei desenvolver durante a semana de vivência. Nos primeiros dias, minha atenção estava voltada para a organização das aulas e para a dinâmica da turma. Aos poucos, porém, comecei a perceber aquilo que antes passava despercebido: o carinho entre os estudantes, o acolhimento dos professores, o respeito pelo trabalho desenvolvido por outros educadores, o esforço dos idosos para permanecer na escola e os sonhos que continuavam vivos, apesar das dificuldades enfrentadas ao longo da vida.

Compreendi, então, que observar também é uma forma de aprender. As histórias que encontrei naquela sala me ensinaram muito mais do que os conteúdos trabalhados durante as aulas. Revelaram trajetórias marcadas pela resistência, pela esperança e pelo desejo de continuar aprendendo.

As vivências na Educação de Jovens e Adultos contribuíram profundamente para minha formação como futura professora. Antes dessa experiência, eu conhecia a EJA principalmente por meio das leituras realizadas na universidade. No entanto, ao conviver com os estudantes, passei a compreender a dimensão humana dessa modalidade de ensino. Aprendi que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos. Exige acolhimento, escuta, respeito e sensibilidade diante das diferentes trajetórias que cada estudante traz consigo.

No último dia de observação, fui tomada por um profundo sentimento de gratidão. Gratidão pela oportunidade de estar na universidade, de aprender com aqueles estudantes e de compreender, de forma tão concreta, a importância social da Educação de Jovens e Adultos.

Pai, naquele momento lembrei-me mais uma vez do senhor. Percebi o quanto sua trajetória se aproxima das histórias que encontrei naquela sala de aula. Foi então que compreendi que a EJA não é apenas uma modalidade de ensino. Ela é um espaço de acolhimento, de reconstrução de histórias e de esperança.

Nesse momento, recordei-me de Jorge Larrosa (2002, p. 24-25), quando afirma que “é incapaz de experiência aquele que não se expõe”. Ao viver essa semana de observação, compreendi o verdadeiro sentido

dessas palavras. A experiência me transformou porque permiti que aquelas histórias me tocassem.

Hoje entendo que a Educação de Jovens e Adultos representa muito mais do que a oportunidade de aprender letras e números. Ela restitui direitos, fortalece a autoestima, amplia a autonomia e mostra que nunca é tarde para recomeçar.

Também preciso agradecer às pessoas que contribuíram para minha formação durante esse percurso. Em especial, à professora Isaura Francisco de Oliveira, que, por meio das reflexões desenvolvidas na disciplina, ensinou-me a olhar para os sujeitos da educação com mais sensibilidade, reconhecendo suas histórias, seus desafios e suas conquistas. Esse aprendizado fez com que eu valorizasse ainda mais trajetórias como a sua e compreendesse a educação como um direito e uma possibilidade concreta de transformação.

Depois de tudo o que vivi durante essa semana, compreendi ainda mais a grandeza da sua decisão de voltar à escola. Hoje sei que ocupar novamente uma carteira escolar, depois de tantos anos, exige coragem, determinação e esperança.

Por isso, esta carta também é uma forma de dizer o quanto me orgulho do senhor.

Mesmo quando a caminhada parecer difícil, desejo que permaneça firme. Quero continuar ouvindo suas histórias, sua alegria ao perceber que consegue ler um novo texto, sua emoção a cada atividade realizada e até mesmo sua ansiedade antes de apresentar um trabalho. Cada conquista sua também é uma conquista minha.

Ao longo dessas vivências, compreendi que nunca é tarde para aprender, recomeçar e realizar sonhos. Encerrando esta carta, levo comigo a certeza de que a sua trajetória continuará inspirando não apenas a mim, mas todas as pessoas que acreditam no poder transformador da educação.

Pai, obrigada por nunca desistir de aprender. Ao acompanhar sua caminhada, compreendi que a educação não tem idade, mas coragem. Espero continuar celebrando cada conquista sua, assim como o senhor sempre celebrou as minhas.

Com carinho e profunda admiração,
Sua filha,

Viviane Lima de Jesus

Riacho de Santana (BA), junho de 2026.

Referências

FREIRE, Madalena. **Educar o olhar da observação**: aprendiz do olhar. In: FREIRE, Madalena. *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I*. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 2008.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

Aprender a escutar

*“Observar também é
uma forma de aprender.”*

Raiane dos Santos Souza

Esta margem nasce do gesto atento de quem observa com o coração aberto e se permite aprender com o outro. Aqui, o olhar se torna ponte, e a escuta, caminho.

As cartas que a compõem mostram que a aprendizagem não vem apenas dos livros, mas também dos encontros, das falas compartilhadas e das experiências que nos transformam.

As autoras desta margem nos convidam a perceber que observar é mais do que ver: é compreender, respeitar ritmos, acolher diferenças e reconhecer saberes que muitas vezes não estão nos espaços formais, mas que formam quem somos e quem queremos ser.

Nesta travessia, aprendemos que a escuta atenta é um exercício de humildade e que toda história tem algo a nos ensinar.

**Quem escuta com o coração
aprende para a vida.**

QUEM NAVEGA POR ESSAS ÁGUAS

Daniele • Karen • Marilene • Raiane

EDUCAR TAMBÉM É ACOLHER

Daniele Santos da Silva Gonçalves

Querido tio Marquinhos,

Hoje senti vontade de escrever para o senhor.

Desde 2019, quando partiu, muitas coisas aconteceram em minha vida. Cresci, amadureci, ingressei na universidade e comecei a construir meu caminho na Pedagogia. Em muitos momentos imaginei como seria conversar com o senhor sobre tudo isso, contar minhas conquistas, minhas dúvidas e os aprendizados que venho construindo ao longo dessa caminhada. Talvez seja por isso que escolhi lhe escrever esta carta.

Quero compartilhar uma experiência que marcou profundamente minha formação e transformou meu olhar sobre a educação: as vivências que realizei na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Antes de iniciar as observações, eu carregava algumas ideias sobre essa modalidade de ensino. Sabia que ela atendia pessoas que, por diferentes motivos, não haviam concluído seus estudos na idade considerada regular. No entanto, esse conhecimento vinha muito mais das leituras realizadas na universidade do que do contato com os sujeitos da EJA.

Eu tinha muitas curiosidades e também algumas inquietações. Perguntava-me quem eram aquelas pessoas, quais histórias carregavam e o que as motivava a retornar à escola depois de tantos desafios enfrentados ao longo da vida.

Foi com essas perguntas que entrei na escola. E foi ali que comecei a encontrar respostas que nenhum livro havia conseguido me oferecer.

Quando cheguei à Escola Frei Francisco da Soledade Mar, fui recebida com muito carinho pelas professoras. Logo nos primeiros momentos, duas delas compartilharam comigo um pouco de suas experiências na Educação de Jovens e Adultos. Falaram do amor que sentem pelo trabalho que realizam e explicaram que nunca enxergaram a EJA como uma resposta ao fracasso escolar. Para elas, essa modalidade representa um espaço de aprendizagem, transformação e valorização das trajetórias de vida dos estudantes.

Essa conversa me marcou profundamente. Antes mesmo de entrar em sala de aula, percebi que aquelas professoras compreendiam a educação

para além da transmissão de conteúdos. Falavam dos estudantes com respeito, carinho e admiração. Naquele instante, comecei a entender que a EJA não era apenas uma modalidade de ensino, mas um espaço onde histórias de vida são acolhidas, respeitadas e valorizadas.

A escola encontrava-se em reforma e, por isso, as aulas estavam acontecendo em casas da própria comunidade. As três turmas da EJA funcionavam em espaços diferentes, cada uma com seu quadro e seus materiais. Confesso que, em um primeiro momento, imaginei que essa situação pudesse comprometer o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, bastaram poucos dias de observação para que eu percebesse algo muito importante: mesmo diante das limitações estruturais, a educação continuava acontecendo. Professores e estudantes demonstravam compromisso com a aprendizagem, revelando que a escola ultrapassa as paredes de um prédio. Ela se faz presente onde existem pessoas dispostas a ensinar, aprender e compartilhar saberes.

No primeiro dia acompanhei a turma correspondente ao primeiro e ao quinto ano. A professora explicou que havia estudantes em diferentes níveis de aprendizagem. Alguns ainda estavam aprendendo a escrever o próprio nome; outros já liam e escreviam com autonomia. Para atender às necessidades de todos, dividia o quadro ao meio. Em uma parte, desenvolvia atividades para aqueles que utilizavam letras de forma; na outra, propunha exercícios para os estudantes que já dominavam a letra cursiva.

Enquanto observava aquela organização, compreendi o quanto ensinar na EJA exige sensibilidade, planejamento e respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem. Em uma mesma sala conviviam histórias, necessidades e formas distintas de aprender. Aquela prática me mostrou que ensinar significa reconhecer essas diferenças e construir caminhos para que todos possam avançar. Percebi que, muitas vezes, imaginamos a sala de aula como um espaço homogêneo, quando a realidade revela exatamente o contrário. Cada estudante chega à escola trazendo uma história, uma trajetória e necessidades próprias, que precisam ser reconhecidas pelo educador.

Nesse mesmo dia, chegaram os novos livros da EJA. A curiosidade tomou conta da turma. Os estudantes faziam perguntas o tempo todo. Queriam saber por que não poderiam escrever diretamente nos livros e por que as respostas deveriam ser registradas apenas no caderno. Com muita paciência, a professora explicou que aqueles materiais seriam utilizados por outras turmas nos anos seguintes e, por isso, precisavam ser preservados.

Embora parecesse uma situação simples, aquele momento me marcou. O entusiasmo dos estudantes diante dos livros revelou o valor que atribuíam ao conhecimento. Na educação regular, muitas vezes o livro didático passa despercebido. Naquela turma, porém, ele era recebido com curiosidade, cuidado e alegria. Percebi que aqueles materiais representavam muito mais do que um recurso pedagógico: simbolizavam uma nova oportunidade de aprender.

A turma contava inicialmente com dezesseis estudantes matriculados, mas, naquele período, apenas treze continuavam frequentando as aulas. A professora explicou que alguns haviam desistido em razão do cansaço provocado pelo trabalho, pelas responsabilidades familiares e pelas dificuldades enfrentadas no cotidiano.

Entre essas histórias, uma me sensibilizou de maneira especial. Um dos estudantes deixou de frequentar a escola depois que uma colega, que sempre o incentivava a continuar estudando, precisou mudar de turma.

Ao ouvir esse relato, compreendi que permanecer na escola não depende apenas dos conteúdos ensinados. Os vínculos construídos entre estudantes e professores também fazem parte desse processo. O incentivo de um colega, uma palavra de encorajamento ou o sentimento de pertencimento podem fazer toda a diferença para que alguém continue acreditando na própria capacidade de aprender.

Naquele momento, entendi que a Educação de Jovens e Adultos também é um espaço onde se constroem laços de amizade, acolhimento e esperança. Talvez seja justamente isso que torne essa modalidade tão humana.

Após o intervalo, acompanhei uma aula de Matemática sobre adição e subtração. Os estudantes demonstravam entusiasmo e participavam ativamente das atividades. Gostavam de resolver os exercícios e acompanhavam com atenção as explicações da professora. Aquela experiência desconstruiu algumas ideias que eu carregava antes das vivências. Encontrei estudantes curiosos, interessados e comprometidos com a própria aprendizagem.

Na terça-feira, acompanhei a turma do sexto e do sétimo ano. Mais uma vez, fui recebida com muita atenção e carinho pela professora. Antes do início da aula, ela colocou uma música para que os estudantes pudessem relaxar e refletir. Achei essa prática muito significativa, pois demonstrava uma preocupação que ia além dos conteúdos escolares. Antes de ensinar, ela cuidava das pessoas.

Naquele dia, a turma realizava uma revisão de Língua Portuguesa para uma avaliação prevista para a semana seguinte. A professora utilizava uma estratégia bastante interessante: plaquinhas coloridas. Os estudantes levantavam as placas para indicar se concordavam ou não com as respostas apresentadas pelos colegas. Sempre que surgia alguma dúvida, ela retomava a explicação, esclarecia o conteúdo e incentivava todos a participarem.

Enquanto observava aquela dinâmica, compreendi que avaliar não precisa significar apontar erros ou constranger quem ainda não aprendeu. Naquela sala, a avaliação acontecia como parte do próprio processo de aprendizagem. Cada dúvida era acolhida como uma oportunidade para ensinar novamente. Foi uma prática que me fez refletir sobre o quanto a avaliação também pode ser um gesto de cuidado.

Essa turma possuía doze estudantes matriculados, embora, naquele período, cerca de dez frequentassem regularmente as aulas. No dia da minha observação, apenas quatro estavam presentes. Havia jovens, adultos e idosos compartilhando o mesmo espaço educativo. Mais uma vez, percebi que os conteúdos trabalhados buscavam dialogar com as experiências de vida daqueles estudantes, respeitando suas trajetórias e seus diferentes momentos de aprendizagem.

Também tive a oportunidade de conhecer um pouco da organização do trabalho docente. As professoras me explicaram que participavam do AC, momento destinado ao planejamento das aulas, realizado nas manhãs de terça-feira. Nesse espaço, discutiam suas práticas, planejavam os conteúdos e refletiam sobre estratégias para atender às necessidades das turmas.

Essa conversa ampliou ainda mais meu olhar sobre a docência. Compreendi que o trabalho do professor não se resume ao tempo vivido dentro da sala de aula. Antes de cada encontro com os estudantes existe um cuidadoso processo de estudo, planejamento e reflexão. Como futura pedagoga, foi muito importante perceber o compromisso, a dedicação e a responsabilidade que sustentam o fazer docente.

Na quarta-feira acompanhei a turma do oitavo e do nono ano. Os estudantes estavam em período de revisão para as avaliações da semana seguinte. A professora demonstrava grande preocupação com a aprendizagem de todos. Sempre procurava identificar as dificuldades da turma e, quando percebia que algum conteúdo ainda não havia sido compreendido, retomava a explicação com paciência e atenção.

Essa postura me fez refletir sobre o compromisso ético que envolve o trabalho docente. Ensinar não significa apenas cumprir um planejamento ou concluir um conteúdo. Significa comprometer-se verdadeiramente com a aprendizagem dos estudantes e criar oportunidades para que todos possam aprender.

Ao longo dessas vivências, lembrei-me diversas vezes das reflexões de Paulo Freire. Durante a disciplina, aprendi que ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Ao observar as professoras da EJA, compreendi essa ideia de forma concreta. Os estudantes não eram tratados como pessoas que nada sabiam. Pelo contrário, suas experiências de vida eram reconhecidas e valorizadas como parte fundamental do processo educativo.

Também me recordei das contribuições de Madalena Freire sobre a importância da observação na formação docente. Aos poucos, compreendi que observar não significa apenas olhar o que acontece na sala de aula. Significa escutar, interpretar, refletir e atribuir sentidos às experiências vividas. Cada professora, cada estudante e cada encontro ampliaram meu olhar sobre a educação e também sobre mim mesma como futura pedagoga.

As reflexões de Miguel Arroyo também passaram a fazer ainda mais sentido depois dessa experiência. O autor nos lembra que os sujeitos da EJA carregam trajetórias marcadas pelo trabalho, pelas responsabilidades familiares e, muitas vezes, pela exclusão escolar. Ao conhecer aqueles estudantes, percebi que cada história era única e que compreender essas trajetórias é condição essencial para construir uma educação mais humana, inclusiva e comprometida com a realidade de quem aprende.

Um dos momentos que mais me marcou aconteceu quando ouvi alguns estudantes comentarem sobre a possibilidade de redução dos dias de aula. Eles diziam que, caso os encontros passassem a acontecer apenas três vezes por semana, muitos poderiam desistir da escola. Aquela conversa me fez compreender que a EJA representa muito mais do que um lugar de aprendizagem. Ela também é espaço de convivência, acolhimento, pertencimento e esperança.

Tio Marquinhos, essa experiência transformou profundamente minha maneira de compreender a Educação de Jovens e Adultos. Hoje sei que ela não é apenas uma modalidade destinada àqueles que interromperam seus estudos. A EJA é um espaço de resistência, dignidade e valorização das histórias de vida.

Depois dessas vivências, passei a enxergar a educação de forma muito mais ampla. Compreendi que educar exige escuta, diálogo, respeito

e compromisso com a realidade dos estudantes. Como futura pedagoga, desejo construir uma prática educativa pautada nesses princípios. Quero ser uma professora capaz de acolher as diferenças, reconhecer os saberes dos educandos e contribuir para que a escola seja, cada vez mais, um espaço de aprendizagem, inclusão e transformação social.

Gostaria muito que o senhor pudesse acompanhar esta etapa da minha vida. Tenho certeza de que ficaria feliz ao ver o quanto estou aprendendo e crescendo. Ainda tenho muito a aprender e muitos desafios pela frente, mas essa experiência confirmou que escolhi um caminho que faz sentido para mim.

Finalizo esta carta com um profundo sentimento de gratidão. Agradeço às professoras que me acolheram com tanto carinho, aos estudantes que compartilharam comigo suas histórias e experiências, à Escola Frei Francisco da Soledade Mar pela oportunidade de aprendizagem e à professora Isaura Francisco de Oliveira, que nos conduziu por essa experiência com sensibilidade, compromisso e dedicação.

Levo comigo muito mais do que conhecimentos sobre a Educação de Jovens e Adultos. Levo histórias, reflexões, novos olhares e a certeza de que a educação continua sendo um dos caminhos mais poderosos para transformar vidas.

E, onde quer que o senhor esteja, espero que saiba que cada passo que dou na universidade também carrega um pouco daquilo que aprendi convivendo com o senhor. Hoje compreendo que educar é, antes de tudo, cuidar das pessoas. Foi essa a maior lição que a EJA me deixou.

Com carinho e muita saudade,
Sua sobrinha,

Daniele Santos da Silva Gonçalves
Serra do Ramalho (BA), junho de 2026

Referências

ARROYO, Miguel G. Educadores e Educandas: a necessária reinvenção da EJA. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena (org.). Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

FOME DE CONHECIMENTO: MEMÓRIAS DE UMA VIVÊNCIA NA EJA

Karen da Silva Nogueira

Querida Karen do início do semestre,

Hoje escrevo para você depois de muitos encontros, escutas e aprendizagens. Talvez, naquele primeiro dia de aula, você não imaginasse o quanto a Educação de Jovens e Adultos transformaria seu olhar.

Você iniciou esta disciplina carregando expectativas e algumas ideias já construídas sobre quem eram os estudantes da EJA. Hoje, depois das vivências na escola, das histórias que escutei e das reflexões construídas ao longo desse percurso, sinto vontade de lhe contar tudo aquilo que os encontros me ensinaram.

Lembro que, antes de conhecer mais profundamente a EJA, eu compreendia o tempo apenas como aquilo que o relógio marca: os minutos que passam, as horas que avançam e os dias que se sucedem. No entanto, convivendo com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, descobri outra maneira de experimentar o tempo.

Encontrei homens e mulheres que carregavam marcas de muitos anos vividos. Alguns iniciaram o trabalho ainda na infância. Outros interromperam os estudos para cuidar da família, contribuir com o sustento da casa ou porque o acesso à escola lhes foi negado. Havia também aqueles que retornavam à sala de aula depois de décadas afastados dos estudos.

Foi convivendo com essas histórias que compreendi que o tempo vivido pelos estudantes da EJA não cabe apenas nos calendários ou nos relógios. Cada pessoa traz consigo um tempo próprio, tecido por memórias, experiências, desafios, conquistas e aprendizagens construídas ao longo da vida. Retornar à escola significava muito mais do que voltar a estudar. Significava reencontrar sonhos, reconstruir projetos e atribuir novos sentidos à própria trajetória.

Talvez por isso as reflexões de Walter Benjamin tenham feito tanto sentido para mim durante essa experiência. Ao observar os estudantes da EJA, percebi que suas histórias não podiam ser compreendidas como simples informações ou registros de fatos. Cada narrativa carregava marcas

da vida, dos caminhos percorridos, das escolhas feitas e dos sonhos adiados ou retomados ao longo do tempo.

Benjamin (1987, p. 205) nos lembra que “a narrativa [...] não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Enquanto escutava os estudantes, compreendi exatamente o sentido dessas palavras. Eles não apenas contavam acontecimentos; compartilhavam experiências que carregavam afetos, perdas, esperanças e aprendizagens. Foi isso que encontrei na Educação de Jovens e Adultos.

Lembro-me de ouvir os estudantes falarem sobre o trabalho iniciado ainda na infância, sobre os estudos interrompidos para cuidar da família e sobre o desejo de aprender que permaneceu vivo mesmo depois de muitos anos longe da escola. Enquanto escutava essas histórias, compreendia que eu não estava diante de simples relatos. Estava diante de vidas atravessadas pelo tempo, pela luta e pela esperança.

Ao ouvir aquelas narrativas, também compreendi que as memórias compartilhadas pelos estudantes não pertenciam apenas às suas histórias individuais. Elas eram reconstruídas no encontro, nas conversas e nas lembranças evocadas coletivamente naquele espaço. Como nos ensina Halbwachs (2006), a memória é sempre uma construção social, produzida nas relações que estabelecemos com os outros. Naquela sala da EJA, percebi que recordar também era uma forma de aprender, de ensinar e de fortalecer o sentimento de pertencimento.

Foi nesse momento que percebi que observar a Educação de Jovens e Adultos não significava apenas registrar acontecimentos em um caderno. Significava aprender a escutar experiências, reconhecer saberes e compreender os sentidos que cada estudante atribuía à própria trajetória. Aos poucos, fui entendendo que observar também era uma forma de aprender. Cada conversa, cada silêncio e cada narrativa ampliavam minha compreensão sobre a vida daqueles sujeitos e, ao mesmo tempo, transformavam a maneira como eu compreendia a educação.

Lembro-me, Karen, de que, ao observar a turma da EJA, você não se limitou a registrar acontecimentos no caderno. Procurou compreender os sentidos que emergiam das trajetórias, das falas, das participações dos estudantes e até mesmo de seus silêncios. Aos poucos, a observação deixou de ser apenas um exercício acadêmico e transformou-se em uma experiência que também modificava quem observava.

Foi nesse processo que compreendi o sentido das reflexões de Jorge Larrosa (2002). A experiência não estava apenas nos acontecimentos vividos pelos estudantes, mas também naquilo que essas vivências provocavam em mim. A Karen estudante, curiosa e em formação, também estava sendo atravessada por aquelas histórias. Hoje, ao revisitar essas memórias para escrever esta carta, percebo que observar e narrar não significam apenas registrar fatos. Significam produzir sentidos a partir daquilo que nos toca e nos transforma. Como afirma Larrosa (2002, p. 21), a experiência “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Naquele momento, compreendi que viver uma experiência vai muito além de presenciar um acontecimento. O que realmente me transformou foi perceber como cada estudante atribuía sentidos à própria trajetória. Na EJA, os relatos, os silêncios, os gestos e as observações revelavam que cada percurso de vida carregava saberes, memórias e aprendizagens construídas muito antes da entrada na escola. Aos poucos, fui entendendo que aquele espaço era, sobretudo, um lugar de encontro entre diferentes histórias de vida, onde o conhecimento se construía por meio do diálogo, da escuta e do reconhecimento das experiências de cada sujeito.

Ao chegar à turma da EJA, encontrei uma realidade muito mais diversa do que imaginava. Acompanhei uma turma correspondente ao 8.º e ao 9.º ano, formada por jovens, adultos e pessoas idosas, cada qual com trajetórias, histórias e motivos muito distintos para retornar aos estudos. Essa convivência levou-me a rever concepções que eu trazia antes da disciplina e a compreender a riqueza presente nesse espaço educativo.

Naquele momento, as reflexões de Miranda e Lopes (2022, p. 26) passaram a fazer ainda mais sentido, quando afirmam que “do entrelaçamento da EJA com a socio educação advém o pressuposto básico de que o desenvolvimento humano deve se dar de forma integral, contemplando todas as dimensões do ser”, reconheço exatamente aquilo que observei durante a vivência. A EJA revelou-se como um espaço que ultrapassa a alfabetização ou a recuperação da escolarização interrompida. É um lugar que reconhece os sujeitos em sua integralidade, valoriza suas experiências e cria possibilidades para que reconstruam suas trajetórias por meio da educação.

Karen, lembro-me das expectativas que você carregava antes de chegar à escola. Imaginava encontrar, em sua maioria, pessoas idosas

e ouvir narrativas marcadas apenas por longas trajetórias de vida. No entanto, a realidade surpreendeu você. A turma reunia jovens, adultos e idosos, cada qual com histórias, desafios e motivos muito distintos para retornar aos estudos. A presença expressiva de jovens e as questões sociais que atravessavam suas vidas fizeram você perceber que a EJA é muito mais diversa do que imaginava.

Foi somente depois dessa experiência que as reflexões de Paulo Freire (2025) passaram a fazer ainda mais sentido para mim. Compreendi que o ser humano não nasce pronto; constrói-se continuamente nas relações que estabelece com a cultura, com a história e com os outros. Somos sujeitos inacabados, capazes de aprender, transformar-nos e transformar a realidade. Na Educação de Jovens e Adultos, essa compreensão torna-se ainda mais significativa, pois cada estudante chega à escola trazendo consigo trajetórias de vida que também constituem fontes de conhecimento e de formação humana.

Durante a realização da prova, que marcou meu primeiro contato com a turma, comecei a perceber que muitos daqueles jovens encontravam na escola muito mais do que um espaço de aprendizagem. Naquele momento, ainda não compreendia completamente o significado daquela presença. Foi somente ao longo dos dias de observação que passei a entender que, para muitos deles, a EJA representava um lugar de acolhimento, pertencimento e escuta. Em meio às responsabilidades assumidas precocemente, às dificuldades vividas e às inúmeras formas de exclusão, a escola surgiu como um espaço onde ainda era possível construir novos projetos de vida.

Essa convivência também me levou a refletir sobre os julgamentos frequentemente direcionados aos jovens que frequentam a Educação de Jovens e Adultos. Antes da disciplina, eu mesma carregava algumas ideias pré-concebidas sobre esse público. Imaginava encontrar uma turma formada, em sua maioria, por pessoas idosas. No entanto, a realidade mostrou-se muito mais diversa. Jovens, adultos e idosos compartilhavam o mesmo espaço, trazendo consigo histórias marcadas por interrupções escolares, responsabilidades precoces e diferentes experiências de vida.

Hoje compreendo que associar a presença dos jovens na EJA ao desinteresse ou ao fracasso escolar significa ignorar as múltiplas desigualdades sociais, econômicas e familiares que atravessam suas trajetórias. A Educação de Jovens e Adultos revelou-se, para mim, como um espaço plural, onde diferentes gerações se encontram para exercer um mesmo direito: o direito de aprender, reconstruir suas histórias e continuar sonhando.

Ao longo das observações, outro aspecto que me inquietou foi perceber a evasão escolar entre os estudantes da EJA. Chamou-me a atenção o fato de que a maior parte das ausências ocorria justamente entre os estudantes mais jovens. A cada noite em que um lugar permanecia vazio, eu me perguntava quais histórias estariam por trás daquela ausência. Aos poucos, compreendi que permanecer na escola também exige enfrentar desafios que muitas vezes ultrapassam os muros da instituição.

Conversando com a professora e observando a realidade da turma, fui percebendo que o trabalho, as responsabilidades familiares, as dificuldades financeiras e a falta de apoio para a continuidade dos estudos faziam parte da vida de muitos daqueles jovens. Compreendi, então, que a evasão não pode ser explicada apenas pela ausência do estudante. Ela precisa ser entendida a partir das condições concretas que dificultam sua permanência na escola.

Foi nesse momento que as reflexões de Paulo Freire (2021) adquiriram um novo significado para mim. Quando afirma que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”, compreendi que esse princípio também se manifesta na forma como a escola acolhe seus estudantes. Respeitar suas trajetórias significa reconhecer que cada ausência possui uma história, que cada retorno representa um esforço e que cada permanência constitui uma conquista. Mais do que garantir o acesso à educação, a escola precisa construir condições para que esses sujeitos sintam que pertencem àquele espaço e que suas experiências são valorizadas.

Ao longo da vivência, compreendi que a evasão escolar na EJA não pode ser explicada apenas como uma decisão individual do estudante. Ela precisa ser compreendida à luz das condições sociais, econômicas e familiares que atravessam suas trajetórias. Permanecer na escola, para muitos deles, representa um esforço cotidiano. Talvez por isso tenha me chamado tanta atenção a forma como aquela escola construía, diariamente, um ambiente de acolhimento e pertencimento.

Essa é, sem dúvida, uma das lembranças mais marcantes que levo dessa experiência. Todos os dias, a coordenadora pedagógica, a diretora e até professores que não atuavam diretamente com aquela turma faziam questão de estar presentes. Às vezes, passavam na sala apenas para cumprimentar os estudantes; em outras ocasiões, permaneciam na portaria para recebê-los na chegada. Eram gestos simples, mas carregados

de significado. Demonstravam que cada estudante era visto, reconhecido e esperado naquele espaço.

A maneira como a coordenadora pedagógica se relacionava com os estudantes me marcou profundamente. Ela conversava com cada um de forma respeitosa, afetuosa e interessada, procurando saber como estavam, escutando suas histórias e demonstrando preocupação com suas necessidades. Naquele momento, compreendi que acolher não é apenas receber bem alguém. É construir relações que façam o estudante sentir que pertence à escola e que sua presença faz diferença.

Foi observando essas pequenas atitudes que passei a compreender a importância das relações humanas no ambiente escolar. Em uma modalidade marcada por trajetórias interrompidas e por inúmeras dificuldades sociais, o acolhimento deixa de ser um gesto de cordialidade para tornar-se uma prática pedagógica comprometida com a permanência, o respeito e a dignidade dos estudantes.

Uma das experiências que mais me marcou aconteceu em um dia em que apenas seis estudantes estavam presentes na sala: duas jovens, duas mulheres adultas e duas idosas. Na aula de História, a professora pediu que abrissem o livro didático. A primeira atividade trazia uma pergunta simples: “Você tem fome de quê?”

Antes mesmo que alguém respondesse, pensei silenciosamente: “fome de conhecimento”. Para minha surpresa, uma das estudantes idosas respondeu exatamente isso em voz alta. Naquele instante, senti como se nossos pensamentos tivessem se encontrado. Aquela resposta permaneceu ecoando em mim durante muito tempo.

Enquanto escutava aquela senhora, comecei a imaginar quantas oportunidades ela talvez tivesse deixado para trás ao longo da vida. Quantas vezes precisou colocar seus próprios sonhos em segundo plano para cuidar da família, criar os filhos ou enfrentar as exigências do cotidiano. Percebi que retornar à escola significava, para ela, muito mais do que aprender novos conteúdos. Era a oportunidade de voltar a olhar para si mesma e buscar aquilo que lhe havia sido negado durante tantos anos: o direito ao conhecimento.

As respostas das demais estudantes também revelaram diferentes modos de viver e de compreender aquela pergunta. Algumas disseram que tinham “fome de tudo”; outra respondeu que tinha “fome de dinheiro”. Aos poucos, compreendi que não existia uma resposta certa. Cada fala

expressava uma experiência de vida, um desejo, uma necessidade e uma forma particular de olhar para o mundo.

A partir dessas respostas, desenvolveu-se uma conversa profunda sobre desigualdade social, condições de vida e direitos. Chamou-me a atenção o interesse das estudantes em compartilhar suas opiniões e a sensibilidade da professora ao conduzir o diálogo. Naquele momento, percebi que a sala de aula havia se transformado em um espaço de escuta, reflexão e construção coletiva do conhecimento. Foi então que as palavras de Paulo Freire passaram a fazer ainda mais sentido para mim. Compreendi que ensinar e aprender constituem um movimento de diálogo, no qual todos aprendem porque todos têm experiências e saberes a compartilhar.

Também encontrei em Jorge Larrosa (2002, p. 27) uma reflexão que parecia traduzir exatamente o que eu havia vivido naquele encontro: “O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna”. Naquele dia, compreendi que os conhecimentos construídos na EJA nascem justamente desse encontro entre as histórias de vida dos estudantes e os processos educativos vividos na escola.

Ao concluir esta carta, percebo que a maior transformação não aconteceu apenas na forma como passei a compreender a Educação de Jovens e Adultos, mas também na maneira como aprendi a olhar para as pessoas e para suas histórias. Hoje entendo que cada estudante carrega um tempo próprio, construído por memórias, experiências, desafios e sonhos. Aprendi que educar exige escutar antes de ensinar, compreender antes de julgar e reconhecer que ninguém chega à escola sem saber nada. Todos carregam conhecimentos produzidos ao longo da vida e é justamente nesse encontro entre diferentes histórias que a educação ganha sentido.

Sou profundamente grata à Escola São José, por me permitir viver uma experiência que ampliou meu olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos. À professora da turma, agradeço pela acolhida, pela disponibilidade e pelos diálogos que enriqueceram minha formação. À equipe gestora, minha gratidão pelo cuidado e pelo modo como acolhe cada estudante, mostrando, na prática, que a permanência também se constrói nos pequenos gestos cotidianos.

À professora Isaura Francisco de Oliveira, agradeço por conduzir esta disciplina com compromisso, sensibilidade e profundo respeito pela EJA. Sua maneira de ensinar despertou em mim novos olhares sobre a educação e fortaleceu minha compreensão de que formar professores também significa formar sujeitos comprometidos com a dignidade humana.

Meu agradecimento mais especial dirige-se aos estudantes da EJA. Foram vocês que deram vida às leituras realizadas ao longo da disciplina. Ao compartilharem suas histórias, permitiram que eu compreendesse a educação para além dos livros e descobrisse que cada trajetória carrega saberes que merecem ser reconhecidos, valorizados e narrados.

Ao encerrar esta carta, levo comigo as palavras de Paulo Freire, que passaram a fazer muito mais sentido depois de tudo o que vivi durante esta experiência:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (Freire, 2025, p. 53).

Hoje compreendo que a Educação de Jovens e Adultos também me transformou. Assim como os estudantes que encontrei ao longo dessa caminhada, sigo acreditando que aprender é um processo permanente e que a educação continua sendo um dos caminhos mais promissores para construir novos começos. Agora compreendo que o tempo também pode ser medido pelas pessoas que transformam o nosso modo de olhar o mundo.

Com amor

Karen da Silva Nogueira

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência.

Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MIRANDA, Kátia Aparecida da Silva Nunes; LOPES, Clóris Violeta Alves. Ressignificando a educação de jovens e adultos na socioeducação. In: BELTRÃO, Márcio Evaristo; SANTOS, Maria do Desterro dos (org.). **Educação de Jovens e Adultos**: despertando sonhos adormecidos. Curitiba: Bagai, 2022. E-book. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/713023/1/Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

ENQUANTO MINHA MÃE VOLTAVA PARA A ESCOLA

Marilene de Oliveira Silva

Querida professora,

Nunca imaginei que um dos momentos mais marcantes da minha formação aconteceria enquanto observava minha própria mãe sentada em uma carteira da Educação de Jovens e Adultos.

Durante muito tempo, eu a conheci como trabalhadora, mãe e cuidadora da nossa família. Mas, naquela sala de aula, ela era estudante.

Talvez tenha sido naquele instante que comecei a compreender o verdadeiro significado da EJA.

Aquela semana de vivência também me trouxe outro reencontro.

A escola onde realizei a observação era a mesma onde estudei boa parte do Ensino Fundamental II. Hoje, além de universitária, trabalho ali como auxiliar de sala. Voltar àquele espaço carregando um caderno de observações foi completamente diferente de voltar como funcionária.

Enquanto caminhava pelos corredores, encontrei lembranças por todos os lados.

Lembrei da menina de dez anos que corria por aqueles mesmos corredores sem imaginar os caminhos que a vida ainda lhe apresentaria. Nunca pensei que um dia retornaria àquela escola como estudante de Pedagogia e, ao mesmo tempo, como profissional da educação.

Um dos momentos mais emocionantes aconteceu quando reencontrei minha professora do quinto ano. Ao me ver, ela sorriu e disse:

“Você saiu daqui como aluna e voltou como minha colega de trabalho. Parabéns.”

Naquele instante, senti que algo havia mudado dentro de mim.

Foi como se todas as lembranças da infância voltassem ao mesmo tempo. A menina que brincava no pátio agora atravessava aqueles mesmos espaços carregando novas responsabilidades e novos sonhos.

Ao iniciar a disciplina Educação de Jovens e Adultos, eu acreditava conhecer essa modalidade de ensino. Sabia o que significava a sigla EJA,

conhecia sua existência e sua finalidade. Mas conhecer a EJA não era o mesmo que conhecer as pessoas que fazem parte dela.

Foi somente durante a vivência que meu olhar começou a se transformar.

Compreendi, então, o sentido das palavras de Madalena Freire Weffort (1996, p. 1), quando afirma que “não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos”. Aos poucos, fui aprendendo que olhar exige presença, sensibilidade e disposição para enxergar aquilo que, muitas vezes, permanece invisível aos nossos olhos.

Uma particularidade dessa vivência é que meu encontro com a turma começou muito antes da semana oficial de observação.

Cerca de um mês antes, eu já frequentava a escola acompanhando minha mãe.

Ela é uma das estudantes da turma da Educação de Jovens e Adultos.

Como não há transporte até a escola, eu costumava levá-la de motocicleta. Hoje ela já vai com a professora, mas durante aquele período tive o privilégio de acompanhar de perto o início do seu retorno aos estudos.

Minha mãe se chama Iranice Maria de Oliveira Silva.

Vê-la voltar para a escola foi uma das experiências mais bonitas que já vivi.

Era como assistir a um sonho que permaneceu congelado no tempo e, muitos anos depois, encontrasse coragem para voltar a existir.

Quando criança, minha mãe estudou apenas durante um ano. Depois precisou abandonar a escola para trabalhar na roça. Foi meu avô quem tomou essa decisão. A infância terminou cedo, como aconteceu com tantas outras mulheres do campo.

Mesmo tendo frequentado a escola por tão pouco tempo, ela aprendeu a ler e a escrever. Sempre encontrou maneiras de seguir aprendendo, ainda que carregasse algumas dificuldades.

Lembro-me de que, quando eu e minha irmã éramos pequenas, quem nos ajudava nas tarefas escolares era nossa tia ou uma prima. Minha mãe fazia o que podia. Hoje, ao vê-la ocupando uma carteira escolar como estudante da EJA, sinto um orgulho difícil de colocar em palavras.

Aquele lugar sempre foi um direito seu.

Mas, acima de tudo, agora era também uma escolha.

Eu a incentivei a voltar a estudar. Conversávamos muito sobre isso. As aulas da disciplina Educação de Jovens e Adultos me ofereceram argumentos para explicar a importância daquele retorno. Ainda assim, hoje compreendo que essa decisão nunca foi minha.

Gosto de pensar em uma pequena metáfora.

Eu apenas mostrei onde ficava a escada. Mas não ensinei como subir.

Quando iniciei oficialmente a observação, quase todos os estudantes já me conheciam. Expliquei que, naquela semana, minha presença seria diferente. Eu estava ali como estudante de Pedagogia, observando a dinâmica da turma e aprendendo com aquela experiência.

Mesmo assim, continuaram me recebendo com o mesmo carinho de sempre.

Lembro-me de uma aluna que brincava dizendo:

— “Eu é que não vou conversar durante a aula... tem uma chefe observando a gente!”

Sorri ao ouvir aquilo.

Ela me conhecia desde que eu tinha nove anos de idade. Nossa relação vinha de muito antes daquela pesquisa.

Curiosamente, essa proximidade não dificultou meu olhar como pesquisadora. Pelo contrário. Ela me ensinou que é possível observar com rigor sem perder a sensibilidade.

Foi naquela semana que compreendi algo que jamais esquecerei.

Antes da vivência, imaginava que encontraria pessoas interessadas apenas em aprender a ler, escrever ou concluir os estudos interrompidos. Pensava que essa seria a principal razão para estarem ali.

Hoje sei que estava olhando apenas para uma pequena parte da história.

A Educação de Jovens e Adultos é muito mais do que um espaço de escolarização.

É um lugar onde as pessoas reencontram sonhos interrompidos, constroem vínculos, compartilham histórias e recuperam o direito de pertencer à escola.

A turma que acompanhei era composta por aproximadamente doze estudantes. A maioria tinha entre cinquenta e setenta anos de idade. Havia também um estudante mais jovem, com cerca de trinta anos, e minha mãe, com quarenta e cinco.

Desde o primeiro dia, uma característica me chamou profundamente a atenção.

Ninguém estava ali por obrigação.

Os estudantes chegavam sorrindo, participavam das atividades, conversavam entre si e demonstravam alegria por estarem na escola. Aos poucos, compreendi que cada um carregava uma trajetória marcada por interrupções, desafios e recomeços. Muitos haviam deixado os estudos para trabalhar. Outros cresceram em lugares onde a escola era distante ou simplesmente inexistente. Ainda assim, voltaram. Não apenas para concluir uma etapa escolar, mas para retomar sonhos que permaneceram adormecidos durante muitos anos.

Entre tantas histórias, uma permaneceu viva na minha memória.

Uma estudante compartilhou suas lembranças do MOBRL. Enquanto falava, seus colegas faziam perguntas, recordavam experiências semelhantes e completavam a narrativa uns dos outros. Percebi, então, que aquela sala de aula também era um lugar de memória. As histórias deixavam de pertencer a uma única pessoa e passavam a fazer parte da aprendizagem de todos.

Outro momento me marcou profundamente.

Antes mesmo do início oficial da vivência, uma senhora contou que não participaria da comemoração do Dia das Mães organizada pela escola. Quando a professora perguntou o motivo, ela respondeu, emocionada, que a data havia perdido o sentido desde a morte de um de seus filhos.

Naquele instante, a sala ficou em silêncio.

Compreendi que cada estudante chega à escola trazendo muito mais do que cadernos e livros. Carrega alegrias, perdas, saudades e histórias que continuam atravessando a vida cotidiana.

Também descobri que muitos conhecimentos nascem fora da escola.

Foi ali que conheci a chamada “prova dos nove”, um método utilizado pelos próprios estudantes para conferir operações matemáticas. Aquela descoberta me fez perceber que os saberes construídos no trabalho, na família e na vida cotidiana também possuem valor e merecem ser reconhecidos.

Na universidade, Paulo Freire nos ensinou que ninguém chega à escola vazio de conhecimentos. Durante muito tempo li essa ideia nos livros. Naquela sala de aula, finalmente pude enxergá-la acontecendo diante dos meus olhos.

As práticas da professora também contribuíram profundamente para minha formação. Ela sempre relacionava os conteúdos às experiências vividas pelos estudantes. As aulas não se limitavam aos exercícios escritos. Eram atravessadas por conversas, memórias, risos e situações do cotidiano.

Lembro-me, por exemplo, de uma dinâmica realizada com cadeiras. A alegria dos estudantes durante a atividade me fez compreender que aprender também pode ser movimento, encontro e partilha.

Talvez tenha sido ali que comecei a compreender que ensinar não significa apenas transmitir conteúdos.

Significa construir um espaço onde as pessoas se sintam acolhidas, respeitadas e reconhecidas em suas histórias.

Foi exatamente isso que encontrei naquela turma.

Sabe, professora, durante nossas aulas compreendi que observar vai muito além de olhar. Foi justamente durante as conversas, os silêncios e os relatos espontâneos que vivi os momentos mais marcantes daquela semana.

As reflexões de Jorge Larrosa (2002) passaram a fazer muito sentido para mim. Quando ele afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, percebo que descreve exatamente aquilo que vivi na EJA. Aquela semana não foi apenas uma atividade acadêmica. Foi uma experiência que me atravessou e transformou a maneira como compreendo a educação.

Também encontrei em Jane Paiva (2009) uma compreensão que hoje levo comigo. A Educação de Jovens e Adultos não representa apenas a retomada dos estudos. Ela representa a efetivação de um direito que foi interrompido para tantas pessoas ao longo da vida.

As leituras de Walter Benjamin também ganharam novos sentidos quando escutei atentamente as histórias daqueles estudantes. Percebi que cada narrativa carregava décadas de experiências, memórias e aprendizagens que dificilmente poderiam ser encontradas apenas nos livros.

Ao final dessa vivência, compreendi que minha maior aprendizagem não foi sobre a EJA.

Foi sobre as pessoas.

Entrei naquela sala imaginando que encontraria estudantes em busca de escolarização. Saí de lá levando comigo histórias de vida, memórias, saberes e sonhos que continuam ecoando dentro de mim.

Como futura pedagoga, essa experiência fortaleceu uma certeza: ensinar exige muito mais do que domínio dos conteúdos. Exige escuta, sensibilidade e respeito pelas trajetórias de cada estudante.

Hoje compreendo melhor as reflexões que tantas vezes discutimos em sala de aula. Eu acreditava que aprenderia sobre a Educação de Jovens e Adultos. No entanto, aprendi, sobretudo, sobre humanidade.

Talvez seja isso que Madalena Freire queria dizer quando afirma que observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas fazer vigília por ela. Estar presente. Permanecer atento. Compartilhar a construção da aprendizagem.

Encerro esta carta profundamente grata.

À Escola Municipal Marcos Freire, que mais uma vez me acolheu.

À professora da turma, por abrir as portas da sala de aula.

Aos estudantes da EJA, que dividiram comigo suas histórias, seus conhecimentos e seus sonhos.

À professora Isaura Francisco de Oliveira, que tornou possível essa experiência formativa.

E, de maneira muito especial, à minha mãe. Foi ela quem me ensinou, sem perceber, uma das maiores lições desta caminhada.

Hoje compreendo que voltar para a escola nunca significa voltar ao passado. Significa oferecer um novo futuro aos sonhos que um dia precisaram esperar.

Talvez eu tenha entrado naquela sala acreditando que observaria os estudantes da EJA. Agora sei que foram eles e, principalmente, minha mãe que me ensinaram algumas das lições mais importantes da minha formação como professora.

Com carinho e gratidão,

Marilene de Oliveira Silva

Serra do Ramalho(BA), Junho de 2026

Referências

BENJAMIN, Walter. **A vida dos estudantes**. In: BENJAMIN, Walter. Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos.

Tradução de Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 76. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

PAIVA, Jane. **Os sentidos do direito à educação para jovens e adultos**. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

WEFFORT, Madalena Freire. **Educando o olhar da observação**. In: FREIRE, Madalena (org.). *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8.

ENTRE VIVÊNCIAS E ESPERANÇA: CARTA PEDAGÓGICA DE UMA FUTURA PEDAGOGA

Raiane dos Santos Souza

Prezada Raiane,

Escrevo esta carta para que um dia, quando os desafios da docência parecerem maiores do que os sonhos que hoje cultivo, você possa voltar a estas páginas e recordar por que escolheu ser professora.

Quero que nunca se esqueça das histórias que encontrou durante sua formação, das pessoas que cruzaram o seu caminho e, principalmente, daquilo que a Educação de Jovens e Adultos lhe ensinou sobre humanidade. Escrevo para que a rotina nunca apague a sensibilidade que começou a nascer durante essa experiência e para que você continue acreditando que educar é, antes de tudo, um compromisso com a vida.

O início da minha trajetória acadêmica aconteceu logo após a conclusão do Ensino Médio, período marcado por grandes expectativas em relação ao ingresso na universidade. Foi ali que começou a nascer a professora que hoje continuo aprendendo a ser, muito antes das experiências proporcionadas pelos estágios e pelas disciplinas do curso de Pedagogia.

Ao longo dessa caminhada, cada vivência, desafio e descoberta contribuíram para a construção de uma nova versão de mim mesma. Aos poucos, fui reconhecendo uma pessoa que passei a chamar, carinhosamente, de Sra. Souza: uma mulher determinada, ainda aprendendo a pesquisar, corajosa diante dos obstáculos e persistente na realização dos seus sonhos. Mais do que uma identidade profissional em formação, a Sra. Souza representa a mulher que aprendeu a acreditar que a educação transforma vidas — inclusive a sua própria.

Ao longo da minha formação, vivi experiências em diferentes campos de estágio: Gestão Escolar, Espaços Não Formais, Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos. Cada uma delas contribuiu para a construção da professora que hoje continuo aprendendo a ser. No entanto, entre todas essas vivências, houve uma que transformou profundamente meu modo de compreender a docência: a experiência na Educação de Jovens e Adultos.

Meu estágio aconteceu em uma escola de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e começou de maneira diferente do que eu imaginava. No primeiro dia, a escola vivia a semana de avaliações. Minha colega e eu permanecemos apenas observando os estudantes concentrados em suas provas. À primeira vista, parecia um dia comum, sem grandes acontecimentos. Mas foi justamente ali que aprendi minha primeira lição: observar também é uma forma de aprender.

Na semana seguinte, iniciamos efetivamente as observações em sala de aula. Fomos acolhidas pela coordenação pedagógica, que nos apresentou à rotina da escola e nos conduziu até a turma da EJA. Logo percebi que aquele espaço era muito mais do que uma sala de aula. Era um lugar de encontros, diálogos e construção de sentidos.

Ao acompanhar as atividades, compreendi que a professora procurava relacionar os conteúdos às experiências de vida dos estudantes. As aulas aconteciam por meio do diálogo, da escuta e do respeito às histórias que cada um levava consigo. Foi naquele ambiente que comecei a compreender, na prática, aquilo que tantas vezes discutimos na universidade: ensinar também significa reconhecer os saberes que os estudantes constroem ao longo da vida.

Enquanto observava a turma, recordei as reflexões de Oliveira (2025) sobre a importância das narrativas de vida para compreender os percursos, as memórias e as condições que favorecem a permanência na escola. Aos poucos, percebi que o currículo não se construía apenas nos conteúdos planejados, mas também nas histórias compartilhadas, nos gestos de acolhimento e nas relações estabelecidas diariamente.

Durante aquele período de avaliações, um detalhe chamou profundamente minha atenção. As imagens e algumas situações apresentadas nas provas nem sempre dialogavam com a realidade vivida pelos estudantes. Aquilo despertou em mim uma inquietação que levo comigo até hoje: que sentido tem ensinar sem considerar o mundo de quem aprende? Naquele momento, compreendi que construir práticas pedagógicas contextualizadas não é apenas uma escolha metodológica, mas uma atitude ética de respeito à história, à cultura e às experiências dos educandos.

Raiane, quando um dia você estiver preparando uma atividade para seus estudantes, lembre-se deste momento. Nunca permita que o currículo fale mais alto do que a vida de quem está sentada diante de você. Observe com atenção. Aprenda a enxergar para além das respostas, dos exercícios e

das avaliações. Afinal, observar também é uma forma de aprender. Como nos ensina Madalena Freire (1996), “observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas fazer vigília por ela; isto é, estar e permanecer acordado por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica.” Que sua prática docente seja sempre marcada por essa escuta sensível e por esse olhar atento, capaz de reconhecer, antes do conteúdo, as pessoas que fazem da escola um espaço de humanidade.

Entretanto, foi durante uma aula da disciplina Projeto de Vida que vivi o momento mais marcante de toda essa experiência.

Enquanto a professora conduzia um diálogo sobre as histórias de vida dos estudantes, uma senhora compartilhou uma lembrança que silenciou meus pensamentos por alguns instantes.

Ela contou que havia calçado um par de chinelos pela primeira vez aos dezenove anos de idade.

“Calcei um par de chinelos pela primeira vez aos dezenove anos.”

Aquela frase carregava o peso de uma vida inteira.

Não era apenas uma lembrança da infância. Era o retrato das desigualdades que atravessaram sua trajetória e a privaram de direitos que, para muitos de nós, parecem tão simples. Ao ouvi-la, senti-me profundamente tocada. Pensei na minha própria história, nas dificuldades que enfrentei, mas também nas oportunidades que tive e que tantas pessoas nunca conhecera. Naquele instante, a Educação de Jovens e Adultos deixou de ser apenas um campo de estágio. Tornou-se uma verdadeira lição de humanidade.

Foi ali que compreendi, de forma concreta, o sentido do que Paulo Freire (1992) chama de inédito viável. Mesmo depois de tantos anos marcados por privações, aquela mulher continuava acreditando que era possível recomeçar. Sua presença naquela sala de aula era, por si só, a expressão viva da esperança que resiste e insiste em construir novos caminhos.

Raiane, quando a rotina parecer endurecer o seu olhar, lembre-se daquela senhora. Lembre-se de que, antes de cada estudante, existe uma história que merece ser escutada. Nunca permita que as exigências do cotidiano façam você esquecer que educar é, acima de tudo, reconhecer a humanidade que existe em cada pessoa que entra na sala de aula.

A expressão inédito viável também atravessa minha própria história. Lembro-me do dia em que ouvi essas palavras pela voz da Professora Dra.

Isaura Oliveira. Naquele momento, ela me disse que eu também era um inédito viável. Não compreendi toda a profundidade daquela afirmação imediatamente. Hoje compreendo. Aquelas palavras me ensinaram que nossas histórias não determinam nossos limites; revelam, antes, as possibilidades que ainda podemos construir.

É isso que desejo nunca esquecer.

Que a memória daquela senhora permaneça viva em minha caminhada. Que sua história continue me lembrando de planejar aulas que dialoguem com a vida, de acolher quem chega à escola carregando tantas experiências e de jamais permitir que a rotina silencie minha sensibilidade.

A universidade, os estágios e, sobretudo, a Educação de Jovens e Adultos ensinaram-me que educar é um ato profundamente humano. Ao terminar esta carta, reafirmo o compromisso assumido comigo mesma: ser uma professora que escuta, acolhe, respeita e acredita que toda pessoa, independentemente de sua história, pode continuar aprendendo e transformando o mundo.

Com esperança, afeto e luta,

Raiane dos Santos Souza

Bom Jesus da Lapa (BA), 25 de junho de 2026.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRANCISCO DE OLIVEIRA, I. Quando permanecer é resistir: narrativas e projetos de vida na Educação de Pessoas Jovens e Adultas. **Diálogos e Perspectivas Interventivas**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. e25916, 2025. DOI: 10.52579/diapi.v6i2.25916. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/dialogos/article/view/25916>. Acesso em: 25 jun. 2026.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena (org.). Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8. Disponível em: <https://blogproinfanciabahia.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/03/educando-o-olhar-madalena-freire.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2026.

Tornar-se professora

“A professora que estou me tornando nasceu desses encontros.”

Stefanny Nogueira da Silva

Esta margem fala de um percurso que é, sobretudo, um processo de construção. Aqui, mais do que relatos, encontramos reflexões sobre o que significa assumir o compromisso de ensinar e de aprender continuamente com a vida.

As cartas que a compõem revelam que tornar-se professora não é apenas dominar conteúdos ou cumprir exigências acadêmicas, mas deixar-se transformar pelos encontros, pelos sujeitos, pelas histórias e pelas práticas que nos atravessam.

Nesta margem, as autoras compartilham dúvidas, descobertas, conquistas e desafios que moldam suas identidades docentes. Revelam que a docência se faz no exercício diário de escuta, de sensibilidade, de responsabilidade e de esperança.

Cada carta nos lembra que ensinar é também aprender, que a sala de aula é um espaço de trocas e que o caminho da docência se constrói coletivamente, com coragem, afeto e compromisso.

**Tornar-se professora é
permitir que a vida nos ensine
a ensinar com sentido.**

QUEM NAVEGA POR ESSAS ÁGUAS

Ana Clara • Marla • Mislane • Stefanny

ENTRE O OLHAR DE ESTUDANTE E O OLHAR DE FUTURA PEDAGOGA: O QUE A EJA ME ENSINOU

Ana Clara Fialho Cardoso

No início da disciplina, eu compreendia a Educação de Jovens e Adultos apenas como uma oportunidade para que pessoas que interromperam seus estudos retornassem à escola. Hoje, depois das leituras, das discussões em sala e da vivência realizada em uma turma da EJA, compreendo essa modalidade de outra forma. Passei a enxergá-la como um espaço que valoriza os sujeitos em suas histórias, culturas, saberes, tradições e sonhos.

A experiência de observar o cotidiano escolar permitiu-me compreender que a educação vai muito além da alfabetização. Ela amplia possibilidades, fortalece a autonomia e cria condições para que homens e mulheres participem da vida em sociedade com mais segurança, dignidade e esperança. Mais do que ensinar a ler e escrever, a EJA possibilita que seus estudantes reconstruam projetos de vida e reconheçam que nunca é tarde para aprender.

Para mim, foi uma experiência completamente nova acompanhar, de perto, a dinâmica de uma instituição escolar. Embora já tivesse passado por aquela escola como estudante, retornar a esse espaço na condição de graduanda em Pedagogia permitiu-me enxergá-lo com outros olhos. Passei a observar aspectos que antes me passavam despercebidos e compreendi que a escola pode revelar diferentes significados à medida que também nos transformamos.

A Escola Professora Tânia Rodrigues faz parte da minha própria história. Foi ali que cursei parte dos anos iniciais do Ensino Fundamental e onde nasceu um dos meus primeiros sonhos de infância: ser professora. Lembro-me, com muito carinho, da minha professora do 3º ano. Sua paciência, o cuidado com os estudantes e a forma respeitosa como ensinava despertavam em mim um enorme encantamento. Eu ficava feliz quando ela elogiava meu comportamento durante as reuniões com minha mãe e, sem perceber, foi se tornando uma das minhas primeiras inspirações para a docência.

Retornar àquela escola, agora por meio da vivência da disciplina Educação de Jovens e Adultos, foi como revisitar uma parte da minha própria trajetória. No entanto, dessa vez, meu olhar já não era o de uma criança, mas o de uma futura pedagoga, disposta a compreender a escola para além das lembranças que guardava dela.

Situada no Projeto Formoso, zona rural do município de Bom Jesus da Lapa (BA), a escola oferta a Educação de Jovens e Adultos no período noturno, com aulas às segundas, terças e quartas-feiras. Durante a semana em que realizei a observação, a turma encontrava-se organizada em regime de multisseriação, em razão da ausência de professores das demais classes. Essa reorganização fez com que jovens e adultos, em diferentes etapas de escolarização, compartilhassem o mesmo espaço de aprendizagem.

Observar essa realidade fez-me compreender ainda mais a complexidade do trabalho docente na EJA. Em uma única sala conviviam diferentes ritmos de aprendizagem, experiências de vida e níveis de escolarização, exigindo do professor sensibilidade, planejamento e flexibilidade para atender às necessidades de cada estudante. Foi nesse contexto que percebi, de forma muito concreta, a importância do professor como mediador do processo educativo, capaz de construir estratégias que garantam a participação e a aprendizagem de todos.

A turma reunia estudantes com níveis muito diferentes de escolarização. Enquanto alguns ainda estavam em processo de alfabetização, apresentando dificuldades na leitura e na escrita, outros já demonstravam maior domínio dessas habilidades. Essa diversidade exigia da professora um acompanhamento constante e individualizado.

Lembro-me de ouvi-la comentar que o tempo das aulas parecia passar rápido demais diante da quantidade de demandas que precisava atender. Era visível seu esforço para acompanhar cada estudante, propondo intervenções de acordo com as necessidades de cada um e estimulando seus avanços, por menores que fossem.

Ao observar essa realidade, compreendi que ensinar na EJA exige muito mais do que transmitir conteúdos. Exige sensibilidade para reconhecer os diferentes ritmos de aprendizagem e flexibilidade para reorganizar o planejamento sempre que necessário. Naquela sala, a diversidade não era um obstáculo, mas uma característica constitutiva da turma. Cabia à professora transformar essas diferenças em possibilidades de aprendizagem e de troca de saberes entre os próprios estudantes.

Durante a observação, percebi que o cotidiano escolar daqueles estudantes era profundamente atravessado pelas condições de vida da comunidade. A ausência de alguns educandos era frequente, principalmente porque a maioria trabalhava na produção de banana, principal atividade econômica do Projeto Formoso. O cansaço após longas jornadas de trabalho e os atrasos no serviço eram motivos recorrentes para que não conseguissem chegar à escola.

Aos poucos, compreendi que aquelas ausências não significavam falta de interesse pelos estudos. Eram vidas marcadas pelo trabalho, cuja sobrevivência dependia do esforço diário na lavoura, seja em suas próprias terras, seja no trabalho para outros produtores. Durante muito tempo, essas pessoas acreditaram que a escola era um espaço destinado apenas aos seus filhos. A chegada da Educação de Jovens e Adultos à comunidade representou, para muitos deles, a primeira oportunidade concreta de retomar os estudos e reconstruir projetos de vida.

Foi muito significativo perceber que, naquela mesma escola, conviviam pais e filhos, cada um em sua etapa de formação. Essa realidade reforçou em mim a compreensão de que a EJA representa muito mais do que uma modalidade de ensino: ela constitui uma importante estratégia de enfrentamento das desigualdades sociais e de ampliação do direito à educação.

Outro desafio observado dizia respeito ao acesso à escola. Em alguns dias, quando o transporte escolar apresentava problemas e deixava de circular, muitos estudantes não conseguiam comparecer às aulas. Mesmo diante dessas dificuldades, chamou-me a atenção a postura da professora. Sempre que um estudante retornava após uma ausência, ela retomava os conteúdos, reapresentava as atividades e procurava garantir que ninguém fosse prejudicado em seu processo de aprendizagem.

Ao observar essa prática, comecei a refletir sobre o tipo de professora que desejo ser. Compreendi que ensinar na Educação de Jovens e Adultos exige reconhecer que a vida dos estudantes continua para além dos muros da escola. Suas ausências, muitas vezes, não revelam desinteresse, mas as condições concretas de trabalho, de transporte e de sobrevivência que atravessam suas trajetórias. Por isso, o compromisso do professor também consiste em acolher essas realidades e construir estratégias que favoreçam a permanência e a aprendizagem de todos.

A experiência também me marcou pela forma como a professora conduzia a rotina da turma. Antes mesmo de iniciar os conteúdos, ela

acolhia os estudantes por meio do diálogo. Perguntas como “Como foi o final de semana?”, “Como foi o seu dia?” e “Por que você não veio ontem?” eram frequentes e demonstravam um interesse genuíno pela vida de cada educando. Aos poucos, compreendi que aquelas conversas não eram apenas uma forma de recepcionar a turma, mas uma estratégia de acolhimento que fortalecia os vínculos e criava um ambiente de confiança para a aprendizagem.

Outro aspecto que despertou minha atenção foi a maneira como a professora organizava suas atividades. Durante a observação, acompanhei uma proposta desenvolvida em torno da campanha Maio Laranja, que articulava leitura, interpretação de texto, produção escrita e reflexão crítica sobre uma temática social de grande relevância. Mais do que trabalhar diferentes conteúdos, a atividade convidava os estudantes a refletirem sobre a realidade em que vivem, aproximando a aprendizagem das questões presentes em seu cotidiano.

Ao acompanhar essa aula, lembrei-me das discussões realizadas durante a disciplina sobre a educação problematizadora defendida por Paulo Freire. A professora não se limitava à transmissão de informações; ela criava condições para que os estudantes lessem, interpretassem, dialogassem e construíssem sentidos a partir da temática proposta.

Também observei que alguns educandos apresentavam dificuldades na leitura. Nessas situações, a professora realizava a leitura coletiva do texto, explicava seu conteúdo com uma linguagem acessível e retomava as ideias principais antes que respondessem às questões. Esse cuidado fazia com que todos se sentissem mais seguros para participar das atividades e demonstrava que ensinar também é criar condições para que cada estudante acredite em sua própria capacidade de aprender.

Ao final daquela aula, compreendi que o papel do professor na EJA vai muito além de ensinar conteúdos. Ele envolve acolher, escutar, incentivar e construir um ambiente em que os estudantes se sintam respeitados e confiantes para aprender.

Outra situação que despertou minha atenção ocorreu durante as atividades de Matemática. Percebi que muitos estudantes apresentavam mais dificuldades nessa disciplina do que nas demais. Entretanto, ao conversar com um dos educandos, compreendi que essa dificuldade não estava relacionada à ausência de conhecimentos matemáticos. Ele me explicou que realizava, sem problemas, os cálculos necessários em seu

cotidiano, mas encontrava dificuldades quando precisava resolvê-los no papel.

Essa conversa me levou a refletir sobre o distanciamento que, muitas vezes, existe entre os conhecimentos escolares e os saberes construídos nas experiências de vida. Lembrei-me, então, das discussões de Paulo Freire sobre a importância de reconhecer os conhecimentos que os educandos trazem consigo antes mesmo de entrarem na escola.

Naquele momento, compreendi que ensinar Matemática na EJA exige partir das situações concretas vividas pelos estudantes, valorizando os conhecimentos construídos no trabalho, no comércio, na administração da casa e nas diversas atividades do cotidiano. Quando a escola estabelece essa aproximação entre teoria e prática, a aprendizagem torna-se mais significativa e fortalece a confiança dos educandos em suas próprias capacidades.

O fato de a Educação de Jovens e Adultos atender pessoas que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas, ou que sequer tiveram a oportunidade de frequentar a escola, despertou em mim muitas reflexões. Era impossível não lembrar da minha própria família. Meus avós, meus pais e alguns tios cresceram no campo, onde estudar parecia um privilégio distante. A escola ficava longe, o transporte era inexistente e o trabalho na lavoura ocupava grande parte do tempo da família. Enquanto os homens se dedicavam ao cultivo da terra para garantir o sustento da casa, muitas mulheres permaneciam responsáveis pelos afazeres domésticos e pelos cuidados com a família. Nesse contexto, a educação acabava sendo constantemente adiada.

Hoje, já adultos e idosos, muitos deles expressam tristeza por não terem tido acesso à escolarização. Com as transformações da sociedade, especialmente diante dos avanços tecnológicos, sentem-se, por vezes, inseguros e com sua autonomia limitada em situações que exigem leitura, escrita ou o uso de novas tecnologias.

Ao relacionar essas histórias com os estudantes que conheci durante a vivência, compreendi que muitas das dificuldades enfrentadas por minha família ainda fazem parte da realidade de inúmeros trabalhadores e trabalhadoras que frequentam a EJA. Percebi, então, que essa modalidade representa muito mais do que uma oportunidade de concluir os estudos. Ela possibilita o acesso a um direito historicamente negado e fortalece a autonomia, a participação social e a dignidade daqueles que, por diferentes razões, não puderam estudar no tempo considerado “regular”.

Nesse sentido, as reflexões de Miguel Arroyo (2017) ajudaram-me a compreender que os estudantes da EJA não são apenas pessoas que retornam à escola, mas sujeitos de direitos, cujas trajetórias de vida precisam ser reconhecidas e respeitadas pela instituição escolar. Ao observar aquela realidade, percebi que muitos deles não interromperam os estudos por escolha, mas em razão das condições de trabalho, das dificuldades econômicas, das responsabilidades familiares e das desigualdades que marcaram suas histórias.

Essa compreensão despertou em mim um olhar mais crítico sobre as desigualdades sociais e educacionais ainda presentes em nossa sociedade. Compreendi que a Educação de Jovens e Adultos representa muito mais do que uma oportunidade de concluir a escolarização. Ela reafirma o direito à educação, valoriza os saberes construídos ao longo da vida e possibilita que homens e mulheres retomem seus projetos de vida com mais autonomia e dignidade.

Ao longo da vivência, percebi que a professora organizava suas práticas com muito cuidado, procurando atender às necessidades específicas de cada estudante e criar condições para que todos avançassem em seu processo de aprendizagem. Mais do que ensinar conteúdos, ela demonstrava sensibilidade ao acolher as dificuldades dos educandos, valorizando seus esforços e incentivando sua participação sem julgamentos ou preconceitos.

Observar essa postura fez-me refletir sobre o compromisso ético e pedagógico que a docência na EJA exige. Os estudantes chegam à escola trazendo histórias marcadas por interrupções escolares, desafios sociais e diferentes expectativas em relação ao retorno aos estudos. Diante dessa realidade, compreendi que ensinar na Educação de Jovens e Adultos requer muito mais do que domínio dos conteúdos: exige escuta, respeito, empatia e disposição para reconhecer a humanidade presente em cada trajetória.

Acompanhar o trabalho dessa professora fortaleceu ainda mais minha compreensão sobre a profissão docente. Saio dessa experiência convicta de que ser professora significa construir conhecimentos, mas também acolher pessoas, reconhecer seus percursos de vida e acreditar, diariamente, em suas possibilidades de aprender.

Essa experiência ampliou significativamente minha compreensão sobre a Educação de Jovens e Adultos e permitiu que eu enxergasse os educandos para além de suas dificuldades escolares. Compreendi que cada estudante carrega uma história de luta, resistência, saberes e sonhos que

precisam ser reconhecidos e valorizados no processo educativo. Como futura pedagoga, essa vivência fortaleceu meu compromisso com uma educação democrática, inclusiva e comprometida com a transformação social. Ao observar as práticas da professora, compreendi que ensinar na EJA exige planejamento flexível, sensibilidade e disposição para reconhecer as necessidades de cada estudante.

Ao finalizar esta carta, percebo o quanto minha compreensão sobre a Educação de Jovens e Adultos se transformou. Antes da disciplina, eu conhecia a EJA apenas de forma superficial. Hoje compreendo que essa modalidade representa muito mais do que uma oportunidade de escolarização. Ela demonstra que não existem idade, tempo ou momento certo para aprender, recomeçar e realizar sonhos.

As experiências vividas durante a observação mostraram-me que educar não significa apenas transmitir conteúdos previamente estabelecidos. Significa construir aprendizagens que dialoguem com a realidade dos estudantes, reconhecendo seus saberes, suas trajetórias e suas necessidades. Foi exatamente isso que encontrei na professora que acompanhei durante a vivência. Seu compromisso com a aprendizagem, sua sensibilidade diante das dificuldades e sua dedicação em acompanhar o progresso de cada educando tornaram-se uma grande inspiração para minha própria formação.

À Ana Clara que iniciou esta graduação cheia de expectativas,

Hoje compreendo que muitas das dúvidas que você carregava faziam parte do processo de se tornar professora. Continue cultivando esse olhar curioso, sensível e comprometido com a educação. Não deixe de escutar as pessoas, de valorizar suas histórias e de acreditar que ensinar é um encontro entre vidas, saberes e sonhos.

Espero que esta tenha sido apenas a primeira de muitas experiências que continuarão fortalecendo sua caminhada na docência. Se um dia voltar a ler esta carta, desejo que ainda reconheça em si a mesma disposição para aprender com os outros e para transformar, por meio da educação, a vida das pessoas.

Com carinho,

Ana Clara Fialho Cardoso

Bom Jesus da Lapa (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite:** do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

À COORDENADORA PEDAGÓGICA QUE CONTINUA ACREDITANDO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Marla Santana Magalhães

Querida Coordenadora Pedagógica,

Confesso que, naquele dia, cheguei à escola imaginando que observaria apenas uma turma da Educação de Jovens e Adultos. Acreditava que minha atenção estaria voltada para as aulas, para os estudantes e para as práticas pedagógicas. No entanto, antes mesmo de entrar na sala de aula, encontrei a senhora.

Hoje percebo que foi ali que minha vivência realmente começou.

Nossa conversa iniciou de forma simples. A senhora me contou um pouco da sua trajetória profissional, da organização da escola e dos desafios vividos diariamente na EJA. Mas, enquanto eu a escutava, fui percebendo que suas palavras iam muito além de informações sobre uma modalidade de ensino. Elas revelavam que trabalhar na Educação de Jovens e Adultos exige muito mais do que domínio dos conteúdos escolares. Exige sensibilidade para acolher histórias interrompidas, respeito pelos diferentes tempos de aprendizagem e, sobretudo, a capacidade de continuar acreditando nas pessoas.

Uma das suas falas permanece viva em minha memória. Quando a senhora falou sobre permanência, evasão e esperança, compreendi que, na Educação de Jovens e Adultos, cada estudante que consegue permanecer na escola representa muito mais do que uma matrícula. Representa uma história que resiste, um direito que insiste em existir e um sonho que se recusa a ser interrompido.

Naquele momento, eu ainda não imaginava o quanto essa conversa transformaria meu olhar. Até então, eu conhecia a EJA principalmente por meio das leituras realizadas na universidade. Somente depois de caminhar pelos corredores da escola, entrar nas salas de aula, observar os estudantes e ouvir suas histórias compreendi, de fato, aquilo que a senhora havia tentado me ensinar logo no primeiro encontro.

Foi então que percebi que algumas aprendizagens não acontecem apenas porque estudamos um texto ou assistimos a uma aula. Elas acontecem

porque determinadas experiências nos atravessam e permanecem conosco muito tempo depois de terem terminado.

Naquele momento, eu ainda não imaginava o quanto aquela conversa transformaria meu olhar. Até então, conhecia a Educação de Jovens e Adultos principalmente pelas leituras realizadas na universidade. Foi somente ao caminhar pelos corredores da escola, observar as salas de aula, ouvir os estudantes e acompanhar suas trajetórias que compreendi a dimensão humana dessa modalidade de ensino. Cada pessoa que encontrei carregava consigo uma história marcada pelo trabalho, pelas interrupções dos estudos, pelas responsabilidades familiares, pelas perdas, mas também pela esperança de recomeçar.

Foi convivendo com esses estudantes que compreendi que o afastamento da escola, na maioria das vezes, não acontece por escolha. Ele é consequência das condições concretas de vida que atravessam homens e mulheres trabalhadores, obrigados a conciliar o sustento da família com o desejo de continuar estudando. Foi impossível não recordar as reflexões de Miguel Arroyo (2017), quando nos convida a reconhecer os estudantes da EJA como sujeitos trabalhadores, cujas trajetórias de vida e de trabalho precisam ser compreendidas pela escola.

Ao longo da semana, também me chamou a atenção o esforço da equipe gestora para criar estratégias que favorecessem a permanência dos estudantes. A senhora me apresentou a proposta da EJA Combinada, iniciativa adotada pela Secretaria Municipal de Educação de Bom Jesus da Lapa como uma alternativa para atender às necessidades desse público. Embora represente um avanço importante, percebi que ela, sozinha, não é suficiente para enfrentar um problema tão complexo quanto a evasão escolar.

Aos poucos, fui compreendendo que abandonar a escola não significa falta de interesse. Muitas vezes, significa enfrentar jornadas exaustivas de trabalho, cuidar da família, lidar com dificuldades financeiras ou conviver com tantas outras desigualdades que atravessam a vida desses estudantes. Como nos lembra Arroyo (2017), garantir o direito à educação exige muito mais do que manter as portas da escola abertas. Exige criar condições reais para que os estudantes possam permanecer nela com dignidade.

Somente depois dessa experiência compreendi que algumas aprendizagens não acontecem apenas porque estudamos um texto ou ouvimos uma explicação. Elas permanecem conosco porque nos atravessam. Continuam produzindo perguntas, deslocando certezas e modificando a

maneira como passamos a olhar para as pessoas. Talvez seja justamente essa a maior força da experiência: ela não termina quando saímos da escola; continua nos formando muito tempo depois.

Ao longo desse diálogo com a senhora, compreendi que ampliar meu olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos significava também ampliar meu olhar sobre as pessoas. Como futura professora, aprendi que educar exige reconhecer as experiências de vida dos estudantes, respeitar seus tempos de aprendizagem e acreditar no potencial transformador que cada um carrega consigo. Muitos não tiveram a oportunidade de frequentar a escola durante a infância ou a adolescência. Ainda assim, retornam à EJA movidos pela esperança de reconstruir caminhos que, por diferentes razões, foram interrompidos.

Antes de me despedir, quero recordar uma frase que a senhora compartilhou conosco durante nossa visita e que permaneceu ecoando em mim desde então: “Valorizem mais as pessoas, deem mais oportunidades e teremos outra realidade.” Talvez essa tenha sido a maior lição que levei daquela escola.

Hoje compreendo que educar não significa apenas ensinar conteúdos. Significa acreditar nas pessoas, reconhecer suas histórias e criar oportunidades para que continuem escrevendo novos capítulos de suas vidas. Obrigada por me ensinar isso antes mesmo de eu entrar na sala de aula.

Com gratidão,

Marla Santana Magalhães

Riacho de Santana (BA), junho de 2026.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite:** do trabalho para a EJA – itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

APRENDER A OLHAR: UMA CARTA À PROFESSORA QUE SEREI

Mislane Araújo Santana

Querida eu do futuro,

Escrevo esta carta para que, quando a releia daqui a alguns anos, você não se recorde apenas dos textos estudados ou das atividades realizadas na disciplina Educação de Jovens e Adultos. Quero que se lembre, sobretudo, das pessoas, das histórias, dos afetos e das experiências que transformaram seu modo de compreender a educação e a si mesma.

Talvez, no futuro, você pense que sua aproximação com a EJA começou na universidade. Mas não foi assim.

Muito antes de entrar no curso de Pedagogia, a Educação de Jovens e Adultos já fazia parte da sua história.

Ao longo da disciplina, fui atravessada por lembranças da infância. Recordei o Programa Todos pela Alfabetização (TOPA). Minha madrinha foi alfabetizadora. Depois, minha mãe também participou desse trabalho. Minha avó, por sua vez, ocupava o lugar de estudante. Naquela época, eu ainda não compreendia o significado daqueles encontros. Hoje percebo que minha relação com a EJA começou ali, muito antes de ingressar na universidade.

Quando iniciei a disciplina, cheguei como em tantas outras: sem grandes expectativas, mas com alegria no coração. Sabia que teria como professora Isaura Francisco, que, ao longo daquele semestre, viveu conosco a alegria de tornar-se doutora. Mais do que acompanhar essa conquista, fomos acompanhando uma professora que nos ensinava a olhar para a educação para além dos conteúdos, convidando-nos a enxergar as pessoas, suas histórias e seus projetos de vida.

Desde os primeiros encontros, compreendi que aquela não seria apenas mais uma disciplina. Havia algo diferente na forma como éramos convidados a pensar, dialogar e sentir a educação. Aos poucos, percebi que aprender sobre a EJA significava também revisitar a minha própria história.

Desde os primeiros encontros, percebi que aquela não seria apenas mais uma disciplina. Havia música, desenhos, conversas e reflexões sobre sonhos, trajetórias e projetos de vida. Aos poucos, fui compreendendo que

a educação acontece quando somos convidados a olhar para nós mesmos e para os outros com sensibilidade.

Talvez, quando você voltar a ler esta carta no futuro, já não se lembre da emoção daqueles primeiros encontros. Mas foram eles que abriram caminho para muitas das aprendizagens que viriam depois.

Um dos momentos que mais me marcou foi a partilha das nossas histórias. Ao socializar as respostas das atividades propostas, percebi que cada colega carregava consigo medos, sonhos, lembranças e expectativas. Enquanto escutava cada relato, compreendi que a educação nasce do encontro entre pessoas. Naquele instante, as palavras de Paulo Freire fizeram ainda mais sentido: ninguém ensina sozinho, ninguém aprende sozinho. Ensinar e aprender acontecem sempre na relação com o outro.

Ao longo do semestre, fomos descobrindo que a Educação de Jovens e Adultos é muito mais do que uma modalidade de ensino. Ela representa uma história construída por muitas lutas, marcada pela defesa do direito à educação e pelo reconhecimento daqueles que, durante muito tempo, permaneceram à margem da escola. Esse percurso ampliou meu olhar e fez com que eu compreendesse cada estudante da EJA como sujeito de direitos, portador de uma história que merece ser conhecida e respeitada.

Foi também durante essas reflexões que um conceito passou a acompanhar minha formação: a alteridade. Aprendi que educar exige sair de si para compreender o outro em sua realidade, em sua história e em seus modos de viver.

Essa compreensão tornou-se ainda mais forte quando iniciamos a preparação para a vivência nas escolas. Aos poucos, fui descobrindo que observar não significa apenas olhar. Observar exige presença, escuta e disponibilidade para compreender os sujeitos em suas singularidades. Como nos ensina Madalena Freire, observar é um exercício permanente de leitura da realidade. Foi nesse processo que comecei a construir um olhar mais atento, mais humano e menos apressado diante das histórias que encontraria na EJA.

As leituras de Jorge Larrosa também atravessaram profundamente minha formação. Quando ele afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”, compreendi que aquelas palavras descreviam exatamente o que eu estava vivendo. A disciplina não estava apenas me ensinando sobre a Educação de Jovens e Adultos; ela estava transformando meu modo de olhar a educação, as pessoas e a mim mesma.

Querida eu do futuro, se algum dia as exigências da profissão fizerem você esquecer por que escolheu ser professora, volte a estas páginas. Foi durante a vivência na EJA que muitas respostas começaram a nascer, mesmo antes de eu formular todas as perguntas.

O momento mais marcante dessa trajetória foi a vivência realizada em uma escola que oferta a Educação de Jovens e Adultos no período noturno. Embora não fosse uma atividade obrigatória do componente curricular, nossa professora fez questão de que tivéssemos essa experiência. Hoje compreendo o quanto essa escolha foi importante para a nossa formação. Durante uma semana, acompanhamos o cotidiano da escola, observamos as práticas pedagógicas e, principalmente, conhecemos pessoas que transformariam nosso modo de compreender a EJA.

Desde o primeiro dia, descobri que registrar uma experiência é muito mais do que anotar acontecimentos. Enquanto escrevia sobre as aulas, as conversas e os sentimentos despertados por aquela vivência, eu também reorganizava minhas próprias compreensões sobre a educação. Cada anotação fazia nascer novas perguntas, novos olhares e novas aprendizagens.

Foi então que compreendi por que Madalena Freire atribui tanta importância ao registro. Escrever não servia apenas para guardar lembranças. Servia para revisitar a experiência, refletir sobre ela e permitir que ela continuasse me formando, mesmo depois de encerrada a observação.

Fui acolhida em uma turma multisseriada, composta por estudantes com diferentes trajetórias de escolarização. Alguns já dominavam a leitura e a escrita; outros ainda davam os primeiros passos nesse processo. Logo compreendi que aquelas diferenças não separavam os estudantes. Pelo contrário, faziam da sala de aula um espaço de partilha, onde cada conquista era celebrada coletivamente.

Ao chegar à escola, senti uma mistura de entusiasmo e timidez. Embora muitos rostos fossem desconhecidos, alguns profissionais haviam feito parte da minha própria trajetória escolar. Reencontrá-los despertou em mim um profundo sentimento de pertencimento. Naquele instante, também me recordei das vezes em que acompanhava minha avó às aulas do TOPA. Mais uma vez percebi que minha história e a história da EJA caminhavam juntas havia muito tempo.

À medida que os dias passavam, fui conhecendo um pouco da realidade daqueles estudantes. Muitos chegavam à escola depois de uma longa jornada de trabalho. Outros conciliavam os estudos com os

cuidados da família ou enfrentavam dificuldades financeiras. Ainda assim, permaneciam ali, acreditando que aprender continuava fazendo sentido.

Foi impossível não recordar as reflexões de Miguel Arroyo sobre os sujeitos da EJA. Diante de mim não estavam pessoas que haviam “fracassado” na escola, mas homens e mulheres cujas trajetórias haviam sido atravessadas por desigualdades, interrupções e negações de direitos.

Naquela sala encontrei trabalhadores rurais, donas de casa, aposentados e pessoas que passaram muitos anos afastadas da escola. Cada um carregava uma história diferente. Havia estudantes com dificuldades na leitura, na escrita ou na matemática; alguns enfrentavam limitações visuais, outros precisavam adaptar seus materiais. Mas nenhuma dessas dificuldades era maior do que o desejo de aprender.

Foi justamente isso que mais me marcou.

Não foram as ausências.

Não foram as dificuldades.

Foram a força, a coragem e a esperança que encontrei em cada rosto.

Espero que, quando você reler esta carta no futuro, nunca permita que a rotina da profissão apague essas lembranças. Que você continue reconhecendo, em cada estudante, muito mais do que suas dificuldades. Que nunca deixe de enxergar as histórias, os sonhos e a potência humana que habitam cada sala de aula.

Entre tantas histórias, algumas permanecem vivas em minha memória.

Lembro-me de João, que compartilhou comigo a dor de ter interrompido os estudos depois de ser expulso da escola quando ainda era jovem. Sua narrativa me fez compreender que, muitas vezes, o abandono da escola não acontece por falta de vontade de aprender, mas pelas circunstâncias que atravessam a vida das pessoas.

Recordo também do senhor Valder. Sempre chegava sorrindo, distribuía balas aos colegas e comemorava cada pequena conquista como quem celebra a própria vida. Sua alegria transformava a sala de aula em um lugar mais leve e acolhedor.

E havia o senhor Almir. Contava que encontrava dificuldades para registrar seus conhecimentos no papel, mas realizava cálculos com impressionante facilidade no trabalho. Ao observá-lo, compreendi que os saberes construídos ao longo da vida nem sempre cabem nas formas tradicionais de avaliação escolar.

Cada uma dessas histórias me ensinou algo diferente.

João me ensinou sobre resistência.

Valder me ensinou sobre generosidade.

Almir me ensinou que existem muitos modos de conhecer o mundo.

Enquanto escutava cada narrativa, compreendia que a educação vai muito além da transmissão de conteúdos. Aprender significava reconstruir a autoestima, fortalecer a autonomia e acreditar novamente nas próprias possibilidades.

Foi nesse momento que compreendi o verdadeiro sentido da escuta. Ouvir aquelas histórias não significava apenas conhecer o passado daqueles estudantes. Significava reconhecer cada um deles como sujeito de saberes, experiências e direitos.

Também compreendi que a experiência, como nos ensina Jorge Larrosa, não é simplesmente aquilo que acontece conosco. É aquilo que nos atravessa e nos transforma. E aquelas histórias me transformaram.

Ao final daquela semana, percebi que a Educação de Jovens e Adultos havia me ensinado muito mais do que conceitos ou teorias. Ensinou-me a olhar com mais sensibilidade, a escutar com mais atenção e a compreender que educar exige, antes de tudo, respeito pela história de cada sujeito.

Querida eu do futuro, espero que, quando voltar a estas páginas, nunca permita que a rotina da profissão endureça o seu olhar.

Continue registrando.

Continue observando.

Continue escutando.

Porque foi exatamente assim que você começou a aprender a ser professora

Hoje, ao concluir esta carta, percebo que ela registra muito mais do que uma experiência acadêmica. Ela guarda encontros que me transformaram, histórias que me emocionaram e aprendizagens que desejo levar por toda a vida.

Talvez, quando você voltar a estas páginas, algumas lembranças já não estejam tão nítidas. É por isso que escrevo: para que nunca esqueça como a EJA lhe ensinou a olhar com mais humanidade para aqueles cujos direitos foram, durante tanto tempo, negados.

Esta escrevivência é, acima de tudo, uma homenagem à minha avó. Ela tentou se alfabetizar, mas não conseguiu permanecer na escola. As

dores nos joelhos, somadas às dificuldades da vida, tornaram esse caminho cada vez mais difícil. Ainda assim, foi ela quem me ensinou, muito antes da universidade, que a educação também é feita de sonhos que insistem em permanecer.

Esta carta é também uma homenagem às mulheres e aos homens da EJA que encontraram na educação a possibilidade de recomeçar. Pessoas que me ensinaram que nunca é tarde para aprender, sonhar e reconstruir caminhos.

Guardo comigo cada história, cada olhar e cada memória construída nessa caminhada. São elas que alimentam minha esperança e fortalecem meu desejo de me tornar uma educadora comprometida com uma educação mais humana, democrática e inclusiva.

Com carinho,

Escreve-lhe a Mislane do presente, na esperança de que a professora do futuro nunca deixe de aprender a olhar.

Bom Jesus da Lapa-Ba, 16 de junho de 2026.

Mislane Araújo Santana.

Referências

- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro; GOMES, Nilma Lino (org.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.
- ARROYO, Miguel González. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- FREIRE, Madalena. Educando o olhar da observação. In: FREIRE, Madalena (org.). *Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. p. 1-8.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

A ESCOLHA QUE EU NÃO SABIA QUE FARIA

Stefanny Nogueira da Silva

Querida Stéfanny do passado,

Sei que o momento que você está vivendo não é fácil. Aos dezessete anos, precisar decidir o rumo da própria vida parece um peso enorme para carregar. Às vezes, tudo o que desejamos é receber uma carta escrita pela nossa versão do futuro, apenas para acalmar o coração e nos lembrar de que no fim, tudo dará certo.

Mas a vida não nos entrega mapas prontos.

As escolhas são construídas com aquilo que sabemos naquele momento, com nossos sonhos, nossos medos e, para quem tem fé, também com a confiança de que Deus continua conduzindo nossos passos. Foi assim que chegamos até aqui.

Talvez esta carta nunca alcance a menina de dezessete anos que fui. Mas pode chegar às mãos de alguém que hoje também esteja tentando decidir qual caminho seguir. Talvez existam outros jovens olhando para o curso de Pedagogia com as mesmas dúvidas que um dia fizeram parte da minha história. Se isso acontecer, espero que estas palavras possam lhes fazer companhia.

Quero contar como foi a minha caminhada até aqui. Mais precisamente, quero falar sobre um encontro que transformou minha maneira de compreender a educação: a Educação de Jovens e Adultos, carinhosamente conhecida como EJA.

Hoje, no sétimo semestre do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, olho para trás e percebo o quanto mudei. Cresci nos conhecimentos pedagógicos, mas cresci, principalmente, como pessoa. Escolher um curso da área das Ciências Humanas, mesmo tendo grande afinidade com as Ciências Exatas, foi uma decisão que transformou minha forma de olhar o mundo.

A universidade pública me ofereceu muito mais do que uma formação profissional. Ela me apresentou pessoas, experiências e perguntas que continuam me acompanhando.

Agora, no sétimo semestre do curso de licenciatura em Pedagogia, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sinto que evolui bastante,

tanto em conhecimentos pedagógicos, quanto no desenvolvimento do meu pensamento crítico. A universidade pública tem um papel fundamental nesta construção, além do fato de que optei por um curso de ciências humanas, mesmo tendo uma grande afinidade com a área de ciências exatas. De fato, os aprendizados e as experiências aqui construídos, são os maiores presentes que recebi do ambiente acadêmico, eles moldaram quem eu sou hoje e, sinceramente, gosto de quem tenho me tornado.

Stéfanny, não se angustie tanto tentando encontrar a escolha perfeita. Em breve, você lerá um livro que mudará profundamente a maneira como compreende a vida e os caminhos que percorremos.

A Biblioteca da Meia-Noite lhe ensinará que a vida não se divide entre decisões certas e erradas. Existem apenas caminhos, cada um com suas alegrias, perdas, encontros e aprendizagens. Como escreve Matt Haig (2022, p. 193), “a maioria das vidas contém um certo grau de coisas boas e um certo grau de coisas ruins”.

Talvez isso pareça evidente para muitas pessoas. Mas, aos dezessete anos, eu acreditava que precisava encontrar um único propósito capaz de justificar toda a minha existência. Hoje sorrio ao lembrar daquela inquietação. Afinal, talvez eu realmente tenha encontrado meu propósito naquele dia. Eu amo a Pedagogia.

Na verdade, a decisão nunca foi tão difícil quanto parecia. Eu precisava escolher entre ouvir minha criança interior ou seguir os conselhos de quem dizia que ser professora, no Brasil, não valia a pena. Diziam que a profissão não era valorizada, e, infelizmente, havia verdade nisso. Ainda assim, nada fazia meus olhos brilharem tanto quanto imaginar uma sala de aula.

Talvez por isso *O Pequeno Príncipe* sempre tenha ocupado um lugar tão especial na minha vida. Saint-Exupéry nos lembra que “todas as pessoas grandes já foram crianças, mas poucas se lembram disso”. Eu me lembrava. E, de certo modo, continuo me lembrando.

Foi assim que cheguei ao curso de Pedagogia, acreditando que meu lugar seria a Educação Infantil. Naquela época, jamais imaginaria que, alguns semestres depois, escolheria justamente a EJA como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Hoje percebo a beleza dessa ironia.

Eu dizia que não queria trabalhar com adultos porque simplesmente não os conhecia. A universidade me apresentou uma realidade completamente diferente daquela que eu imaginava.

Realmente, escolher a EJA parece contraditório para uma pessoa que não queria trabalhar com adultos, mas por outro lado, percebi que ela poderia me ensinar algo muito valioso que anos de ensino regular e superior não me fizeram aprender. Assim como lemos em “A biblioteca da meia-noite”, nem sempre na vida teremos caminhos mais fáceis, às vezes, só caminhos. Ao adentrar pela primeira vez em uma sala de aula desta modalidade de ensino, para a realização de uma pesquisa do componente curricular “Núcleo de Iniciação à Docência III” do terceiro semestre, percebi que a EJA também era composta por caminhos.

Muito mais que em uma sala de aula de ensino regular da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental/Médio, a EJA apresentava sujeitos com caminhos longos, que carregavam consigo diversos saberes, experiências, traumas, desafios e motivações. Alguns já haviam vivido a experiência de sala de aula, mas por diversos motivos, tiveram de interromper seus estudos. Cada motivo representava um caminho, alguns sujeitos tiveram a oportunidade de escolher o percurso a seguir, outros tiveram que aceitar o caminho que a vida lhes proporcionou.

Meu primeiro encontro com a EJA aconteceu durante uma pesquisa desenvolvida no componente Núcleo de Iniciação à Docência III, ainda no terceiro semestre do curso. Ao entrar naquela sala, compreendi que também ali existiam muitos caminhos.

Cada estudante carregava uma história. Alguns haviam interrompido os estudos ainda na infância. Outros não tiveram a oportunidade de acessar a escola. Havia trajetórias marcadas pelo trabalho, pelas responsabilidades familiares, pelas desigualdades e pelas escolhas que, muitas vezes, sequer puderam ser feitas.

Foi naquele momento que compreendi que a EJA não reúne apenas educandos. Reúne vidas inteiras.

E talvez tenha sido justamente isso que começou a transformar também a minha própria caminhada.

A caminhada daqueles educandos não havia sido simples. Muitos precisaram interromper os estudos para trabalhar, cuidar da família ou enfrentar dificuldades que lhes roubaram o direito de permanecer na escola. Ainda assim, não desistiram dos próprios sonhos.

Foi na EJA que encontraram a possibilidade de recomeçar.

Naquela sala compreendi algo que nunca havia pensado antes: quem teve a educação presente durante toda a vida dificilmente consegue imaginar o que significa viver sem ela. Talvez por isso aqueles educandos valorizassem cada aula, cada atividade e cada oportunidade de aprender. Eles não frequentavam a escola apenas para concluir uma etapa de ensino. Frequentavam porque acreditavam que aprender ainda podia transformar suas vidas.

Stéfanny, hoje posso lhe contar uma coisa que você ainda não sabe.

Aquele primeiro encontro com a EJA mudou completamente a forma como você enxergava essa modalidade de ensino.

Você tinha medo de não ser acolhida. Imaginava que encontraria um ambiente distante da sua realidade. No entanto, aconteceu exatamente o contrário. Ao final daquela experiência, a vontade que existia era de permanecer ali por mais tempo. Pela primeira vez, senti que desejava voltar.

E voltei.

Alguns semestres depois, durante a disciplina EJA, surgiu uma nova oportunidade de vivenciar essa modalidade. Desta vez, eu e minha colega Tamiris realizamos a observação em uma escola do município de Riacho de Santana, no Território Velho Chico, na Bahia.

Cheguei à escola levando comigo as lembranças da primeira experiência, mas também uma nova curiosidade. Queria descobrir quais histórias encontraria ali.

A turma era composta por dezessete educandos, em sua maioria mulheres com mais de quarenta anos. Desde o primeiro dia fomos recebidas com um carinho que rapidamente transformou o ambiente em um espaço de confiança. Ao longo daquela semana, deixamos de ser apenas observadoras. Construímos vínculos que continuam vivos em nossa memória e que, tenho certeza, permanecerão comigo durante toda a minha caminhada como pedagoga.

Os dias de observação foram atravessados pelas leituras que havíamos realizado na universidade. Aos poucos, fui percebendo que os textos de Madalena Freire deixavam de ser apenas teoria e passavam a orientar meu modo de estar naquela escola. Aprendi que observar não é apenas olhar. É estar disponível para compreender o outro a partir da sua própria história.

Foi com esse espírito que organizamos uma roda de conversa com os educandos da EJA.

Mais do que responder perguntas, eles compartilharam percursos de vida. Falaram sobre os motivos que interromperam seus estudos, sobre o trabalho, a família, os desafios para retornar à escola e as razões que os faziam permanecer ali. Enquanto escutava cada relato, compreendi que a escuta também é uma forma de cuidado. Ela exige silêncio, presença e disposição para acolher aquilo que o outro deseja contar.

Para preservar a identidade dos participantes, utilizarei nomes fictícios. Mais importante do que seus nomes é aquilo que suas histórias continuam me ensinando.

Entre tantos relatos, lembro-me especialmente de um estudante que chamarei de Machado. Com orgulho, ele contou que trabalhava durante todo o dia e, mesmo cansado, fazia questão de frequentar a escola todas as noites. Raramente faltava às aulas.

Enquanto o escutava, recordei as reflexões de Miguel Arroyo em *Passageiros da noite*. Compreendi que, para muitos educandos da EJA, trabalho e escola caminham lado a lado. Permanecer estudando depois de um dia inteiro de trabalho não é apenas uma rotina. É uma forma de resistência.

Confesso que aquele relato me fez pensar na professora que desejo ser.

Se um dia eu encontrar educandos como Machado, espero nunca esquecer que eles chegam à sala de aula trazendo muito mais do que cadernos. Chegam trazendo o peso do trabalho, as responsabilidades da vida e, apesar de tudo, a esperança de continuar aprendendo.

Talvez seja esse um dos maiores ensinamentos que a EJA tenha me oferecido: respeito pelas histórias de vida dos educandos

Ao escutar os educandos, compreendi que a escola também participa da construção das nossas identidades. As experiências vividas naquele espaço, os vínculos estabelecidos e as oportunidades de convivência transformavam, pouco a pouco, a maneira como aquelas pessoas se percebiam no mundo. As reflexões de Stuart Hall, estudadas ao longo do semestre, passaram a fazer ainda mais sentido diante daquelas histórias.

Entre os relatos que mais me emocionaram, lembro-me de uma estudante que chamarei de Clarice. Com simplicidade, ela disse que não sabia se ainda conseguiria aprender muita coisa por causa da idade, mas que desejava aprender “ao menos um nominho assim”. Sua fala me fez perceber que, para muitas pessoas, a escola representa muito mais do que

um espaço de aprendizagem. Ela representa a possibilidade de conquistar aquilo que, durante tantos anos, lhes foi negado

Outra estudante, a quem chamarei de Conceição, falou com entusiasmo das festas realizadas pela escola. Recordou especialmente a apresentação da quadrilha junina e contou o quanto gostava de conversar com os colegas e com os professores. Enquanto a escutava, compreendi que permanecer na EJA também significa pertencer a uma comunidade, criar vínculos e reencontrar a alegria de aprender em companhia de outras pessoas.

Um relato, entretanto, permaneceu comigo de maneira muito especial.

Machado contou que, depois de ingressar na EJA, sentia que agora fazia parte da escola e da sociedade.

A frase foi breve, mas permaneceu ecoando em mim durante muito tempo.

Percebi que a escola não estava apenas ensinando conteúdos. Estava devolvendo a ele um sentimento de pertencimento e de reconhecimento como sujeito de direitos.

Logo depois ouvi Graciliano.

Ele contou que, antes de voltar a estudar, sentia vergonha de cumprimentar pessoas que considerava “mais instruídas”. Dizia que o fato de não ter estudado fazia com que se sentisse menor diante delas. Hoje, afirmava isso com um sorriso tranquilo: esse sentimento já não existia mais.

Confesso que esse foi um dos relatos que mais me atravessaram.

Quem sempre teve acesso à escola talvez nunca imagine o quanto a alfabetização interfere em gestos aparentemente simples: ler uma placa, conferir o valor de uma compra, identificar o destino de um ônibus, assinar o próprio nome ou escrever o nome dos filhos.

São pequenas ações do cotidiano que revelam o tamanho da exclusão vivida por quem não teve acesso à educação.

Em outro momento, Graciliano comentou que, no passado, “não tinha inclusão”. Aquela frase, tão curta, abriu inúmeras reflexões sobre o direito à educação das pessoas com deficiência e sobre a necessidade de construirmos escolas verdadeiramente inclusivas.

Naquele momento compreendi, de maneira muito concreta, aquilo que Paulo Freire sempre defendeu: educar é reconhecer a realidade dos

educandos, respeitar seus saberes e construir com eles novas possibilidades de compreender o mundo.

Ao final daquela semana, saí da escola diferente da jovem que havia entrado.

A EJA me ensinou que ensinar exige presença, escuta e afeto. Descobri que o conhecimento continua sendo essencial, mas que ele floresce com muito mais força quando encontra o diálogo, o acolhimento e o respeito pelas histórias de vida.

Talvez tenha sido esse o maior presente que a EJA me ofereceu.

Hoje sinto que a melhor forma de agradecer é permanecer pesquisando a EJA. Quero dedicar meus estudos a essa modalidade, contribuindo para que outras pessoas encontrem nela as mesmas possibilidades de transformação que eu encontrei.

Por isso, termino esta carta com gratidão.

À escola que nos acolheu.

Aos educandos que confiaram suas histórias.

Às professoras que abriram as portas da sala de aula.

À professora Isaura, que nos apresentou a EJA não apenas como objeto de estudo, mas como experiência de humanidade.

E à minha companheira de caminhada, Tamiris, que dividiu comigo cada descoberta, cada dúvida e cada aprendizado.

Querida Stéfanny,

se algum dia você voltar a sentir medo diante das escolhas da vida, lembre-se do que aprendeu com a EJA.

Hoje entendo que nenhuma das vidas imaginadas quando li aquele livro teria me conduzido exatamente até aqui. E, sinceramente, não trocaria este caminho por nenhum outro.

Gratidão,

Stefanny Nogueira da Silva
Riacho de Santana(BA), junho de 2026

Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Passageiros da noite**: do trabalho para a

EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro e reflexão:** instrumentos metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

HAIG, Matt. **A biblioteca da meia-noite.** Tradução: Adriana Fidalgo. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe.** Tradução: Rafael Arrais. São Paulo: Faro Editorial, 2020.



QUINTA MARGEM

Escrevivências do Velho Chico

“A vida invade a escrita.”

Núbia Ferreira Gonçalves

Há experiências que não terminam quando o encontro se encerra. Permanecem na memória, transformam o olhar e, pouco a pouco, encontram na escrita um lugar para continuar existindo.

As cartas desta última margem revelam que escrever também é um modo de permanecer. Ao narrar os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, as autoras narram igualmente os vestígios que esses encontros deixaram em suas próprias trajetórias. Aqui, a escrita deixa de ser apenas registro acadêmico para tornar-se memória, identidade e compromisso com a educação.

Inspiradas pelas experiências vividas no Território Velho Chico, estas escrevivências demonstram que a formação docente não se encerra na universidade. Ela continua nos afetos, nas lembranças, nos silêncios, nas histórias compartilhadas e nas marcas que cada encontro imprime em quem se permite aprender com o outro.

Como as águas do rio, que seguem seu curso sem jamais perder a memória das margens por onde passaram, estas cartas continuam navegando muito depois da última página.

Há travessias que terminam no rio.
Outras continuam na escrita.

QUEM NAVEGA POR ESTAS ÁGUAS

Emerson • Gleiciene • Isabella • Núbia

O LEGADO QUE ME TROUXE ATÉ A EJA

Emerson Rocha Neves

Meu amado pai,

Escrevo-lhe esta carta movido pelo desejo de compartilhar contigo as inquietações e experiências construídas ao longo da disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), ministrada pela professora, agora doutora, Isaura Francisco de Oliveira. Dedico especial atenção ao período de cinco dias de vivência em uma turma dessa modalidade, realizado na Escola Municipalizada Arnaldo Cardoso (EMAC), no município de Riacho de Santana (BA).

Tenho certeza de que a professora Isaura lhe é bastante conhecida. Cresci ouvindo seus relatos e, em muitos deles, sua presença era constante.

Sei que o senhor não ficará enciumado por eu também tê-la como uma referência. Afinal, a paixão de vocês sempre foi a docência em sua forma mais genuína, e isso me fez não abandonar, mas apenas adiar o sonho da Medicina Veterinária para encontrar a Pedagogia.

Outra característica comum que vejo em vocês dois é o perfeccionismo: essa inquietação permanente de querer organizar as ideias, encontrar a melhor forma de dizer as coisas e buscar sentido em cada detalhe. Confesso que esse “vírus”, embora não seja comprovadamente contagioso, também me alcançou. Neste exato momento em que escrevo esta carta, releio inúmeras vezes cada linha, procurando pequenas falhas, reorganizando expressões e, como costuma dizer a professora Isaura, inspirada em uma de suas orientadoras, “saboreando as palavras”.

Lembro-me como se fosse hoje das noites iluminadas pelos lampiões e candeiros, quando eu o acompanhava nas aulas voluntárias do programa Todos pela Alfabetização (TOPA). Mesmo sem escolas ou salas de aula convencionais, como esquecer as visitas às casas dos senhores e das senhoras de nossa comunidade? Como não recordar a recepção, o aconchego e a hospitalidade com que sempre éramos recebidos?

Posso afirmar, sem exagero, que nenhuma merenda escolar substitui o sabor das goiabas com requeijão, dos pedaços de rapadura, do mel com farinha ou da farofa de torresmo que compartilhávamos naqueles encontros. Mas talvez o alimento mais valioso fossem as histórias.

Walter Benjamin (2012) nos ensina que narrar é preservar as experiências humanas. Hoje compreendo isso. Naquela época, eu apenas sentia uma enorme vontade de voltar na noite seguinte para ouvir novamente os mais velhos. Afinal, como não ser curioso quando se é criança?

Por isso, não posso dizer que a disciplina ministrada pela professora Isaura tenha sido meu primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos. Graças ao senhor, meu pai, conheci essa modalidade muito antes de ingressar na universidade. Desde os meus quatro anos de idade, aprendi a admirar não apenas a EJA, mas, principalmente, as pessoas que ela acolhe.

Hoje, com um olhar mais amadurecido, compreendo que a “boniteza” da educação, defendida por Paulo Freire (1996), não estava apenas nos petiscos compartilhados ou nas conversas que preenchiam aqueles encontros. Ela estava, sobretudo, no gesto de garantir o direito à educação às pessoas que “não tiveram acesso ou não concluíram a educação básica na idade apropriada” (Oliveira; Rolim; Souza, 2024, p. 163).

Por isso, pai, preciso lhe dizer uma coisa.

O senhor é totalmente culpado por eu ter me apaixonado pela Educação de Jovens e Adultos.

Foi o senhor quem me ensinou a olhar para essa modalidade com entusiasmo muito antes de eu aprender seus fundamentos teóricos na universidade.

Confesso que, quando consultei a grade curricular deste semestre e encontrei a disciplina Educação de Jovens e Adultos, senti a mesma alegria de uma criança quando a mãe chega em casa trazendo um caderno de capa dura ou um doce.

Ali percebi que teria a oportunidade de reencontrar ideias que haviam marcado minha infância. Era como se aquele passado voltasse a caminhar comigo. Um presente, não apenas no sentido do tempo, mas também como um verdadeiro presente que a vida me oferecia.

Toda a empolgação que vivi ao acompanhá-lo nas experiências comunitárias renasceu no dia 13 de março de 2026, durante a primeira aula da disciplina, na Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, em Bom Jesus da Lapa.

Naquele momento compreendi que iniciava uma nova caminhada. Sabia que encontraria desafios, leituras e muitas inquietações, mas também intuía que reencontraria histórias capazes de ampliar aquilo que eu já trazia das nossas vivências.

Como sei que a paciência do senhor sempre foi uma de suas maiores virtudes, acredito que não se incomodará com a extensão desta carta. Preciso lhe contar, com calma, tudo o que vivi durante os cinco dias de observação na Escola Municipalizada Arnaldo Cardoso.

E, sinceramente, Larrosa (2015, p. 18) tinha razão quando escreveu que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Aqueles cinco dias não representaram apenas o cumprimento de uma atividade acadêmica. Foram experiências que me atravessaram profundamente e reacenderam em mim a chama da curiosidade e do entusiasmo que nasceu nas nossas antigas vivências comunitárias.

A escola que visitei, e que já mencionei anteriormente, certamente é do seu conhecimento. Afinal, existe algum lugar de Riacho de Santana que ainda não esteja catalogado nesse mapa que o senhor sempre carregou na cabeça?

Lembro-me das vezes em que vínhamos do campo para a cidade de moto. Como o senhor dizia, “cortávamos a miúdo” as ruas. Eu seguia completamente perdido, sem saber onde estávamos, enquanto o senhor, como quem realizava um truque de mágica, nos conduzia ao destino com absoluta segurança.

Faço essa lembrança apenas para lhe dizer que, geograficamente, pouca coisa mudou. A Escola Municipalizada Arnaldo Cardoso continua ocupando a esquina da Avenida Duque de Caxias.

Durante os dias em que estive na instituição, percebi que sua estrutura física passou por importantes transformações. A área externa foi revitalizada, novos espaços de convivência e paisagismo foram implantados e o ambiente esportivo foi reorganizado, proporcionando melhores condições aos estudantes.

No interior da escola, as mudanças também eram evidentes. As salas agora contam com aparelhos de ar-condicionado, substituindo os antigos ventiladores que o senhor e eu conhecemos tão bem. Apenas a organização da sala permanecia familiar: carteiras dispostas em fileiras e a professora à frente da turma, tendo o quadro branco como principal recurso didático. Como lembra Silva (2008, p. 17), essa organização ainda revela a forte influência dos modelos escolares europeus sobre a educação brasileira.

O convívio diário com os estudantes da EJA despertou em mim uma profunda sensação de nostalgia. Durante a semana de observação, convivi com uma turma formada por homens e mulheres idosos, reafirmando

aquilo que Paulo Freire (1996, p. 29) tão bem expressa: “onde há vida, há inacabamento”. Nunca é tarde para aprender.

Outra semelhança me chamou a atenção. Assim como acontecia nas aulas que o senhor ministrava no TOPA, a relação entre educadoras e estudantes era construída sobre o respeito e o diálogo. Não havia distanciamento nem rigidez. As conversas aconteciam de maneira espontânea, histórias eram compartilhadas, risadas surgiam naturalmente e a escuta fazia parte da rotina da sala. Percebia-se, no olhar e na fala dos estudantes, o carinho, a confiança e a admiração que nutriam pelas professoras.

Também observei aspectos da rotina escolar que revelavam o cuidado da instituição com as especificidades da EJA. Os estudantes começavam a chegar por volta das sete horas da noite. Muitos utilizavam o transporte oferecido pelo município, enquanto outros chegavam por meios próprios. Antes do início das aulas, era servida a janta. Chamou-me a atenção o acolhimento das merendeiras, sempre pacientes e bem-humoradas, tratando estudantes, professores e estagiários com o mesmo cuidado.

As aulas, previstas para as 19h20, geralmente começavam alguns minutos depois, respeitando o tempo daqueles que enfrentavam longos deslocamentos ou encerravam o trabalho pouco antes de sair para a escola. Por volta das 20h50, todos se reuniam novamente para um café, momento em que as histórias circulavam com ainda mais intensidade. Pouco antes das dez da noite, encerravam-se as atividades.

Como o senhor sempre me ensinou a compreender a realidade antes de julgá-la, procurei confrontar aquilo que observava com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ao ler o § 1º do art. 37 da LDB, compreendi que a organização da escola dialogava diretamente com aquilo que a legislação propõe: considerar as condições de vida, de trabalho e os interesses dos estudantes da EJA.

Posso lhe dizer, pai, que encontrei na EMAC uma escola comprometida com esse princípio. Os horários respeitavam a realidade dos estudantes; a alimentação garantia melhores condições para a aprendizagem; os conteúdos dialogavam com as experiências de vida e de trabalho; e as práticas pedagógicas valorizavam os saberes que cada educando trazia consigo.

Percebi, então, que essas adaptações não eram simples escolhas organizacionais. Eram formas concretas de enfrentar dificuldades que acompanham historicamente os estudantes da EJA: o trabalho, a

sobrecarga de responsabilidades, a distância, a desigualdade e, muitas vezes, o preconceito. Problemas que, imagino, também faziam parte da realidade que o senhor conheceu.

Todos esses atravessamentos se manifestavam de diferentes formas na vida dos estudantes da EJA e, muitas vezes, dificultavam seu acesso e sua permanência na escola. Percebi, então, que a EJA é muito mais do que um direito garantido em lei. Ela representa resistência, organização e esperança. Nesse sentido, fez muito sentido para mim a ideia de quilombo apresentada por Ratts (2007): um espaço construído por homens e mulheres que resistem, se fortalecem e continuam acreditando na educação como possibilidade de transformação.

Os homens e as mulheres que encontrei naquela sala não eram muito diferentes daqueles que conhecemos nas aulas do TOPA. Pelo contrário, reafirmavam tudo aquilo que eu já admirava nessa modalidade. Nunca consegui enxergar a EJA pelo olhar do preconceito. O que via, a cada encontro, era a riqueza dos saberes que cada estudante carregava consigo. Eram pessoas que enfrentavam jornadas de trabalho exaustivas, dores físicas, longos deslocamentos e inúmeras responsabilidades para, ainda assim, encontrarem forças para estar na escola.

Foi justamente essa realidade que mais me ensinou. Aos poucos, compreendi que, antes de serem estudantes, aquelas pessoas eram trabalhadores, pais, mães, avós, agricultores, donas de casa e cidadãos que carregavam uma vida inteira de experiências para dentro da sala de aula.

Houve ainda um momento que guardarei com muito carinho. Durante uma das conversas, três educandas disseram conhecer o senhor. Não me recordo exatamente dos nomes, mas lembravam de parentes que costumavam negociar com o senhor. O que mais me emocionou, porém, foi ouvi-las dizer que eu me parecia com o senhor: na voz, no jeito de falar e até nos gestos. Confesso que recebi esse comentário como um dos maiores elogios que poderia receber, embora saiba que ainda estou muito distante da pessoa e do educador que o senhor foi.

Entre todas as experiências vividas, uma delas permanece especialmente viva em minha memória. Na quinta-feira, penúltimo dia de observação, realizamos uma roda de conversa com a turma. Foi naquele momento que muitas das inquietações que eu carregava desde a infância encontraram resposta. A chama da curiosidade e do entusiasmo, acesa nas noites em que o acompanhava pelas comunidades, reacendeu mais uma vez.

Os estudantes relataram que interromperam seus estudos por razões muito semelhantes: precisaram escolher entre o trabalho e a escola, cuidar dos irmãos, ajudar os pais na roça, enfrentar a ausência de escolas nas comunidades rurais ou assumir, ainda muito cedo, responsabilidades que a vida lhes impôs. Muitos trabalharam durante anos na agricultura, na construção civil, nos serviços domésticos ou em outras atividades que consumiam quase todo o seu tempo.

Quando perguntados sobre o que os motivou a retornar à escola, praticamente todos responderam da mesma forma: queriam aprender a ler e escrever para viver com mais autonomia e ajudar outras pessoas.

Foi então que o silêncio começou a ocupar a roda.

Alguns estudantes começaram a compartilhar lembranças dolorosas. Uma senhora contou que já havia sido chamada de “burra” por um membro da própria família. Outra ouviu que jamais aprenderia a ler porque já estava velha demais. Outros recordaram que, quando crianças, fugiam da escola, pulavam muros e evitavam as aulas porque aquele ambiente lhes despertava medo, vergonha e sofrimento.

Enquanto os escutava, compreendi que muitas dessas marcas permaneciam vivas. A alfabetização que buscavam naquele momento não dizia respeito apenas às letras. Era também uma forma de reconstruir a própria dignidade.

Por fim, agradeço imensamente à professora Isaura por ter sido uma das responsáveis por reacender em mim a paixão pela Educação de Jovens e Adultos e por me apresentar, com tanta sensibilidade, a complexidade e a beleza dessa modalidade de ensino.

Agradeço também aos colegas com quem tive o privilégio de compartilhar essa caminhada, pelos diálogos enriquecedores e pelas escutas sensíveis. Aos estudantes da Escola Municipalizada Arnaldo Cardoso, agradeço pelas histórias, pelas experiências e pelos ensinamentos que fortaleceram ainda mais meu compromisso de contribuir para a construção de uma educação mais justa e menos excludente.

Minha gratidão estende-se, igualmente, às educadoras e à equipe gestora da escola, que nos acolheram com generosidade e estiveram sempre disponíveis para compartilhar seus conhecimentos e esclarecer nossas inquietações.

E quanto ao senhor, meu pai...

Talvez muitos considerassem exagero afirmar que o senhor continua sendo uma presença viva em minha formação. Eu não.

Aprendi que a palavra “presença” ultrapassa a existência física. Ela permanece nos gestos, nos valores, nos ensinamentos e nas lembranças que continuam orientando meus caminhos.

Enquanto escrevia esta carta, senti-me novamente caminhando ao seu lado.

Sei que, onde quer que o senhor esteja, estas palavras encontrarão alguma forma de lhe alcançar.

Quero apenas que saiba que sua ausência continua sendo uma saudade cotidiana. Mas quero que saiba também que a força que herdei do senhor permanece comigo todos os dias.

Espero continuar honrando o seu legado.

E pode acreditar, pai...

Seu filho ainda lhe dará muito orgulho.

Com muito amor e imensa saudade,

Emerson Rocha Neves

Riacho de Santana (BA), junho de 2026

Referências

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA – itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 1).

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 19 jun. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

OLIVEIRA, I. F.; ROLIM, I. A.; SOUZA, S. G. Formação de Professores e Práticas Educativas: Experiência do Quilombo Pambu-Araçá. **Revista ENSIN@ UFMS**, Três Lagoas, v.5, número especial, p. 160-177. 2024.

RATTS, Alecsandro (Alex) J. P. **Eu sou Atlântica**: Sobre a Trajetória de Vida de Beatriz Nascimento. 1. Ed. São Paulo: Imprensa Oficial / instituto Kuanza, 2007. V. 1. 136p.

SILVA, Edileuza Fernandes da. A aula no contexto histórico. *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org). **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papirus, 2008, p. 15 – 42.

ENTRE VIVÊNCIAS E APRENDIZAGENS: QUANDO A TEORIA ENCONTROU AS HISTÓRIAS DA EJA

Gleiciene Moreira de Souza,

Querida eu dos processos,

Escrevo esta carta para reencontrar a estudante que iniciou a disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA) carregando ideias construídas ao longo da vida e para dialogar com a mulher que hoje emerge das leituras, das discussões e das vivências que marcaram este percurso formativo. Entre esses dois momentos existe um caminho atravessado por deslocamentos, inquietações e aprendizagens que transformaram não apenas minha compreensão sobre a EJA, mas também a forma como passei a olhar para os sujeitos que a constituem e para mim mesma enquanto futura pedagoga.

Ao revisitar essa trajetória, percebo que muitas das imagens que eu possuía sobre essa modalidade foram sendo tensionadas pela realidade que encontrei. Aos poucos, compreendi que algumas concepções que me pareciam naturais estavam atravessadas por discursos que romantizam a EJA e silenciam as desigualdades que marcaram as trajetórias de vida de seus estudantes. Mais do que isso, passei a reconhecer práticas e olhares que, muitas vezes de forma sutil, acabam infantilizando sujeitos que carregam saberes, memórias e experiências construídas ao longo de décadas de existência.

Ao longo dessa vivência, compreendi o sentido das palavras de Conceição Evaristo, quando afirma que o importante não é ser o primeiro ou a primeira, mas abrir caminhos. Hoje percebo que a EJA é justamente esse espaço de abertura de caminhos para pessoas que tiveram seus percursos escolares interrompidos.

Foi somente depois dessa vivência que compreendi que escrever esta carta também significava revisitar a mim mesma. Ao recordar o que vi, ouvi, senti e aprendi durante a disciplina, percebo que também revisito as transformações que essas experiências produziram em minha forma de compreender a Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, reconheço nesta escrita um exercício de escrevivência. Como nos ensina Conceição Evaristo (2020), a escrita não se separa da

vida; ela carrega as marcas das experiências vividas e das reflexões que delas emergem. Ao rememorar minha passagem pela disciplina e as observações realizadas na turma da EJA, procuro entrelaçar memórias, percepções e aprendizagens aos diálogos teóricos que me ajudaram a compreender a complexidade dessa realidade.

Ao entrar naquela sala da EJA, comecei a perceber que as histórias ali presentes carregavam marcas que iam muito além da interrupção da escolarização. Cada rosto, cada fala e cada trajetória revelavam percursos atravessados por dificuldades, responsabilidades e oportunidades que lhes foram negadas ao longo da vida. Aos poucos, compreendi que o retorno tardio à escola não era consequência de escolhas individuais, mas resultado de desigualdades históricas que limitaram o acesso à educação e produziram diferentes formas de exclusão.

Enquanto observava a turma, fui percebendo que questões relacionadas à classe social, ao gênero, à raça e à geração atravessavam aquelas histórias, mesmo quando não eram explicitamente nomeadas pelos estudantes. Antes mesmo de encontrar essas reflexões nos textos acadêmicos, eu já as havia percebido nas narrativas compartilhadas durante a vivência. Foi somente depois que compreendi o quanto dialogavam com o que Coelho, Oliveira e Soares (2025) afirmam ao defender que a Educação de Jovens e Adultos possui cor, raça, gênero, geração e classe social.

A escola onde realizei a vivência, localizada no município de Bom Jesus da Lapa (BA), atende estudantes oriundos, em sua maioria, de bairros periféricos e organiza suas turmas em formato multisseriado. No entanto, o que mais me chamou a atenção não foi a organização da modalidade, mas a riqueza dos saberes que circulavam naquele espaço. Cada estudante carregava conhecimentos construídos no trabalho, na família, na comunidade e nas inúmeras experiências vividas para além da escola. Ao escutá-los, fui compreendendo que a aprendizagem não começa quando alguém entra na sala de aula. Ela já acontece na vida, nas relações e nos territórios que os sujeitos ocupam. Foi nesse encontro que as palavras de Carlos Rodrigues Brandão (2002) passaram a fazer ainda mais sentido para mim, ao reconhecer que existem diferentes educações e múltiplas formas de aprender e ensinar.

Na turma que acompanhei, a maioria dos estudantes era composta por mulheres. Mulheres que tiveram suas trajetórias escolares interrompidas ainda na infância ou na juventude porque precisaram trabalhar para contribuir com o sustento de suas famílias. Uma delas contou que não

pôde estudar porque precisava ajudar o pai na roça e, com uma serenidade que me comoveu, afirmou que a única “caneta” que teve oportunidade de usar naquele período foi uma enxada.

Essa fala permaneceu comigo durante muito tempo. Ela me fez compreender que, em contextos marcados pela pobreza e pela desigualdade social, a evasão escolar não pode ser interpretada como uma escolha individual. Muitas vezes, ela representa a consequência de condições de vida que obrigam crianças e adolescentes a substituir os estudos pelo trabalho, comprometendo o exercício de um direito que deveria ser garantido a todos.

Outro aspecto que me chamou a atenção foi a presença significativa de estudantes negras, pertencentes à classe trabalhadora. Durante as conversas, algumas compartilharam experiências marcadas por profundas privações materiais. Uma delas contou que, durante a infância, nunca teve a oportunidade de possuir uma sandália. Ao escutar esse relato, compreendi que aquelas histórias revelavam muito mais do que dificuldades econômicas; evidenciavam desigualdades históricas que limitaram o acesso à educação, à infância e a direitos básicos.

Foi convivendo com essas narrativas que passei a compreender, de forma concreta, como classe social, raça, gênero e geração atravessam as trajetórias dos sujeitos da EJA. Antes de encontrar essas discussões na literatura acadêmica, elas já estavam presentes nas histórias que eu escutava naquela sala de aula.

As mulheres da turma também compartilhavam os desafios de conciliar diferentes responsabilidades cotidianas. Eram mães, avós, trabalhadoras e responsáveis pelos afazeres domésticos. Em uma das conversas, uma estudante comentou, com naturalidade:

— Quando chegar em casa, ainda vou costurar.

Aquela frase permaneceu em minha memória. Enquanto para mim a noite representava o encerramento das atividades do dia, para ela significava apenas o início de uma nova jornada de trabalho. Compreendi, então, que estudar exigia dessas mulheres um esforço muito maior do que simplesmente frequentar a escola. O tempo dedicado aos estudos disputava espaço com inúmeras responsabilidades que continuavam esperando por elas ao final de cada aula.

Essa realidade levou-me a refletir que as dificuldades de aprendizagem não podem ser compreendidas de forma isolada, desconsiderando as condições concretas de vida desses sujeitos. Muitas vezes, o pouco tempo

disponível para estudar fora da escola não decorre de falta de interesse, mas do acúmulo de responsabilidades que acompanha suas trajetórias. Ao relembrar as observações realizadas na turma da EJA, percebo o quanto aquele encontro me ensinou a olhar para além daquilo que, muitas vezes, os livros apresentam como conceitos, definições e, por vezes, como certezas. Confesso que, antes dessa experiência, eu costumava compreender as trajetórias escolares de forma mais individualizada. Hoje, ao revisitar aquelas vivências, entendo que as histórias das/os estudantes não podem ser separadas das condições sociais que as produziram e que, muitas vezes, as conduziram a processos de exclusão e marginalização social.

Enquanto observava as aulas, escutava as narrativas e conhecia um pouco das trajetórias daqueles sujeitos, fui percebendo que as interrupções nos estudos, as dificuldades de permanência na escola e até mesmo as formas de participação nas atividades revelavam marcas de experiências muito mais amplas. Aos poucos, compreendi que gênero, raça, classe social, geração e território não eram apenas categorias presentes nos textos que estudávamos. Elas estavam diante de mim, inscritas nas histórias de vida, nos silêncios, nas ausências e, sobretudo, nos sonhos daqueles estudantes.

Foi nesse processo de aprendizagem que encontrei em Silva, Tieppo e Sousa (2023) reflexões que me ajudaram a compreender melhor aquilo que eu estava vivendo. Ao discutirem a perspectiva da interseccionalidade didático-pedagógica, os autores me fizeram perceber que a escola precisa olhar para os sujeitos em sua inteireza, considerando as condições sociais, culturais e políticas que atravessam suas vidas. Ao ler esse texto, senti como se algumas das inquietações que surgiram durante a observação encontrassem palavras para existir.

Ao escrever esta carta para mim mesma, reconheço que uma das aprendizagens mais significativas desse percurso foi compreender que as diferenças não devem ser ignoradas nem tratadas como obstáculos ao processo educativo. Pelo contrário, elas constituem o ponto de partida para a construção de práticas pedagógicas mais humanas, sensíveis e comprometidas com a transformação social. Aprendi que acolher as experiências das/os estudantes também significa reconhecer seus saberes, suas lutas, suas memórias e suas diferentes formas de existir e de pertencer ao mundo.

Talvez seja por isso que, ao concluir esta vivência, as palavras de Paulo Freire (1967) tenham adquirido um novo significado para mim. Compreendi que a educação como prática da liberdade não se realiza

apenas nos discursos, mas nas relações que construímos cotidianamente com os sujeitos. Ela acontece quando a escola escuta, dialoga, reconhece e valoriza aqueles que historicamente tiveram seus direitos negados. Foi isso que comecei a aprender ao me aproximar da realidade da Educação de Jovens e Adultos: olhar para além das aparências, compreender as singularidades que constituem cada trajetória e reconhecer que educar é, antes de tudo, um compromisso com a dignidade humana. Ao longo das conversas realizadas durante a vivência, fui percebendo a força e a resistência presentes nas trajetórias daqueles estudantes. Cada história compartilhada revelava muito mais do que dificuldades vividas ao longo da escolarização. Revelava pessoas que, apesar das inúmeras barreiras enfrentadas, continuavam acreditando na educação como possibilidade de reconstruir seus projetos de vida. Para muitos deles, a escola representava um espaço de acolhimento, pertencimento e esperança, um lugar onde se sentiam respeitados e reconhecidos.

Também me chamou atenção o carinho e o respeito com que os estudantes se referiam aos seus professores. Em diferentes momentos, manifestavam gratidão pela forma como eram acolhidos e acompanhados em seu processo de aprendizagem. Percebi que aqueles docentes eram reconhecidos não apenas pelo conhecimento que compartilhavam, mas pela maneira como escutavam, incentivavam e valorizavam cada estudante. Mais do que ensinar conteúdos, construíam relações de confiança que fortaleciam o desejo de permanecer na escola.

Foi observando essas relações que compreendi, de maneira ainda mais profunda, a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a escuta, o diálogo e a valorização dos saberes construídos ao longo da vida. Como afirmam Soares e Chagas (2023, p. 78), “os discentes devem se sentir motivados a narrar suas histórias, socializando os saberes inscritos em seus corpos e reproduzidos nas diversas práticas sociais no cotidiano onde residem”. Essa perspectiva reforçou em mim a compreensão de que ensinar, especialmente na EJA, significa criar condições para que os estudantes reconheçam suas experiências como parte legítima do processo educativo.

Essas vivências também me ajudaram a compreender as reflexões de Nilma Lino Gomes (2012) sobre a necessidade de descolonizar os currículos e as práticas pedagógicas. Ao reconhecer e valorizar os saberes produzidos pelos sujeitos em seus territórios, suas culturas e suas experiências de vida, a escola rompe com a lógica de que apenas determinados conhecimentos

são legítimos. Na Educação de Jovens e Adultos, essa postura fortalece a construção de práticas mais democráticas, nas quais os diferentes modos de saber, viver e aprender passam a ocupar um lugar de reconhecimento e respeito.

Depois de tudo o que vivi durante essa experiência, compreendi que os processos de ensino e aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos só fazem sentido quando dialogam com a realidade dos sujeitos. Os conhecimentos trabalhados na escola precisam conversar com as histórias de vida, com o território, com o trabalho, com a cultura e com os desafios cotidianos enfrentados pelos estudantes. Foi observando aquela turma que entendi que ensinar não significa apenas compartilhar conteúdos, mas criar possibilidades para que cada pessoa reconheça sua própria história como parte legítima do conhecimento.

Também compreendi que olhar para os estudantes em sua singularidade não significa ignorar as experiências coletivas que os constituem. Cada trajetória é única, mas todas são atravessadas por relações sociais, culturais e históricas que influenciam suas formas de aprender, interpretar o mundo e construir seus projetos de vida. Essa compreensão fortaleceu em mim o desejo de construir, no futuro, práticas pedagógicas mais inclusivas, humanizadas e comprometidas com a valorização da diversidade.

Ao caminhar para o encerramento desta carta, percebo que ela não representa um ponto final, mas o início de novas inquietações e aprendizagens. As vivências realizadas na disciplina me ensinaram que ninguém aprende sozinho e que a formação acontece, sobretudo, no encontro com o outro. Hoje reconheço, com muito mais clareza, que os saberes produzidos nas relações cotidianas possuem um valor tão importante quanto aqueles construídos nos espaços formais de ensino. Foi convivendo, escutando e refletindo sobre essas experiências que compreendi que educar também significa aprender continuamente com as pessoas e com suas histórias.

Ao chegar ao final desta carta, percebo que não sou a mesma estudante que iniciou essa caminhada. As experiências vividas, as leituras realizadas e, principalmente, os encontros com os sujeitos da EJA deixaram marcas que agora passam a fazer parte da minha própria trajetória formativa. Escrever sobre eles foi também escrever sobre mim, sobre minhas inquietações, meus aprendizados e os deslocamentos que essa vivência produziu em meu

modo de compreender a educação, os processos de ensino-aprendizagens e as diferentes formas de aprender e ensinar.

Guardo comigo os rostos, as falas, os silêncios e as histórias que encontrei naquele espaço. Histórias que me ensinaram que a escola pode ser lugar de recomeços, mas também de resistência, de esperança e de produção de saberes. Ao ouvir aquelas narrativas, aprendi que ninguém chega à sala de aula de mãos vazias; cada sujeito carrega consigo conhecimentos construídos na vida, no trabalho, na família e nas lutas cotidianas.

Por isso, encerro esta escrita levando comigo mais perguntas do que respostas. Talvez essa seja uma das maiores aprendizagens desta experiência: compreender que educar exige escuta, sensibilidade e disposição para aprender com o outro. Sigo acreditando na educação como possibilidade de transformação, mas agora a vejo menos como uma ideia abstrata e mais como algo que se constrói nos encontros, nos diálogos e nas histórias que compartilhamos.

Escrevo estas últimas linhas com a certeza de que esta vivência não termina aqui. Ela permanece em mim, como memória, aprendizado e compromisso. E, ao permanecer, continua me ensinando e abrindo caminhos para o enraizamento de memórias de afetos e desafetos que atravessam e marcam minha existência na sociedade e em meu processo acadêmico formativo.

Com afeto e esperança,

Gleiciene Moreira de Souza,

Bom Jesus da Lapa, 21 de junho de 2026.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

COELHO, I. D.; OLIVEIRA, I. F. de; SOARES, C. C. M. A cor da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: interfaces entre a EJA e a escolarização de pessoas negras. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 10, n. esp1, p. e025013, 2025. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/plurais/article/view/26873>. Acesso em: 20 maio 2026.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. *In*: DUARTE,

Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (orgs.). **Escrevivência:** a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2026.

SILVA, Tiago Dionisio da; TIEPPO, Stefania Luiza Marques; SOUSA, Victor Pereira de. Mapeamento das pesquisas sobre o ensino de geografia e a questão racial (2006 - 2016). **Revista Continentes**, [S.l.], v. 1, n. 21, p. 124-154, mar. 2023. Disponível em: <<https://revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/352>>. Acesso em: 28 may 2026.

SOARES, Cecília Conceição Moreira; CHAGAS, Ruthnelle de Oliveira. A educação de jovens e adultos (EJA): Lei 10.639/03 no currículo do tempo juvenil. **Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos**, v. 6, n. 12, p. 75-84, 2023. Disponível em: <<https://revistas.uneb.br/rieja/article/view/18797>>. Acesso em: 28 maio. 2026.

À SOMBRA DA MANGUEIRA, ESCREVO AO SENHOR

Isabella Xavier Silva

Caro Professor Paulo Freire,

Escrevo-lhe das margens do Velho Chico.

Escrevo-lhe do interior do sertão baiano, onde o rio ensina antes mesmo da escola. Aqui, o rio, a terra, as árvores e as pessoas também educam. Talvez seja por isso que, ao ler suas obras, muitas vezes tenho a sensação de que o senhor conhece este lugar sem nunca ter caminhado por ele.

Sou estudante de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, em Bom Jesus da Lapa. Chamo-me Isabella Xavier Silva, embora muitos me conheçam simplesmente como Bell. Ao longo da disciplina Educação de Jovens e Adultos, encontrei em suas palavras muito mais do que conceitos pedagógicos. Encontrei caminhos para compreender as histórias que vivi, as pessoas que encontrei e a professora que começo, lentamente, a me tornar.

Tenho caminhado debruçada sobre suas obras. Em *Pedagogia da Autonomia*, encontrei os saberes necessários à prática educativa. Em suas palavras, encontrei também vivências, memórias, relatos e experiências que me ensinaram a olhar para a educação a partir dos sujeitos e de suas histórias.

Ao conhecer sua trajetória, compreendi que sua caminhada junto às pessoas jovens e adultas não alfabetizadas nunca foi apenas um trabalho de ensinar a ler e escrever. Foi um gesto profundamente humano. Um caminho de autonomia, de identidade, de compromisso social com mulheres e homens que, por diferentes razões, não tiveram acesso à educação em seu tempo de infância.

Ao mergulhar em suas leituras, fui percebendo que educar também é aprender a escutar. É reconhecer que cada pessoa chega à escola trazendo consigo saberes, perguntas, curiosidades e formas próprias de compreender o mundo. Talvez seja por isso que suas palavras continuam atravessando tantas gerações. Elas não falam apenas sobre educação; falam sobre gente.

Professor, talvez seja por isso que uma de suas obras mais me emocione tanto: **À sombra desta mangueira**.

Sempre que leio suas lembranças da infância, imagino o menino que corria descalço, tomava banho de rio e descobria o mundo à sombra de uma árvore. Essas páginas me fazem recordar o lugar onde vivo. Também sou do sertão. Também cresci cercada pelas águas do Velho Chico, pelas comunidades ribeirinhas, pelos saberes da terra e pelas histórias que atravessam gerações. Talvez seja por isso que sua escrita me pareça tão próxima da minha vida.

Quando iniciei a vivência na Educação de Jovens e Adultos, aconteceu algo que jamais esquecerei. Ao chegar à escola, a primeira imagem que encontrei foi justamente uma mangueira. Não a vi apenas como uma árvore oferecendo sombra. Naquele instante, ela me pareceu um símbolo da própria educação: um lugar onde as pessoas se encontram, conversam, compartilham experiências e produzem novos saberes.

Foi ali que compreendi que a pedagogia também nasce no chão.

Nasce debaixo das árvores.

Nas conversas.

Nas memórias.

Nos gestos de acolhimento.

Na liberdade de aprender a ler, escrever e assinar o próprio nome.

Durante os dias em que permaneci na Escola Municipal Paulo Freire, encontrei pessoas que buscavam muito mais do que a alfabetização. Elas buscavam pertencimento, autonomia e o direito de escrever a própria história. Ouvi estudantes dizerem que desejavam “assinar o nome” e ser sujeitos da própria caminhada. Naquelas palavras havia muito mais do que o desejo de aprender a escrever. Havia o desejo de existir plenamente diante do mundo.

Professor, ao ler *Pedagogia da Autonomia*, compreendi que ensinar não é transferir conhecimentos prontos, mas criar possibilidades para que eles sejam construídos coletivamente. Talvez seja por isso que, durante minha vivência na EJA, tantas de suas palavras tenham deixado de ser apenas leitura e passado a fazer parte da realidade que encontrei na escola.

Naquela sala de aula, percebi que quem ensina também aprende. Aprendi com os estudantes, com suas histórias, com seus modos de compreender a vida e com a riqueza dos saberes que carregavam consigo. Descobri que a aprendizagem acontece quando há diálogo, quando existe escuta e quando a escola reconhece que o conhecimento também nasce da experiência.

Houve um momento que permaneceu comigo. Em uma aula de História, as carteiras foram organizadas em círculo. Alguns estudantes estranharam aquela disposição. Estavam acostumados às fileiras, ao silêncio e à ideia de que aprender significava apenas ouvir o professor. Naquele pequeno gesto compreendi como certos modos de ensinar permanecem vivos por muito tempo. E compreendi também que renovar a educação exige, antes de tudo, coragem para transformar pequenas práticas cotidianas.

Confesso, professor, que eu também me sinto desconfortável diante de uma educação que reduz os estudantes ao silêncio, às provas e às fileiras enfileiradas. Sonho com salas onde o diálogo aconteça naturalmente, onde as pessoas possam olhar umas para as outras e onde aprender seja um exercício de encontro.

Talvez seja isso que a mangueira tenha me ensinado.

Sua sombra acolhe sem perguntar de onde cada pessoa veio.

Seus galhos oferecem abrigo. Suas folhas continuam caindo sobre o chão e lembrando que o conhecimento também nasce da terra, das conversas, das memórias e das vidas compartilhadas.

Quando deixar a universidade e entrar definitivamente em uma sala de aula.

Espero nunca me esquecer dessa mangueira.

Desejo que minha prática docente conserve um pouco da sombra daquela mangueira: um lugar onde cada estudante encontre acolhimento, escuta e liberdade para escrever a própria história.

Obrigada, professor.

Suas palavras continuam encontrando morada às margens do Velho Chico.

Com carinho,

Isabella (Bell) Xavier Silva

Bom Jesus da Lapa – Bahia, junho de 2026.

Referências

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

ENTRE ENCONTROS E ESCRIVIVÊNCIAS: O QUE APRENDI COM A EJA

Núbia Ferreira Gonçalves

Querida Núbia do passado,

Escrevo esta carta porque algumas experiências não cabem apenas na memória. Elas precisam ganhar palavras. Ao longo desta disciplina, fui atravessada por inquietações, encontros e descobertas que transformaram minha forma de compreender a Educação de Jovens e Adultos e, principalmente, minha maneira de compreender a mim mesma como futura pedagoga.

Talvez seja isso que Conceição Evaristo chama de escrevivência: quando a vida invade a escrita e a escrita passa a carregar as marcas daquilo que vivemos, sentimos e aprendemos. Por isso, o que compartilho aqui não é apenas o relato de uma experiência acadêmica, mas a narrativa de um olhar que foi sendo transformado ao encontrar outros olhares, outras histórias e outras formas de existir.

Quando iniciei a disciplina de Educação de Jovens e Adultos (EJA), minha compreensão sobre essa modalidade ainda era bastante limitada. Eu a enxergava como um espaço destinado àqueles que haviam interrompido seus estudos e buscavam recuperar o tempo perdido. Não imaginava a riqueza de histórias, saberes e experiências que encontraria ao longo desse percurso.

Hoje, ao olhar para trás, percebo o quanto essa visão era reducionista. A EJA não se resume a um lugar onde se retomam conteúdos escolares. Ela é, sobretudo, um espaço de emancipação, esperança e produção de novos sentidos para a vida. Talvez você ainda não soubesse disso, cara eu do passado, mas cada estudante que ocupa uma cadeira na EJA carrega consigo uma trajetória de resistência.

A escola em que realizei a observação está situada no centro de Paratinga, Bahia, em frente à Praça 2 de Julho. A instituição oferece duas turmas da Educação de Jovens e Adultos, correspondentes ao 6º/7º e ao 8º/9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos vespertino e noturno.

Durante o período de observação, as aulas seguiam uma organização semelhante à das demais modalidades de ensino. No entanto, chamou

minha atenção a forma como a semana de avaliações era organizada. Em vez de concentrar várias provas no mesmo dia, a escola realizava apenas uma avaliação por encontro, com possibilidade de adaptações quando necessário. Essa organização revela algo que considero fundamental: reconhecer que os estudantes da EJA possuem trajetórias, responsabilidades e necessidades distintas. Quando a escola considera essas especificidades, ela não apenas acolhe os estudantes, mas cria condições mais justas para que permaneçam e aprendam.

Nas turmas do período vespertino, observei que a maioria dos estudantes estava na transição entre a adolescência e a vida adulta e era oriunda, principalmente, da zona rural. Muitos haviam chegado à EJA após sucessivas experiências de reprovação e fracasso escolar. Enquanto os observava, lembrei-me das críticas de Paulo Freire à educação bancária, que, ao invés de fortalecer a autonomia dos sujeitos, muitas vezes contribui para que eles internalizem sentimentos de incapacidade e desvalorização.

Já no período noturno, a diversidade era ainda maior. Jovens, adultos e idosos compartilhavam o mesmo espaço educativo. Em sua maioria, eram moradores da sede do município que retornavam à escola em busca de mais autonomia, melhores condições de vida e da realização de sonhos que haviam sido interrompidos.

Ao acompanhar essas turmas, compreendi, na prática, uma reflexão de Bernard Charlot: a relação com o saber sempre está vinculada a um sentido. Na EJA, aprender raramente é um fim em si mesmo. Aprende-se para compreender um documento, exercer um direito, ajudar os filhos nas tarefas escolares, conquistar autonomia ou ampliar as possibilidades de participação na sociedade. Vi esse desejo refletido nos olhares dos estudantes que chegavam à escola depois de um longo dia de trabalho.

Uma das conversas que mais me marcou aconteceu com um dos professores da escola. Ao compartilhar sua trajetória profissional, ele contou que escolheu permanecer na EJA porque reconhecia a riqueza dos saberes que seus estudantes traziam das experiências construídas ao longo da vida. Para ele, a sala de aula era um espaço de trocas: enquanto oferecia os conhecimentos sistematizados da escola, aprendia com os saberes produzidos no trabalho, na família, na comunidade e na própria vida dos estudantes.

Naquele momento, compreendi, de forma muito concreta, as palavras de Paulo Freire quando afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Mais do que uma frase,

percebi que essa era uma prática cotidiana naquela escola. O diálogo, o reconhecimento dos saberes dos estudantes e a construção coletiva do conhecimento revelavam uma prática pedagógica comprometida com a emancipação humana. Uma das situações que mais me marcou aconteceu durante a aplicação de uma avaliação de Língua Inglesa. Dona Luiza olhou para a prova, permaneceu alguns instantes em silêncio e, em seguida, disse ao professor: “Eu não sei nada de inglês. Nunca tive uma aula de inglês.”

Naquele momento, o professor não insistiu para que ela simplesmente respondesse às questões. Antes de qualquer decisão, procurou escutá-la, compreender sua trajetória e pensar em uma forma de desenvolver a atividade sem desconsiderar sua realidade. A partir dessa conversa, adaptou a proposta e encontrou uma estratégia que permitiu sua participação. Curiosamente, outros estudantes também optaram por realizar a atividade da mesma maneira.

Essa experiência me marcou profundamente. Enquanto observava aquela cena, compreendi o quanto a escuta pode transformar uma prática pedagógica. Lembrei-me de Jorge Larrosa quando afirma que a experiência é aquilo que nos acontece, nos toca e nos transforma. Naquele instante, não foi apenas Dona Luiza quem aprendeu. Eu também fui atravessada por aquela experiência.

Foi nesse momento que comecei a refletir sobre algo que passei a chamar, para mim mesma, de ‘homicídio pedagógico’. Não me refiro à ausência física dos estudantes, mas ao risco de silenciarmos suas histórias, ignorarmos seus saberes e desconsiderarmos suas experiências. Quando isso acontece, o estudante deixa de se reconhecer naquele espaço e, pouco a pouco, vai se afastando da escola. Esse afastamento não é apenas físico; é também simbólico, pois comunica que aquele lugar já não lhe pertence.

As reflexões de bell hooks ajudaram-me a compreender ainda melhor essa questão. Para a autora, a sala de aula precisa constituir-se como um espaço de liberdade, crescimento e humanização, e não de medo ou opressão. Pensar a Educação de Jovens e Adultos exige reconhecer que cada estudante chega à escola trazendo uma história de vida que precisa ser respeitada e valorizada.

Outro aspecto que me chamou atenção foi a dificuldade de muitos professores em utilizar o livro didático. Alguns o consideravam pouco adequado à realidade das turmas; outros demonstravam insegurança para adaptá-lo às necessidades dos estudantes. Essa observação retomou

muitas discussões realizadas durante a disciplina, especialmente sobre a importância da formação continuada para os docentes da EJA.

Ao refletir sobre essa realidade, lembrei-me de Walter Benjamin, quando discute a pobreza da experiência. Penso que, sem espaços permanentes de estudo, reflexão e formação, corre-se o risco de reduzir o trabalho docente à simples aplicação de técnicas, enfraquecendo o potencial criativo, crítico e transformador da prática educativa.

Ao final dessas observações, compreendi que a Educação de Jovens e Adultos ainda enfrenta muitos desafios. Entretanto, também percebi que pequenas atitudes — como escutar um estudante, adaptar uma atividade ou reconhecer um saber construído fora da escola, podem transformar profundamente a experiência educativa.

Hoje, cara eu do passado, compreendo que essa vivência transformou profundamente minha forma de olhar para a Educação de Jovens e Adultos. Aprendi que não existe educação emancipadora sem esperança, mas também compreendi que a esperança, sozinha, não basta. Ela precisa caminhar ao lado de práticas concretas de acolhimento, escuta, respeito e compromisso com a permanência dos estudantes.

Ao longo desse percurso, aprendi que ensinar na EJA exige reconhecer os saberes construídos ao longo da vida, compreender as diferentes trajetórias de aprendizagem e criar condições para que cada estudante possa permanecer na escola com dignidade. Mas talvez o maior aprendizado tenha sido outro: compreender que também somos transformados pelas pessoas que encontramos no caminho. Cada conversa, cada silêncio, cada dificuldade e cada gesto de acolhimento deixaram marcas na educadora que estou me tornando.

Talvez seja justamente isso que Conceição Evaristo chama de escrevivência. Escrever esta carta também significou revisitar a experiência vivida e perceber que ela continua produzindo sentidos em mim. Ao escrever, compreendi que a EJA não transformou apenas a estudante que um dia fui. Ela também continua formando a professora que desejo me tornar.

Por isso, finalizo esta carta com profunda gratidão.

Agradeço à Escola Municipal Borges dos Reis por abrir suas portas e permitir que essa experiência acontecesse. À professora Isaura Francisco de Oliveira, pela condução sensível da disciplina e pelas reflexões que ampliaram meu olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos. Aos professores da escola, que, mesmo diante dos inúmeros desafios, seguem ensinando

com compromisso e humanidade. E, principalmente, aos estudantes da EJA, que me ensinaram, com suas histórias, que a educação continua sendo um ato de esperança, resistência e recomeço.

Com imensa gratidão e carinho,

Núbia Ferreira Gonçalves

Paratinga(BA), Junho de 2026

Referências

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

POSFÁCIO

Das margens que nos atravessaram

Há travessias que não se concluem quando chegamos à outra margem. Há rios que continuam correndo dentro de nós, mesmo depois que as águas ficaram para trás. Este livro é uma dessas travessias.

Quando o convite para escrever este posfácio chegou até mim, senti algo que só os rios conhecem: a alegria de se encontrar com outro curso d'água e perceber que, juntos, a corrente fica mais forte. Uma onda de esperança me atravessou, por saber que a EJA permanecerá viva no olhar e nas mãos de futuros docentes que, com tanta sensibilidade e amor, se dedicaram a trazer em suas cartas as memórias, as vozes, as histórias, as narrativas e os encontros daqueles que vivem às margens, isso não é pouca coisa. Isso é tudo. Porque a EJA é parte de mim e parte do que eu sou, do que pesquiso, do que escrevo e do que vivo. Foi o encontro do Oceano Atlântico, de onde venho, com o Velho Chico, que corre nestas páginas. Geografias distantes que, quando se encontram, se reconhecem e se amam. Porque a água, no fundo, sempre encontra o seu caminho.

Quando a EJA nos ensinou nasceu às margens do São Francisco, no Território do Velho Chico não apenas como metáfora, mas como lugar real, vivido e sentido por vinte e cinco estudantes de Pedagogia da UNEB, Campus XVII, que se aventuraram a observar, escutar, refletir e, sobretudo, escrever. Escrever cartas. Escrever-se.

Ao longo das cinco margens que organizam esta coletânea: *chegar, lembrar, escutar, tornar-se e escrever*, o leitor foi conduzido por uma travessia que não é apenas temática, mas profundamente existencial. Cada carta carrega uma voz singular, mas todas convergem para um mesmo reconhecimento: a Educação de Jovens e Adultos não é apenas um campo de ensino é um campo de humanização.

As futuras pedagogas e o futuro pedagogo que aqui escrevem chegaram à EJA com olhares ainda em formação. Encontraram homens e mulheres que decidiram recomeçar, mães que voltaram à escola, avós que nunca puderam ir, trabalhadores que carregam nos corpos a história de um país que lhes negou o direito de aprender. E nesses encontros, algo se transformou, não apenas nos sujeitos da EJA, mas naqueles que foram ensinar e saíram aprendendo.

As memórias que chamam pelo nome, as escutas que educam, os olhares que aprendem a ver além do preconceito, as identidades docentes que se constroem no encontro com o outro, tudo isso pulsa nestas páginas com a força das águas do Velho Chico. Não à toa, tantas cartas evocam mães, avós, pais, figuras que personificam a própria EJA: sujeitos que a vida tentou deixar para trás, mas que se recusaram a parar.

Este livro é, portanto, um ato político. É a afirmação de que a formação docente não acontece apenas nas salas de aula da universidade, mas nos territórios, nas histórias, nas margens. É a defesa de uma educação que Paulo Freire chamou de *prática da liberdade*, aquela que não domestica, mas emancipa; que não cala, mas dá voz.

Que estas cartas sigam seu curso como as águas do Velho Chico: tocando margens, abrindo caminhos, lembrando a cada leitor que a Educação de Jovens e Adultos é feita de vidas que insistem em florescer. E que, ao fechar este livro, algo permaneça não apenas como reflexão, mas como sentimento: o de ter sido atravessado por histórias que não pedem licença para nos transformar.

Porque aprender, como nos ensinaram os sujeitos da EJA, não tem idade. Tem coragem. Tem esperança. Tem resistência. Tem amorosidade. *E tem rio.*

Profa. Me. Mônica Clementino de Menezes

Porto Seguro, Ba
Julho de 2026

SOBRE A ORGANIZADORA



Isaura Francisco de Oliveira é doutora em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em Educação de Jovens e Adultos pelo Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos (MPEJA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) e graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT), Campus XVII. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Currículo, Avaliação, Trabalho e Educação de Adultos (GEPECATEA). E-mail: isaurauneb@gmail.com



Rio São Francisco, comunidade da Barrinha (BA).

Fotografia de Isaura Francisco de Oliveira, julho de 2025.

“ A educação não transforma o mundo.
A educação muda as pessoas.
As pessoas transformam o mundo. ”

Paulo Freire

Estas cartas nasceram às margens do
Rio São Francisco, no Território Velho Chico.
São escritas de encontros entre futuras
pedagogas e os sujeitos da Educação de
Jovens e Adultos. São memórias, escutas,
descobertas e aprendizagens que nos lembram
que ensinar e aprender são gestos de amor,
resistência e esperança.



Municípios de origem das autoras e dos
contextos educativos que inspiraram
as cartas desta coletânea.

*Do Velho Chico brotam histórias.
Das histórias, nascem futuros.*



UNEB

ISBN 978-655397338-1



9

786553

973381